

FALE 
Programa de
Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos - POSLIN

UF  MG

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

MATHEUS HENRIQUE DUARTE

**AS FORMAÇÕES NEOLÓGICAS MAIS FREQUENTES
EM COMENTÁRIOS *ONLINE*: CONTRIBUIÇÕES
PARA O ENSINO DO PORTUGUÊS**

BELO HORIZONTE – MG

FEVEREIRO 2019

MATHEUS HENRIQUE DUARTE

**AS FORMAÇÕES NEOLÓGICAS MAIS FREQUENTES EM
COMENTÁRIOS *ONLINE*: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DO
PORTUGUÊS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Ensino do Português

Prof. Dr. Aderlande Pereira Ferraz
Orientador

**BELO HORIZONTE – MG
FEVEREIRO 2019**

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

D812f

Duarte, Matheus Henrique.

As formações neológicas mais frequentes em comentários online [manuscrito] : contribuições para o ensino do português / Matheus Henrique Duarte. – 2019.

125 f., enc. : il., tabs., grafs., color.

Orientador: Aderlande Pereira Ferraz.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Ensino do Português.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 111-114.

Apêndices: f. 115-125.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 2. Língua portuguesa – Métodos de ensino – Teses. 3. Língua portuguesa – Neologismos – Teses. 4. Língua portuguesa – Formação de palavras – Teses. 5. Língua portuguesa – Lexicologia – Teses. 6. Gêneros textuais – Teses. I. Ferraz, Aderlande Pereira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.07



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

PosLin

FOLHA DE APROVAÇÃO

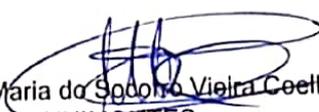
**AS FORMAÇÕES NEOLÓGICAS MAIS FREQUENTES EM
COMENTÁRIOS ONLINE: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DO
PORTUGUÊS**

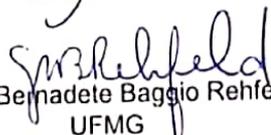
MATHEUS HENRIQUE DUARTE

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Ensino de Português.

Aprovada em 22 de fevereiro de 2019, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Aderlande Pereira Feiraz - Orientador
UFMG


Prof(a). Maria do Socorro Vieira Coelho
UNIMONTES


Prof(a). Maria Bernadete Baggio Rehfeld Santos
UFMG

Belo Horizonte, 22 de fevereiro de 2019.

À Isabela, Valéria, Bruna, Henrique e Ana Júlia dedico

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me concedeu o dom da vida e a coragem para continuar resistindo.

À minha família, Isabela, Bruna, Henrique, Valéria e Ana Júlia que são os motivos de eu insistir na vida.

Ao meu tio Alexandre que também sempre foi e é motivo de inspiração.

Ao meu orientador Aderlande pela paciência, pelo respeito, pela ética, pelo carinho, pela compreensão, enfim, por me ensinar muito mais do que exige a pós-graduação.

Aos meus amigos de Lavras, Bruno, Jorge, Laís, Gabriel e Maico. A vocês devo a gratidão de uma vida.

A Jorge Garcia e Bruno Borges, serei sempre grato pela amizade de vocês e por **exatamente tudo** até aqui.

À Francieli e Lucas Mariano, meus amigos de outras vidas.

A todos os professores a quem tive a honra de conhecer e mostraram como é laborioso, porém recompensador ser professor.

À CAPES, pelo patrocínio no último ano do mestrado.

À Ires, Cris, Antônio, Arthur, Felipe, Bruna, Salis e tantos outros que tive a honra de conhecer e conviver. Vocês me ensinaram muito.

À Izabela Zacaroni, agradeço por suportar comigo os dias alegres e também os dias frios! Você é incrível!

À Helena. Eu não ousou nem mesmo criar uma palavra que possa te descrever. Nunca me esquecerei de ser grato a você!

A todos os professores do Brasil, que resistem para exercer uma das mais lindas profissões. Vocês me inspiram a não desistir.

RESUMO

O presente estudo assume o compromisso de empreender uma pesquisa acerca de perspectivas para o estudo do léxico, considerando as formações neológicas mais frequentes no gênero textual emergente comentário *online*. Considerando os impactos das novas tecnologias digitais nas formas do uso normatizado da língua, este trabalho pretende descrever as formações neológicas, com suas regras de formação de palavras, presentes em textos de comentários *online* em ambientes virtuais, bem como inventariar ocorrências de itens lexicais presentes em comentários *online* que apresentam processos formativos diferentes dos pressupostos apresentados pela gramática normativa e sistematizar os procedimentos utilizados na formação desses vocábulos. Além disso, o trabalho também aponta para a necessidade de apresentar uma abordagem pedagógica a partir da análise dos neologismos coletados com ênfase no ensino dos processos de formação de palavras novas, isso porque é visível como é necessário que o ensino de Língua Portuguesa tal como vemos atualmente seja repensado de forma que o ensinamento da língua atue significativamente na vida do sujeito aluno, uma vez que esses impactos nas formas de uso da língua têm propiciado re-dimensionamentos que incidem diretamente sobre a forma de ler e escrever e reconstruam as formas institucionalizadas de modo a propor novos parâmetros para a comunicação. A pesquisa compreende o léxico de acordo com Ferraz (2008, p. 146) que define como “o conjunto aberto, organizado por regras produtivas, das unidades lexicais que compõem a língua de uma comunidade linguística” e, nesse contexto, as formações neológicas são classificadas de acordo com Alves (1990) que as definem como: semântica, formal e de empréstimo. Ainda nessa direção, nos ancoramos também em teóricos como Rocha (1998), Ganança (2017), Contiero e Ferraz (2014), Alves (2010), Valente (2010), Correia (2011), entre outros que versam sobre o processo de neologia no Português Brasileiro. Para a coleta dos dados adotamos como procedimento metodológico o critério lexicográfico em que só é possível afirmar o caráter neológico do item lexical caso ele não esteja presente nos dicionários. Os dados obtidos têm revelado como a língua pode apresentar processos variados, que não só os da gramática, para formar novos vocábulos que imprimem maior expressividade ao discurso, ou, até mesmo, nomear objetos, eventos, entre outros. É possível perceber nos dados apresentados as formações que são mais comuns na língua e que, inclusive, estão presentes nos livros didáticos e são ensinadas nas escolas. Como é o caso das derivações prefixais e sufixais que ainda se mostram extremamente produtivas no Português brasileiro e também agregam um valor semântico à base de acordo com a intencionalidade do usuário da língua.

Palavras-chave: Neologismo. Escrita. Gêneros Digitais. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

The present research assumes the commitment to undertake a research about perspectives for the study of the lexicon, considering the most frequent neological formations in the emerging genre online commentary textual. Considering the impacts of the new digital technologies in the forms of the normalized use of the language, this work intends to describe the neological formations with their rules of word formation, present in online comments texts in virtual environments, as well as to inventory occurrences of lexical items present in online comments that present different formative processes of the pre-suppositions presented by the normative grammar and codify the procedures used in the formation of these words. In addition, the work also points to the need to present a pedagogical approach, based on the analysis of the neologisms collected, with emphasis on the teaching of the processes of formation of new words, this is because it is necessary to see that the teaching of Portuguese Language as we currently see, is rethought in a way that language teaching plays a significant role in the life of the student subject, since these impacts on the forms of language use have led to focus that directly affect the way of reading and writing and reconstruct institutionalized forms in order to propose new parameters for communication. According to Ferraz (2008, p. 146), the research defines “the open set, organized by productive rules, of the lexical units that make up the language of a linguistic community” and, in this context, the neological formations are classified according to Alves (1990) who define them as: semantic, formal and loan. Still in this direction, we also anchor ourselves in theorists such as Rocha (1998), Ganança (2017), Contiero and Ferraz (2014), Alves (2010), Valente (2010), Correia (2011), among others that deal with the neology in Brazilian Portuguese. In order to collect the data, we adopt as a methodological procedure the lexicographic criterion, in which it is only possible to affirm the neological character of the lexical item if it is not present in the dictionaries. To date, the data have revealed how language can present varied processes, not only those of grammar, to form new vocabulary that expresses greater expressiveness to speech, or even to name objects, events, among others. It is possible to perceive in the presented data the formations that are most common in the language and that, even, are present in the textbooks and are taught in the schools. As is the case of prefixal and suffix derivations that are still extremely productive in Brazilian Portuguese and also add a semantic value based on the intentionality of the user of the language.

Keywords: Neologism. Writing. Digital Genres. Teaching of Portuguese Language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1 – Subdivisões do léxico	15
Figura 2.2 – Neologismos Formais: Derivação e Composição.	23
Figura 4.1 – Propaganda Burger King	43
Figura 6.1 – Percentual de ocorrências das formações neológicas	84
Figura 7.1 – Definição de Neologismo.	89
Figura 7.2 – Exercício Para Leitura Multissemiótica.	89
Figura 7.3 – Atividade sobre relações lexicais.	92
Figura 7.4 – Exercício Sobre o Processo de Composição	93
Figura 7.5 – Exercício sobre Composição e Produção Textual.	95
Figura 7.6 – Exercício sobre Jargão.	98
Figura 7.7 – Exercício sobre Dedução de sentido.	100
Figura A.1 – Dados Coletados	117
Figura A.2 – Dados Coletados (Continuação)	118
Figura A.3 – Dados Coletados (Continuação)	119
Figura A.4 – Dados Coletados (Continuação)	120
Figura A.5 – Dados Coletados (Continuação)	121
Figura A.6 – Dados Coletados (Continuação)	122
Figura A.7 – Dados Coletados (continuação)	123
Figura A.8 – Dados Coletados (Continuação)	124
Figura A.9 – Dados Coletados (Continuação)	125
Figura B.1 – Dados Coletados - Frases feitas	126
Figura B.2 – Dados Coletados - Frases feitas (Continuação)	127

LISTA DE TABELAS

Tabela 5.1 – Tabela de Neologismos I	55
Tabela 5.2 – Tabela de Neologismos II	57
Tabela 5.3 – Tabela de Neologismos III	57
Tabela 6.1 – Tabela Geral de Neologismos	60
Tabela 6.2 – Tabela Fraseológica	69

SUMÁRIO

1	Introdução	10
2	Por um ensino de Língua Portuguesa voltado para o Léxico	13
2.1	Os Processos Neológicos e os Neologismos	17
2.1.1	Formações Neológicas por meio da derivação	23
2.1.2	Neologismos Lexicais: Outros Processos	27
2.2	Léxico e Competência Lexical: Um breve estudo	28
3	Gêneros Digitais e Sala de aula: Letramentos Indissociáveis	29
3.1	Escola e Letramento: Espaços de (Re)Construção	36
4	Gênero Digital Comentário <i>Online</i> : Construtos Basilares	41
4.1	3.1 Internet x Interação x Linguagem: O internetês	48
5	Metodologia	53
6	Análise dos dados	59
7	Livros didáticos: considerações sobre o léxico	86
7.1	Português: Literatura; Gramática; Produção de Texto (2010)	88
7.2	Português: Contexto, Interlocução e Sentido (2008)	91
7.3	Português: Contexto; Interlocução e Sentido (2010)	95
7.4	Português: Contexto, Interlocução e Sentido (2013)	97
7.5	Português: A Arte da Palavra (2010)	97
8	Possibilidades para o trabalho com a Língua Portuguesa e Gêneros Digitais	104
9	Considerações Finais	111
A	Apêndice 1	117
B	Apêndice 2	126

1 INTRODUÇÃO

A interação sempre foi a base do desenvolvimento humano, seja ele econômico, social, entre outros. Além disso, é parte inerente ao homem a necessidade de se comunicar com outros seja por qualquer motivo, e assim, o universo das palavras sempre foi uma questão muito interessante a grande parte dos usuários da língua, de forma que o indivíduo planeja e constrói o mundo e o materializa por suas palavras.

Assim, reconhecendo a complexidade, por ser um ato individual dos sujeitos que interagem, além de interessante, esse universo também é alvo de grandes entraves que por vezes tem sido tratado de maneira marginalizada nos estudos. Alertamos aqui à questão de que o domínio das palavras é parte primordial nas relações humanas, saber interagir e se comunicar é parte intrínseca a todos nós, então, a lexicologia toma como base os estudos relativos ao léxico da língua. Isto é, a todas as questões pertinentes às palavras da língua, seja na sua relação textual, seja na sua relação morfológica.

Nessa direção, consideramos aqui a língua como um organismo vivo, dessa maneira, ela acompanha os processos naturais da sociedade. A língua é de domínio público, bem como as suas palavras, então, conhecer as palavras de uma língua está diretamente relacionado a conhecer um povo, conhecer a sua cultura, a sua história, é conhecer os grupos sociais pelos quais já passamos ou permanecemos. Tão importante a língua que em grande parte dos processos de invasão de terras para dominação um dos primeiros passos a ser tomado era a imposição da língua dos povos dominadores, a exemplo do Brasil, que ainda hoje a Língua Portuguesa é um reflexo do nosso processo de dominação. Então, enquanto usuários da língua, desse organismo vivo, é nossa função atualizar o sistema linguísticos criando, incorporando, resignificando as palavras.

Essa realidade é possível constatar atualmente, principalmente nos usos digitais da língua em que o texto digitado revela essa mescla entre oralidade e escrita, formando, assim, novas maneiras de se dizer. Na sociedade em que tudo é urgente e rápido, a língua magicamente se adapta a esse contexto e deixa-se ser manipulada por seus usuários que criam novas palavras, principalmente nas redes sociais. No entanto, a relação entre língua, interação e ambientes digitais não é apenas uma mera constatação, mas alvo de pesquisas que buscam inventariar uma nova realidade que vem surgindo e cada vez mais ganhando força entre seus usuários. Atualmente, o processo de escrita também é reservado a outros domínios e ambientes, como o digital, a escrita na tela demanda

novas habilidades e competências. A leitura idem. Assim, é possível constatar que há, atualmente, uma emergência para que os estudos linguísticos se preocupem com as novas formas de linguagem que surgem nas redes sociais, como é o caso dos famigerados “memes”.

As relações linguísticas em ambientes digitais trazem não só um redimensionamento nas formas de grafia das palavras ou estrutura sintática, mas também reorganiza as interações de forma a criar novos gêneros ou adaptar esses gêneros a essa nova realidade e é nesse contexto livre para interação entre os indivíduos que nascem manifestações linguísticas como o “internetês”, por exemplo. Os usuários da língua sentem-se livres para manifestar diversas formas linguísticas que, em muitos casos, não são dicionarizadas. Nesse contexto, ocorre a ampliação do sentido das palavras, como é o caso dos neologismos semânticos, destaca-se, também, os neologismos formais que apresentam grafias diferentes para palavras já dicionarizadas ou, em alguns casos, mesmo que raros, criação de novas palavras sem base nenhuma em algum item lexical da língua e, por último, mas não menos importante, os casos de importações em que são incorporadas palavras de outros sistemas linguísticos à nossa língua materna.

Criar palavras tem sido uma maneira extremamente proficiente de o falante poder expressar seu pensamento com novos recursos, além das palavras existentes e, contando com a criatividade dos usuários da língua, esta é um organismo vivo que acompanha nossos processos de desenvolvimento enquanto nação. Podemos dizer que a língua é o que move e permite que as sociedades evoluam, assim, os registros evoluem e marcam épocas e acontecimentos históricos.

Sabendo da necessidade de registrar as novas formas linguísticas mais recorrentes nas redes sociais, este trabalho se dedica a não só explicitar como se tem escrito atualmente, mas também entender o que se quer dizer e, por fim, propor encaminhamentos para que o ensino de Língua Portuguesa estimule nos alunos o movimento criativo de ampliar o léxico da nossa língua, para isso, é necessário que entendamos todos os processos que permitem que novas palavras sejam criadas. Desde a influência dos ambientes digitais, até a escola como um espaço de aprendizado que oportuniza aos alunos experiências que os permitam inovar suas maneiras de dizer.

Assim, o presente trabalho busca esclarecer questões e ampliar o sentido para aqueles que acreditam no ensino de Língua Portuguesa apenas pelo viés da gramática,

mas busca, também, salientar para a necessidade de propostas que contemplem a língua como um meio de interagir nas mais diversas esferas da sociedade.

2 POR UM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA VOLTADO PARA O LÉXICO

A língua é um organismo vivo. Partindo dessa afirmativa, construímos nesta seção as implicações dessa vivacidade da língua no universo das palavras, portanto, aqui trataremos não só sobre como os processos de formação de palavras têm se renovado, como também discutiremos a relação entre os usos da língua e como a expansão do léxico possui implicações também discursivas e não só morfológicas e sintagmáticas como é preconizado nos manuais didáticos.

O conhecimento sobre a língua é um dos maiores bens que o homem possui, isso porque, é por meio dela que trocamos conhecimento e produzimos saber, assim, a língua enquanto ferramenta de transformação social é um dos primeiros domínios adquiridos no processo formativo do sujeito e o acompanha durante o desenvolver da vida. A língua, como nós a encaramos aqui é muito mais do que um sistema de códigos que precisam ser decodificados, mas, antes, é também um organismo vivo que acompanha a sociedade e suas evoluções e é tão cara aos estudos linguísticos por isso.

A nossa língua é nosso instrumento de interação, que marca os momentos históricos vivenciados pela humanidade, conhecer um povo é também conhecer a sua língua. Tamanha importância que a língua exerce nas formas de se organizar socialmente entre os povos ela é, também, uma forma de exercer poder sobre o outro, por isso, nos processos de dominação dos povos há que se lembrar de que as primeiras recomendações dentre catequizar e impor cultura, era também primordial que se, na grande parte dos casos, impusesse a língua do povo dominante, para que, dessa forma, perdendo a língua materna, os dominados também tivessem apagado parte da sua história.

Então, a língua se materializa por meio de palavras¹, essas, por sua vez, se organizam sintaticamente e estruturam textos que carregam discursos. Dessa maneira, a unidade básica para a construção de textos é a palavra que guarda os registros e evoluções de uma sociedade (FERRAZ, 2010). Ao conjunto de todas as palavras da língua chamamos de Léxico, nesse sentido, nele encontramos não só as lexias disponíveis para uso, como também afixos que possibilitam novas formações.

¹ É importante salientar aqui que temos conhecimentos sobre a nebulosidade no que se refere ao conceito de “palavra”, no entanto, optamos pelo uso da unidade léxica “palavra” sem nenhuma implicação conceitual com vistas a aproximar nossa escrita do leitor que ainda não possui conhecimento sobre as os problemas teóricos.

Com base em Correia (2011) apresentamos um conceito que será utilizado por nós neste trabalho como uma definição para léxico, de acordo com a autora:

O léxico de uma língua é o conjunto virtual de todas as palavras de uma língua, isto é, o conjunto de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis tendo em conta as regras e os processos de construção de palavras. O léxico inclui, ainda, os elementos que usamos para construir novas palavras: prefixos, sufixos, radicais simples ou complexos. (p.227)

Partindo dessa definição podemos, então, acrescentar que, além de todas essas características que delimitam o léxico, além de palavras agrupadas, o léxico é também um grande registro cultural de uma sociedade e “é certo que o léxico nos diz muito a respeito da cultura de um povo, trazendo à tona suas formas de se organizar em sociedade, suas visões políticas, suas bandeiras ideológicas e maneiras específicas de interagir em contextos específicos” (CONTIERO; FERRAZ, 2014, p.45), assim, fica claro que, numa postura investigativa, por meio do léxico conseguimos identificar inclusive as transformações vivenciadas por nossos antepassados, afinal, o léxico possui os registros de evolução não só linguísticos (por nós estudantes, diacrônicos), mas também em aspectos sociais.

Sabendo da riqueza que o léxico de uma língua possui, é possível afirmar que, considerando a vivacidade da língua, “O acervo lexical de todas as línguas vivas se renova. Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada pelos falantes de uma comunidade linguística” (ALVES, 1990, p.5). Nesse contexto, partindo dos estudos sobre a teoria lexical, é extremamente importante, agora, estabelecer uma diferenciação entre léxico e vocabulário. Como já apontamos, o léxico é o agrupamento de todas as palavras da língua que são disponíveis² ao seu usuário, o vocabulário, por sua vez, parte dos domínios de determinados vocábulos que são característicos de grupos sociais específicos, por exemplo, os skatistas que possuem um vocabulário específico entre si. É como se o domínio do vocabulário estivesse relacionado à “caixinhas” de domínios específicos de grupos sociais. Ainda de acordo com Correia (2011)

Por seu turno, o vocabulário é conjunto factual, entre muitos possíveis, de todos os vocábulos atestados num determinado registro linguístico, isto é, um conjunto fechado de todas as palavras que ocorrem de facto nesse registro. Deste modo, podemos falar do vocabulário de Guimarães

² Neste capítulo não vamos nos ater ao conceito de Competência Lexical e as problemáticas no seu processo de desenvolvimento.

Rosa, de Mia Couto ou de Saramago, assim como podemos falar do vocabulário da medicina, da informática ou das modalidades olímpicas. (p.227-228)

De forma a sistematizar o que vimos até agora elaboramos um esquema que facilita a compreensão:

Figura 2.1 – Subdivisões do léxico



Fonte: Do Autor, 2019

Agora que entendemos como o léxico se subdivide em vocabulários que caracterizam domínios de diferentes grupos sociais, é preciso apontar que, nesse contexto, há um recorte no que se refere ao repertório dos usuários da língua em que dividimos da seguinte maneira: **a) vocabulário ativo; b) vocabulário passivo; c) vocabulário de reserva.** Em linhas gerais e de maneira sucinta, o **vocabulário ativo** é aquele que o falante possui e dispõe na comunicação, isto é, o vocabulário que ele possui armazenado, possui segurança quanto ao seu uso e o emprega cotidianamente, enquanto o **vocabulário passivo** é aquele que o falante reconhece, mas não o emprega no discurso por desconhecer com precisão seu sentido e contexto de uso e, por fim, o **vocabulário de reserva** se refere aquele que o falante conhece, mas não é utilizado cotidianamente, geralmente esse tipo de vocabulário é mais empregado em textos escritos em contextos específicos.

A partir desses conceitos basilares sobre a teoria lexical, voltamos à questão norteadora deste trabalho que é a vivacidade da língua e a sua capacidade de expandir o léxico. Retomando o postulado de Alves (1990, p.5) sobre o fato de que o arquivo lexical de toda língua viva se renova, é necessário apontar, mesmo que inicialmente, que esses processos de renovação linguística partem, em sua grande maioria, da criação de novas

unidades léxicas, conhecidas como neologismos. Sistemáticamente, o processo de criação de novas palavras perpassa antes por um processo de neologia em que o produto final são os neologismos, mais detalhadamente, de acordo com a visão de Alves (1990) podemos descrever da seguinte maneira:

Para a autora e nos respaldando também em Ferraz (2010), o resultado dos processos de neologia, que resultam em neologismos “pode ser formado por mecanismos oriundos da própria língua, os processos autóctones, ou por itens léxicos provenientes de outros sistemas linguísticos.” (ALVES, 1990, p.5).

No que se refere à classificação do que consideramos enquanto neologismos, apontamos dois critérios que são mais utilizados atualmente em pesquisas no campo da lexicologia.

O primeiro a ser abordado é o lexicográfico, que utilizamos para a consecução da pesquisa, em que uma formação neológica será considerada como tal caso não esteja presente nos dicionários gerais da língua, por isso é importante ao pesquisador em lexicologia a consulta incessante aos dicionários mais publicados mais recentemente. Uma opção rica para os pesquisadores são os dicionários digitais, uma vez que sua atualização acontece mais rapidamente que os dicionários impressos.

A segunda forma de atestar o caráter neológico da unidade lexical é por meio da “sensação de neologismo”, a esse damos o nome de critério psicológico, isto é, uma unidade será considerada neológica caso os usuários da língua a considerem como um neologismo, para isso precisam da “sensação de neologismo”. Ganança (2017, p.74-75) aponta que “(...) uma unidade lexical será neológica se os falantes da língua a reconhecerem como tal. Dentre os critérios, este se apresenta como o mais difícil de ser efetivamente aplicado e como o mais subjetivo de todos.”.

Não basta a criação do neologismo para que ele se torne membro integrante do acervo lexical de uma língua. É, na verdade, a comunidade linguística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua não-difusão, que decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma (ALVES, 1990, p.84)

Assim, é possível perceber que, sendo o léxico de domínio social, como aponta (ALVES, 1990), além do processo de criação, cabe aos usuários da língua legitimar se determinada unidade lexical será ou não um neologismo a ser fixado na língua e, posteriormente, inserido em dicionários.

Além disso, decorrentes do processo de neologia, resultam dois aspectos a caracterizarem os neologismos quanto ao uso: **a) estilístico** e **b) denominativo**. Enquanto os neologismos estilísticos são relativamente efêmeros, criados pela necessidade de dar maior expressividade a determinados usos sociais da linguagem, os neologismos denominativos são processados pela necessidade de nomear objetos e conceitos novos na língua. No entanto, o uso contínuo de unidades neológicas faz com que elas percam a sua sensação de novidade e, com isso, passam a ser incorporadas ao dicionário de língua. Quando ocorre a dicionarização, as palavras tidas como neologismos perdem essa característica. Como dissemos anteriormente, nos guiamos pelo critério lexicográfico.

Considerando, então, essas características sobre as formações neológicas na Língua Portuguesa, apresentaremos agora os processos pelos quais uma unidade lexical pode passar para se tornar um neologismo na língua. Esses processos explicitam como a língua é rica e viva, sendo assim, a criação de novas palavras é um fenômeno em potencialidade.

2.1 Os Processos Neológicos e os Neologismos

Ainda no que se refere à expansão do léxico por meio do processo de criação de novas unidades lexicais, (ALVES, 1990) destaca a possibilidade de neologismos fonológicos, estes são mais raros em sua ocorrência devido a sua característica de criação com base em elementos pouco realizáveis em termos de escrita, por exemplo, as criações onomatopaicas. O que é possível perceber ainda hoje são os fenômenos fonológicos provocando alterações significativas em termos de acentuação, por exemplo, mas que não se restringe apenas a esse fenômeno. No entanto, a neologia fonológica é ainda mais complexa porque, para que um neologismo se fixe na língua há o critério de aceitabilidade que demanda não só do produtor da unidade lexical neológica, é necessário também que nos contextos de uso as pessoas que participam da interação tenham consciência dessas alterações e quais as intencionalidades daquela alteração, muitas vezes gráfica, o que, em alguns casos, por não se fazer entendido, considerando a subjetividade do seu “querer dizer”, pode barrar a comunicação.

Na verdade não basta que um significante esteja de acordo com o sistema de uma língua para que ele se torne um elemento integrante do léxico desse idioma. É o próprio mecanismo da comunicação que impede a vivacidade da neologia fonológica, a fim de garantir a eficácia da mensagem. A unidade léxica tem caráter neológico à medida que é interpretada pelo receptor. Um significante original, não é conforme

ao sistema de uma língua, provavelmente não será decodificado e, nesse caso, a comunicação não será efetuada (ALVES, 1990, p.11).

Nesse contexto fica evidente o fato de a língua ser de uso social, uma vez que a aceitabilidade depende apenas dos seus usuários. O porquê de algumas formas serem aceitas ou não ainda é um fato nebuloso para todos nós, no entanto, o que nos parece mais plausível como explicação reside na sensação de “erro”, uma vez que, por exemplo, não se difunde o neologismo “*tweetador*”, isto é, alguém que posta “*tweets*”. Nesse caso que citamos também outras questões pertinentes, primeiro o fato de que, para designar a função de “alguém que posta *tweets*” já existe a forma “*tweeteiro*”, assim, muito dificilmente duas formas vão ocorrer simultaneamente. Soma-se a isso, o fato de que, de alguma maneira, a pronúncia de “*tweetador*” soa como um erro em termos gráficos.

Sendo de caráter social, há uma resistência coletiva a toda inovação linguística, pois a língua constitui um patrimônio comum a todos os falantes de uma comunidade linguística. Essa afirmação não significa que a língua não evolua ou que não exista criação linguística: no caso do léxico, a evolução se processa por meio de vários recursos, que serão mostrados nos capítulos seguintes, e que levam em consideração a existência de significantes já criados (ALVES, 1990, p.11-12).

Assim, como pontuamos com base em Alves (1990), os neologismos fonológicos são raros em sua criação e também fixação na língua. Em contrapartida, é possível também que se criem neologismos lexicais, que são com base nas próprias estruturas linguísticas da língua ou com base em outros sistemas linguísticos, como é o caso dos neologismos por empréstimo.

A neologia por empréstimo é um fenômeno na língua deveras interessante, isso porque, não se trata apenas de importações de unidades lexicais para a língua que recebem, mas há, também, especificidades que caracterizam o tipo de importação. É interessante perceber como esses neologismos por empréstimos são extremamente produtivos na Língua Portuguesa, no entanto, possuem maior ocorrência em domínios específicos, por exemplo, informática, mas que não se restringe apenas a esses contextos. Atualmente, o que vemos na Língua Portuguesa é um alto nível de importações de palavras de origem estadunidense, isso pode ser explicado por questões políticas e até mesmo de influência nos modos de vida dos brasileiros. Recentemente, um fraseologismo ficou conhecido nas redes sociais pelo seu caráter irônico quando nas legendas das fotos acompanhadas por amigos seguia a seguinte estrutura: “Mais que amigas, friends”, esse fenômeno é extremamente importante,

principalmente no que se refere às questões discursivas relativas às produções neológicas. Do Inglês, a tradução direta para “Friends” seria “Amigos(as)”, no entanto, inicialmente, algumas pessoas usavam esse fraseologismo desconhecendo as questões de tradução, no entanto, numa tentativa de ironizar o uso indiscriminado, a legenda começou a ser amplamente utilizada por vários usuários das redes sociais. Como dissemos, existe a questão da ironia por parte de quem escreve, mas podemos apontar que há, também, uma estratégia textual de repetição em que se busca enfatizar o grau de amizade entre as pessoas que participam daquele registro.

No entanto, não importamos apenas palavras de origem inglesa. Alves (1990, p.6) aponta sobre como influência francesa foi importante para o desencadeamento do processo de renovação da Língua Portuguesa causando impactos por parte de críticos até mesmo na mídia.

A influência francesa sobre o léxico português manifesta-se desde o século XVIII e foi muito marcante na primeira metade do século XX, tendo desencadeado, como consequência, uma atitude reacionária por parte de jornalistas, escritores e gramáticos, conhecidos como “puristas”, que se insurgiram contra o emprego de tantos francesismos em nosso idioma.

Além disso, a Língua Portuguesa também importou várias outras unidades lexicais de outras línguas, por exemplo, o que conhecemos como Pajubá³ que se trata de importações de palavras de origem africana e que se fixaram na língua na estratégia de criar uma nova forma de dizer sem que outras pessoas que não fizessem parte daquele determinado grupo social pudessem compreender. Com o tempo, esses neologismos ocorrem, atualmente, não só enquanto neologismos por empréstimo, mas também, em alguns casos semânticos, já que é possível perceber uma extensão no sentido de acordo com o contexto em que é empregado.

No entanto, é importante ressaltar aqui que o processo de importação de palavras para a Língua Portuguesa tem sido um problema para alguns gramáticos, e até mesmo para alguns usuários da língua que julgam esse processo de incorporação de unidades lexicais de outros sistemas linguísticos como uma legitimação da soberania de alguns países em detrimento do nosso patrimônio linguístico. No que se refere à neologia por empréstimo, Guilbert (1975, p.97) *apud* Labate (2008, p.36) estabelecem que há três critérios para ser considerada como tal, nas palavras de Labate (2008, p.36)

³ Algumas variações gráficas trazem o nome de origem como “Bajubá” e não “Pajuba”, optamos pela segunda opção, já que é a forma mais difundida entre os falantes.

Fonológico, morfossintático e semântico. Segundo o critério fonológico, um termo estrangeiro começa a fazer parte da língua à medida que se integra fonologicamente a ele. Do ponto de vista morfossintático, a partir do momento em que o termo serve de base para uma derivação, de acordo com o sistema morfossintático da língua que o acolheu; do ponto de vista semântico, quando o termo assume o papel de significante de vários significados, testemunhando sua inserção definitiva no sistema lexical na língua de chegada.

É interessante destacar como esses critérios são observáveis em alguns casos, inclusive serão apresentados na nossa análise, um exemplo que consta em nossos dados e que está presente nos registros da língua escrita, principalmente no Facebook, é “UA-TAFOQUI” em que a origem vem de “What The Fuck”, no entanto, quando adaptado à Língua Portuguesa, os usuários da língua transcrevem de acordo com a pronúncia, o que corresponde ao exposto dos autores em relação ao critério fonológico, entre outros exemplos que apresentaremos nas análises. Corroborando o exposto por Guilbert (1975, p.97) *apud* Labate (2008, p.36), Alves (1990) também fala sobre esses critérios e os aponta como características primordiais para que uma unidade lexical seja considerada um neologismo por empréstimo, de acordo com ela “A fase propriamente neológica do item léxico estrangeiro ocorre quando está se integrando à língua receptora, integração essa que pode manifestar-se através de adaptação gráfica, morfológica ou semântica.”(p.77), antes desse processo de adaptação à língua que recebe a palavra, a autora pontua como um estrangeirismo, que “costuma ser empregado em contextos relativos a uma cultura alienígena, externa à da língua enfocada. Nesse caso, imprime à mensagem a “cor local” do país ou da região estrangeira a que ele faz referência” (p.72-73).

Nesse processo de, como mencionado pela autora, dar “a cor local” para o estrangeirismo, podemos apontar a questão da tradução para a língua que recebe considerando a extensão de sentido que esse neologismo pode assumir. A tradução pode acontecer *ipsis litteris*, isto é, mantendo seu significado, como no caso de “What The Fuck” que apontamos acima, ou, a tradução pode não ser literal e assumir um novo sentido de acordo com a necessidade do usuário.

No que se refere à capacidade de estender o sentido das unidades lexicais, a Língua Portuguesa é extremamente rica, dada a criatividade de seus usuários, para formar neologismos semânticos. É importante salientar que demos um salto aqui para tratar sobre a neologia semântica, isso porque um neologismo não precisa necessariamente estar atre-

lado apenas a uma classificação (semântico, formal ou empréstimo), mas pode concorrer simultaneamente em todas elas.

Sobre a neologia de caráter semântico, a ampliação no sentido de uma unidade lexical é atestada em vários níveis, sejam eles “por meio dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia, da sinédoque..., vários significados podem ser atribuídos a uma base e transformam-na em novos itens lexicais” (ALVES, 1990, p.62), assim, a neologia semântica precisa ser encarada não só como uma expansão no sentido de uma unidade léxica, mas, também, como uma nova formação, afinal, é outra acepção muito embora a base morfológica possa se manter inalterável.

“Note-se que, em tais casos, a criatividade lexical de caráter semântico produz também um novo sintagma neológico. Os segmentos frasais sur-fista ferroviário e troça carnavalesca desempenham função significativa em parte estabelecida pelos seus semas integrantes e em parte resultante de uma convenção, o que caracteriza toda unidade sintagmática neológica. Em toda criação sintagmática, portanto, está também implícita a criação semântica” (p.63-64).

Assim, a criação neológica semântica é determinada pela alteração do sentido da forma ou pela expansão do sentido. No entanto, Guilbert (1973) *apud* VALENTE (2014), aponta outra forma de neologia semântica, que os autores chamam de “neologia por conversão” quando a categoria gramatical é afetada e, por último, mas não menos obstatante, os autores dissertam sobre os neologismos que são de domínios específicos, como termos técnicos, e que tomam a dimensão do “vocabulário geral usual” (VALENTE, 2014, p.50), a esse tipo de neologia os autores chamam de “sociológica” (p.50). Entender a neologia semântica é muito mais do que o processo de classificação, mas antes é necessário entender sua abordagem discursiva, no sentido de trazer ao conhecimento da comunidade linguística o sentido que se pretende imprimir com aquela nova palavra, em muitos casos, principalmente tendo como base nossos dados, o que pudemos perceber foi o caráter lúdico dessas formações. Filho e Santos (2013) aponta como a ludicidade é uma característica marcante de alguns processos de formação de palavras, mas não se restringe apenas a esses processos, o que é notável tendo em vista os nossos dados, isto é, nossos dados mostram como a ludicidade parte muito mais da questão discursiva, da necessidade de explicitar um posicionamento, do que apenas a processos específicos. Um aspecto marcante que mostraremos em nossos dados são as potencialidades lúdicas dos neologismos encontrados, o que é visível também nos mecanismos semânticos.

Além disso, é mister destacar aqui como as formações neológicas, principalmente as semânticas, possuem um caráter que depende muito da comunidade linguística que está sendo empregada, isto é, um neologismo semântico poderá ser decodificado com grande facilidade caso os sujeitos que participam da interação participem dos mesmos grupos sociais, afinal, o neologismo semântico e a produção de sentido são desenvolvidos com base nas características daquelas pessoas, isto é, o novo sentido empregado a determinadas palavras são pautados com base nas experiências, vivências de mundo.

Por último, mas não menos importante, considerando os três processos de formação neológica postulados por Alves (1990), a) por empréstimo, b) semântico e c) formal, os neologismos no nível formal têm sido os mais produtivos na Língua Portuguesa, isso, porque “ao contrário dos neologismos fonológicos, os neologismos sintáticos supõem a combinatória de elementos já existentes no sistema linguístico português”. (p.14), assim, sua ocorrência é menos rara. Um neologismo formal será assim classificado quando a forma de uma palavra sofre alterações, isto é, quando graficamente a palavra apresenta uma forma diferente da dicionarizada.

Partindo da estrutura da palavra, os mecanismos para formação de novas palavras no nível formal se valem, em processos mais simplificados, do sistema de: base⁴ + afixo, que consideramos como um processo de **derivação**, que “se caracteriza pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base para formação de uma palavra. Assim, dizemos que uma palavra é derivada quando ela se constitui de uma base e um afixo.” (BASILIO, 1989, p.26). Outra possibilidade para formar novas palavras é o processo de **composição**, que “se caracteriza pela junção de uma base a outra para a formação de uma palavra. Assim, dizemos que uma palavra é **composta** sempre que esta apresenta duas bases.” (BASILIO, 1989, p.27). Esses são os dois processos mais recorrente para se criar palavras no nível formal.

⁴ Tomamos como princípio norteador do nosso trabalho o conceito de “Base” para o processo de formação de palavras, isso, porque o nosso objetivo não é detalhar as oposições teóricas no que se refere à base x raiz.

Figura 2.2 – Neologismos Formais: Derivação e Composição.



Fonte: Basilio (1989)

Para melhor entendimento do nosso leitor, separamos em subseções as questões relativas à derivação e composição.

2.1.1 Formações Neológicas por meio da derivação

A partir do processo de derivação podemos também classificar em duas formas:

(a) **prefixal**; (b) **sufixal**.

Os afixos apresentam funções sintático-semântico definidas: essas funções delimitam os possíveis usos e significados das palavras a serem formadas pelos diferentes processos de derivação, correspondentes aos vários sufixos. Assim, a própria disponibilidade de um afixo ou do correspondente processo de adição define a função correspondente como sendo uma função comum dentro da estrutura derivacional da língua. (BASILIO, 1989, p.28)

Assim, os afixos são definidores das unidades lexicais as quais eles serão fixados, isto é, de acordo com a estrutura do texto e da intencionalidade do seu produtor um afixo pode, semanticamente, revelar seu sentido. O que entendemos aqui é que alguns afixos são propícios para determinadas bases em detrimento de outros.

A **derivação prefixal** acontece por meio do acréscimo de um prefixo à base. Esse tipo de formação, de acordo com algumas gramáticas e alguns estudiosos, não altera a classe gramatical da base em que é fixado, como postulado por Basilio (1989, p.9)

“Um terceiro exemplo de palavras que formamos sem o objetivo de mudar a classe é o caso de todas as palavras formadas por prefixação: os

prefixos nunca mudam a classe da palavra a que se adicionam. Assim, é claro que nosso objetivo ao formar uma palavra por prefixação deve ser outro. De fato, a prefixação é utilizada para a formação de uma palavra, formar outra semanticamente relacionada, que apresente uma diferença semântica específica em relação à palavra-base”

No entanto, outros estudiosos consideram que há sim alguns casos em que o processo de derivação prefixal altera a classe gramatical das palavras, é o que diz Alves (1990)

“Costumam afirmar as gramáticas que os elementos prefixais, ao contrário dos sufixais, caracterizam-se pela não alteração da classe gramatical das bases a que se associam. Entretanto, vários exemplos atestam que um prefixo, unido a uma base substantiva, pode atribuir-lhe função adjetiva e mesmo adverbial.” (p.23)

Os exemplos citados pela autora são coerentes e comprovam essa alteração na classe gramatical por meio da derivação prefixal, no entanto, na coleta dos nossos dados esse fenômeno não foi identificado, o que nos leva a corroborar o exposto de que existem sim, mas são mais raros em sua ocorrência. Os estudos sobre a derivação prefixal que se enquadram na lexicologia⁵ tratam não só da questão prefixal unida a uma base, mas investiga, também, a carga semântica que determinados prefixos podem agregar àquela base, como é o exemplo de “Anti-” que é considerado um dos mais fecundos em sua produção. Esse prefixo expressa a ideia de oposição à base em que ele se fixa, muito recorrente nos últimos meses “AntiPetista” tornou-se bastante difundido entre os falantes e expressa a função clássica do prefixo que reforça o adjetivo “Petista”, entretanto, num movimento dialógico, não se refere apenas ao eleitor do Partido dos Trabalhadores, mas está relacionado ao eleitor da oposição partidária. Então, é importante aqui destacar como o prefixo, mais do que uma partícula analisada pela gramática, é dotado de um valor semântico que pode alterar significativamente o sentido da palavra.

Além disso, a questão da prefixação na Língua Portuguesa tem ganhado ainda outros parâmetros, como é o caso da lexicalização dos prefixos, de forma que, em alguns contextos, os prefixos aparecem sozinhos e são decodificados facilmente. Nos nossos dados há uma ocorrência interessante, que é o caso de “Trans”. Nas análises dissertaremos com riqueza de detalhes sobre esse fenômeno, mas é possível perceber como em determinados contextos esse prefixo assumiu o sentido desejado pelo produtor do texto e seus leitores

⁵ Há que se diferenciar que, quando estudados aos olhos da lexicologia esse processo ganha uma dimensão lexical e não só gramatical, como tem sido feito recorrentemente nos manuais de gramática.

compreendem o que se quer dizer sem que haja o restante da unidade lexical. Sobre esse fenômeno, Alves (1990) aponta a questão da transferência de significado que pode acontecer no prefixo, como é o caso de “Trans”, nos nossos dados, o sentido desse prefixo está atrelado à base “Transexual”, mas o sentido, que é definido pelo contexto, foi transferido para o prefixo e pode ser utilizado de maneira autônoma.

Comportamento interessante manifestam alguns prefixos. Anteposto a uma base, atribuem-lhe um significado; algum tempo depois, passam a concorrer com tal elemento ao serem empregados isoladamente em função substantiva e com o valor semântico do item léxico ao qual se prefixaram (ALVES, 1990, p.26).

Ainda sobre essa capacidade de os prefixos atuarem isoladamente em contextos específicos, designando sentidos específicos, esse fenômeno revela um movimento de economia discursiva (ALVES, 1990) em que o grau de cristalização de alguns prefixos assume o sentido da unidade lexical a qual foi anteposto e, assim, atualmente, é muito recorrente nas interações, principalmente nas redes sociais.

Diferente da prefixação, a **derivação sufixal** acontece por meio do acréscimo de um sufixo à base, formando, assim, neologismos formais. Esse emprego de um novo sufixo em muitos casos pode alterar a classe gramatical da base. Assim como nos casos de derivação prefixal, os sufixos também possuem uma carga semântica que pode alterar significativamente o sentido da palavra. Alves (1990, p.29) afirma que “Por meio da derivação sufixal, o sufixo, elemento de caráter não-autônomo é recorrente, atribui à palavra-base a que se associa uma ideia acessória e, com frequência, altera-lhe a classe gramatical.”, como é o caso dos sufixos capazes de formar substantivos e adjetivos. Esse fenômeno ocorre frequentemente com o sufixo “-ismo” que, de acordo com Alves (1990), imprime a ideia de uma sigla partidária ou personalidades que falam por essas siglas, como é o caso, e mostraremos nas análises, de “AntiPetismo”.

Sobre o sufixo “-ismo” é importante destacar o que Sandmann (1991) aponta como caráter de pejoratividade, isto é, a carga semântica que esse sufixo carrega é capaz de formar palavras com intenções diversas, mas, mais recorrentemente, com sentido negativo. Derivado do neologismo “AntiPetismo” há, também, ocorrência numerosa de “Petismo”, esse último designa os eleitores fanáticos do Partido dos Trabalhadores. A intenção no seu uso está relacionada a explicitar o radicalismo entre os eleitores.

“Chama também a atenção o fato de muitos sufixos, é o caso de -ismo, por exemplo, se prestarem tato à formação de derivados neutros como

pejorativos. Dos 33 termos novos em -ismo constante de FPPBC, 17 têm, no entanto, conotação pejorativa (clientelismo, assistencialismo).” “(...)O que se quer dizer é que determinado sufixo, preferencialmente a outros, se presta, juntamente com bases negativas, a formar palavras derivadas também negativas.” (SANDMANN, 1991, p.43).

No entanto, diferente do que aponta Sandmann (1991), esses sufixos não necessariamente precisam estar pospostos a uma base negativa, basta o contexto para que seja identificado o caráter pejorativo que se deseja empregar.

Um fenômeno interessante que vem acontecendo nas palavras escritas é a derivação sufixal por meio de um sufixo pouco difundido na língua “-ny”. Sua ocorrência se dá exclusivamente às palavras escritas nas redes sociais digitais e seu uso se justifica pela necessidade de conferir humor à base em que é empregado, geralmente ocorre em bases verbais no gerúndio, como “correndo” que assume a grafia “correny”, ou, gritando (“gri-tany”). Além da necessidade de imprimir humor à palavra, há, também, a capacidade de ênfase que esse sufixo confere em termos sintáticos, isto é, quando numa estrutura sintática o autor pretende dar ênfase àquela palavra específica, como em “Arrasany”. Esse sufixo, como dito anteriormente, é pouco produtivo e é marcado pelo uso recorrente da comunidade LGBTQ+. Esse sufixo possui poucas ocorrências e tem caráter efêmero na língua, isto é, não é empregado fixamente em uma palavra só e concorre com sua grafia dicionarizada.

É importante mencionar que, mesmo pouco produtivo, há, também, na língua, um processo de derivação conhecido como “Derivação Parassindética” em que há a concorrência de um prefixo e um sufixo à mesma base.

Damos o nome de derivação parassindética ao processo de formação de palavras que consiste na adição simultânea de prefixo e sufixo a uma base para a formação de uma nova palavra. (...) O que define a derivação parassindética não é a presença ou ocorrência simultânea de prefixo e sufixo junto à base, mas a estrutura de formação, que exige utilização simultânea de prefixo e sufixo no processo de formação. Assim, nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassindética (BASILIO, 1989, p.43-44).

Tendo em vista a variedade de processos formativos de unidades lexicais novas na Língua Portuguesa, agora conheceremos outros processos mais fecundos.

2.1.2 Neologismos Lexicais: Outros Processos

A Língua Portuguesa dispõe de vários outros processos para a formação de novas palavras como a composição, cruzamento lexical, truncação, entre outros.

O processo de composição é marcado pela junção de duas ou mais bases. Essa junção pode acontecer pela subordinação ou coordenação, em que na subordinação “percebe-se a relação de determinado (o núcleo) e determinante (o periférico)” (FERRAZ, 2010, p.265) e na coordenação “cada elemento é independente e o valor semântico é a soma dos valores parciais” (FERRAZ, 2010, p.265). Além desses dois processos, a composição também possibilita a composição sintagmática, em que

Unidades constituídas de mais de um elemento lexical, com certa coesão interna entre seus componentes, tornando-se composições fixas que, no sistema e na frase, podem assumir a função e o significado de palavras individuais. Apresentando a estrutura formal de um sintagma e o comportamento sintático-semântico de uma palavra (FERRAZ, 2010, p.266).

Essas formações são mais recorrentes em termos “técnicos”, por exemplo, em textos de propagandas de domínios específicos, isto é, não pouco produtivos no que se refere à linguagem coloquial.

Além do processo de composição, apontamos também para a **reduplicação** que se caracteriza pela repetição de uma mesma base, como em “pula-pula”. Esse processo é pouco produtivo na língua, mas ainda apresenta algumas ocorrências.

Destacamos também o **cruzamento lexical** que é mais produtivo. As unidades lexicais formadas por cruzamento lexical se caracterizam pelo resultado da “aglutinação (ou concentração) de duas bases, quando estas perdem parte de seus elementos para formarem uma nova unidade lexical por meio da mesclagem lexical de palavras já existentes” (FERRAZ, 2010, p.269-270). Esse processo é também conhecido como **palavra-valise**.

Ainda nessa direção, a truncação é um processo que resulta na abreviação de uma palavra. Alves (1990, p.68) aponta que “a formação de palavras pelo processo de truncação constitui um tipo de abreviação em que uma parte da sequência lexical, geralmente a final, é eliminada”. Esse processo é relativamente produtivo na língua e, considerando a rapidez da interação tal como observamos atualmente, há uma tendência à sua ocorrência.

Todos os processos descritos até aqui são formadores de novas unidades léxicas na Língua Portuguesa, alguns são mais produtivos do que outros, no entanto, todos possibilitam a expansão do léxico e são observáveis cada vez mais na nossa língua. Assim, “Sendo

a língua um patrimônio de toda uma comunidade linguística, a todos os membros dessa sociedade é facultativo o direito de criatividade léxica” (ALVES, 1990, p.6), isto é, parte dos usuários da língua a capacidade criativa de combinar afixos e, até mesmo, outras unidades lexicais para expansão do léxico. Considerando a criatividade do povo brasileiro, a formação de novas palavras tem sido um fenômeno deveras recorrente na língua e explicita cada vez mais como seus usuários são criativos e criam palavras que expressam melhor o seu projeto de um querer dizer.

2.2 Léxico e Competência Lexical: Um breve estudo

Sabemos que o léxico se refere a todas as palavras da língua, assim, é impossível afirmar que alguém conhece todas as palavras ou tem domínio completo do léxico de sua língua. No entanto, o que advogamos aqui é para o desenvolvimento do que conhecemos como competência lexical. Por competência lexical entendemos, com base em Ferraz (2008, p.146) como “a capacidade de compreender as palavras, na sua estrutura morfosintática e nas suas relações de sentido com outros itens lexicais constituintes da língua.”. Conhecer, nesse sentido, implica em muito além de saber sua estrutura mórfica, mas é necessário que o indivíduo consiga apreender as suas relações com outras palavras, a fim de que saiba utilizá-las de maneira adequada em contextos de uso específicos.

Uma das complexidades no trabalho com a competência lexical reside no fato de que, desenvolver a competência lexical está, como dito anteriormente, muito além do que conhecer as palavras da língua, mas, segundo Basilio (2008, p.90) é o “conhecimento internalizado do falante nativo sobre o léxico de sua língua, abrangendo itens lexicais, relações lexicais e processos de formação”. Esse conhecimento permite ao usuário criar novos itens lexicais ou até mesmo empregar novos sentidos aos itens lexicais já existentes na língua. Soma-se a isso, a questão de que essa característica de produtividade que a criatividade léxica disponibiliza, também impõe limites à formação neológica.

Nesse sentido, a competência lexical do indivíduo será revelada no uso cotidiano da linguagem, porque são nessas situações que o usuário da língua utiliza seu repertório lexical, que pode ser recortado em: **ativo**, **passivo** e de **reserva**, como já apontamos anteriormente.

3 GÊNEROS DIGITAIS E SALA DE AULA: LETRAMENTOS INDISSOCIÁVEIS

Muito se tem discutido acerca do processo de ensino e aprendizagem de língua portuguesa no Brasil, mas, apesar de inventariadas tantas pesquisas, discutir práticas de ensino ainda continua sendo alvo de grandes entraves, já que, considerando a língua como um organismo vivo, podemos afirmar que ela faz parte do contexto sócio cultural, sendo assim, ela está exposta a constantes redimensionamentos dos modelos sócio comunicativos. Essa característica mutável aponta como não é possível haver um congelamento no que se refere aos modos de ensinar e aprender. Pensando nisso, os Parâmetros Curriculares Nacionais referentes à Língua Portuguesa, em 1997, aponta para a necessidade de

Não basta visar à capacitação dos estudantes para futuras habilitações em termos das especializações tradicionais, mas antes trata-se de ter em vista a formação dos estudantes em termos de sua capacitação para a aquisição e o desenvolvimento de novas competências, em função de novos saberes que se produzem e demandam um novo tipo de profissional, preparado para poder lidar com novas tecnologias e linguagens, capaz de responder a novos ritmos e processos (BRASIL, 1997, p.28).

Então, é possível perceber como há uma expressiva tendência para a abordagem no ensino de Língua Portuguesa pautada nos gêneros textuais, porque a partir dessa abordagem é possível propiciar ao aluno vivenciar experiências de uso real da língua. Marcuschi et al. (2002, p.25) define os gêneros textuais como formas de ação verbal em que, por meio deles, é possível a análise de “textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos”, é importante ressaltar que para o autor, os gêneros textuais são “relativamente estáveis”, o que comprova a capacidade de eles migrarem em suas modalidades seja oral, escrito, ou, até mesmo, no virtual, em que pode haver uma mescla dessas modalidades, propiciando, assim, novas realizações linguísticas.

Assim, com os Parâmetros Curriculares Nacionais, é consenso entre os documentos que norteiam a Educação Básica no Brasil que, no que se refere às aulas de Língua Portuguesa, o texto seja tomado como objeto central, uma vez que a partir dele é possível criar discussões e reflexões sólidas e é dessa maneira que o ensino de línguas se torna proficiente. Contemplar o texto em sala de aula exige uma abertura para o tratamento com os gêneros textuais, porque são neles que o discurso se materializa. Na BNCC, que é dividida por campos de atuação, também é destacada a necessidade do trabalho com o texto em sala de aula porque “envolve conhecimentos e habilidades mais contextualizados e com-

plexos, o que também permite romper barreiras disciplinares e vislumbrar outras formas de organização curricular, como as propostas como exemplos no texto de apresentação da etapa do Ensino Médio.” (2017, p.481-482). Ainda de acordo com os documentos, agora se tratando dos Parâmetros Curriculares Nacionais

Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania.

Essa responsabilidade é tanto maior quanto menor for o grau de letramento das comunidades em que vivem os alunos. Considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe à escola promover sua ampliação de forma que, progressivamente, durante os oito anos do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações (BRASIL, 1997, p.19).

Partindo do texto, o ensino de Línguas, especificamente Língua Portuguesa, toma uma dimensão contextual que propicia um espaço de ensino e aprendizagem mais democrático, porque é a partir dele que conseguimos valorizar todas as formas de expressão linguística, não apenas hierarquizando o uso gramatical. O que buscamos esclarecer aqui é que não se trata de abandonar o ensino de gramática, mas é repensar o espaço que ela ocupa nas aulas. A gramática precisa ser vista como uma ferramenta que contribui para que o aluno produza textos nos mais diversos gêneros de maneira coerente, deixando de lado, assim, o lugar centralizado nas aulas. Trata-se de uma perspectiva em que a gramática esteja a favor do aluno e não o aluno a favor da gramática. Por isso explorar os gêneros em sala de aula, porque é a partir dessa dimensão textual que a língua poderá se materializar de maneira plena, o ensino pautado em gêneros faz com que o aluno entenda a complexidade da relação, por exemplo, entre o produtor e o receptor do texto. E, atualmente, o que temos é uma relação ainda mais complexa, uma vez que, considerando a capacidade relativa de estabilidade dos gêneros, é possível perceber como as novas tecnologias digitais têm atuado significativamente nos modos de interagir e atuar na sociedade atual, fazendo com que sejam criados ou, até mesmo, importados novos gêneros para a realidade virtual, surgindo, então, a necessidade para Marcuschi, Xavier et al. (2004), de contribuir com o conceito de Gêneros Emergentes. Para o autor, na “sociedade da informação”, a internet funciona como um reflexo das práticas sociais cotidianas e apresenta “novas formas de comportamento comunicativo” (p.13) porque é

nos ambientes virtuais que os usuários da língua podem se valer das múltiplas semioses. Assim, de acordo com o autor, a definição de gêneros emergentes encaixaria, por exemplo, *e-mail*, listas de discussões (ou fórum *online*), blog, entre outros, porém, o autor apresenta algumas características desses gêneros que são facilmente observadas atualmente.

- (1) Seu franco desenvolvimento e um uso cada vez mais generalizado;
- (2) Suas peculiaridades formais e funcionais, não obstante terem eles contrapartes em gêneros prévios;
- (3) A possibilidade que oferecem de rever conceitos tradicionais, permitindo repensar nossa relação com a oralidade e a escrita (MARCUSCHI; XAVIER et al., 2004, p.14).

Considerando o exposto, é possível perceber como, atualmente, a característica “emergente” já não é mais uma aspecto que possa ser conferido a esses gêneros, uma vez que a internet se legitimou e, assim, as interações nela também, então, nesse movimento natural em que a internet ocupa grande parte dos dias dos usuários, a linguagem ganha novos redimensionamentos e começa a imprimir novas formas de realização linguística, por exemplo, abreviações. Sobre os aspectos elencados por Marcuschi, Xavier et al. (2004, p.14), é de fácil análise se tomarmos, por exemplo, o gênero sobre o qual nos debruçamos. Inicialmente, podemos destacar logo seu desenvolvimento, no sentido de transportar para outro ambiente, em que, do comentário que era desenvolvido, principalmente em jornais impressos, atualmente, há estruturalmente a possibilidade de explorar as múltiplas semioses que a internet oferece e importar sons, imagens, vídeos de acordo com a intencionalidade de que comenta. Além disso, é possível perceber como a ferramenta para comentar as postagens nas redes sociais se tornou imprescindível e, por isso, seu uso está cada vez mais generalizado. No que se refere ao tópico dois elencado pelo autor, é possível perceber como há, no caso do gênero comentário *online* a presença marcante de características de outros gêneros prévios tanto em termos de discursividade, que no caso é adaptada ao contexto, então, chamamos, com base em Marcuschi, Xavier et al. (2004) de “discurso eletrônico”, quanto em termos de funcionalidade, no entanto, com as marcas da internet. Para além disso, é evidente como esse gênero é marcadamente uma transposição da realidade material, como em comentários em jornais, por exemplo, para a realidade virtual, portanto, as questões formais e funcionais se mantêm, mas com adaptações à plataforma em que ele está inserido. Por fim, esse gênero pode ampliar vastamente a nossa concepção sobre vários aspectos relacionados a como a internet pode redimensionar os estudos linguísticos não só no que se refere à relação entre oralidade e escrita, mas também

sobre como é necessário cada vez mais possível a interação entre imagem-som-texto, por exemplo. Assim, em concordância com Marcuschi, Xavier et al. (2004), a BNCC (2017, p.478) explicita que

Nessa perspectiva, para além da cultura do impresso (ou da palavra escrita), que deve continuar tendo centralidade na educação escolar, é preciso considerar a cultura digital, os multiletramentos, os novos letramentos, entre outras denominações que procuram designar novas práticas sociais e de linguagem.

A respeito dos gêneros digitais, a BNCC como um dos documentos norteadores da educação no Brasil, tem muito a nos ensinar e discute abertamente sobre as contribuições e implicações dessas novas formas de trabalhar a linguagem em sala de aula. O documento aponta esse trabalho como uma das competências para o desenvolvimento do cidadão crítico na sociedade imersa na cultura digital e, a partir de então, sistematiza como essa competência precisa ser trabalhada por meio de habilidades. O documento, que é dividido por campos de atuação, destina a sétima competência para a importância desses gêneros

7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2017, p.482).

Essa competência apontada para o trabalho com os ambientes digitais demanda outras três habilidades que tratam sobre a responsabilidade dos seus usuários. Ainda de acordo com a BNCC (2017), a habilidade (EM13LGG701) incide diretamente na manipulação dessas tecnologias, destacando a importância de conhecer seus princípios e funcionalidades e, indo mais além, utilizá-los com ética e responsabilidade mobilizando os conhecimentos linguísticos prévios dos alunos e, assim, será possível trabalhar sistematicamente, por exemplo, a adequação da linguagem em diversos contextos. Ainda nessa direção, a habilidade (EM13LGG702) destaca a importância de avaliar os impactos dessas tecnologias no processo formativo do aluno sujeito em relação ao uso “crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção de discursos em ambiente digital.” (p. 458), o que incide diretamente no que tratamos aqui, uma vez que, além de produzir textos e se adequar ao contexto o aluno precisa revisar seus processos de leitura, redimensionar parâmetros e criar novas estratégias para a compreensão desses textos publicados nas redes sociais digitais e, assim, formar um pensamento crítico sobre os discursos proferidos,

não se deixando levar por informações fantasiosas e reproduzir esses discursos falsos como verdades. Além disso, a habilidade (EM13LGG703) da BNCC (2017) aponta para práticas colaborativas que as tecnologias digitais oferecem. A escrita agora toma novos parâmetros e demanda novas habilidades, por exemplo, no domínio da escrita colaborativa. Pensar o texto com outrem sempre foi desafio e agora, considerando essa realidade digital, tornou-se mais acessível, porém, conserva suas implicações no processo de escrita. A última habilidade que integra a sétima competência geral sobre linguagem (EM13LGG704) resume a importância dessas tecnologias para o estímulo do aluno nos processos de pesquisa e, também, sobre como se tornou mais viável o trabalho em sala de aula considerando os mecanismos que o ambiente digital oferece.

Essas habilidades preconizadas pela BNCC tratam sobre o eixo de “Competências Específicas De Linguagens E Suas Tecnologias Para O Ensino Médio”, mais adiante, o documento especifica sobre o tratamento que deve ser dado à Língua Portuguesa e todas as habilidades específicas no domínio da língua materna se relacionam com as habilidades gerais. É interessante perceber como a discussão sobre as novas tecnologias digitais são pautadas no uso responsável dessas ferramentas e, mais ainda, demonstra a importância de se trabalhar em sala de aula esses discursos digitais, porque, rapidamente eles podem tomar dimensões maiores, como os casos de *fake news*

(EM13LP39) Analisar o fenômeno da pós-verdade – discutindo as condições e os mecanismos de disseminação de fake news e também exemplos, causas e consequências desse fenômeno e da prevalência de crenças e opiniões sobre fatos –, de forma a adotar atitude crítica em relação ao fenômeno e desenvolver uma postura flexível que permita rever crenças e opiniões quando fatos apurados as contradisserem (BRASIL, 2017, p.511).

No entanto, o que vemos atualmente é o uso indiscriminado da internet e das tecnologias digitais que, por serem marginalizadas ainda em sala de aula e em espaços de discussão e aprendizagem, legitimam seu uso inconsciente e, assim, propagam, por exemplo, informações falsas que são capazes de obstruir processos democráticos, o que vai de encontro ao objetivo precípua de todos os documentos oficiais que regem a educação. Em face dos últimos acontecimentos, é importante reiterar a emergência no uso responsável dessas ferramentas digitais e como o ambiente escolar, maior espaço de estímulo à criticidade, pode tornar essas discussões mais ricas e formar alunos sujeitos do seu próprio pensar. Estimular o pensamento crítico é uma das necessidades primordiais do ambiente

escolar, não apenas de decodificação de códigos, mas de refletir sobre eles e operar de maneira proficiente na produção e leitura desses textos.

A língua como meio de verbalização das interações exerce esse papel primordial, já que são nos códigos linguísticos que o discurso se materializa e, atualmente, há várias possibilidades que precisam também serem valorizadas. É possível perceber após a análise empreendida nos nossos dados como a escrita eletrônica tem redimensionado os usos normativos da língua. Há a presença reiterada de novas formas de linguagem, por exemplo, textos imagéticos e os alunos precisam dominar esses recursos de forma a ler e escrever de maneira proficiente

(EM13LP43) Analisar formas contemporâneas de publicidade em contexto digital e peças de campanhas publicitárias e políticas (cartazes, folhetos, anúncios, propagandas em diferentes mídias, spots, jingles etc.), explicando os mecanismos de persuasão utilizados e os efeitos de sentido provocados pelas escolhas feitas em termos de elementos e recursos linguístico-discursivos, imagéticos, sonoros, gestuais e espaciais, entre outros, e destacando valores e representações de situações, grupos e configurações sociais veiculadas, a fim de desconstruir eventuais estereótipos e proceder a uma avaliação crítica da publicidade e das práticas de consumo (BRASIL, 2017, p.512).

No entanto, considerando o contexto, é importante destacar uma crítica comum entre os professores da educação pública que é a falta de projetos que estimulem esse trabalho. É comum nas escolas que a sala de informática esteja abandonada ou em alguns casos despreparada para receber os alunos que vão utilizá-las. Além disso, o problema se intensifica ao passo em que grande parte dos professores em atuação não se sentem preparados para fazerem uso das máquinas. XAVIER e SANTOS (2005, p.5-6) já apontava o quão emergente é preparar todo o ambiente escolar, toda a equipe de profissionais que participa dos processos educativos para que estejam aptos a desenvolver um ambiente que seja amigável não só para a figura do aluno, mas também para o professor.

Se a política de educação do governo atual estimular e financiar a construção de telecentros públicos (locais gratuitos de acesso à Internet e de aprendizagem de processadores de textos), equipar as escolas do ensino fundamental e médio com laboratórios de computação, capacitar em massa seus professores transformando-o em “letrados digitais”, é bem provável que os gêneros digitais como email, chat, fórum eletrônico, lista de discussão à distância (síncrona e assíncrona) weblog, hiperficcões colaborativas serão cada vez mais trabalhados, aprendidos e utilizados na escola e principalmente fora dela (XAVIER; SANTOS, 2005, p.5-6).

Ora, se há essa demanda para que os professores incorporem em suas práticas pedagógicas o uso das novas tecnologias digitais é necessário que haja incentivo por parte dos governantes de forma a preparar as salas, preparar a equipe pedagógica e oferecer um contexto propício para que o professor queira e consiga desenvolver práticas.

A escrita na internet redimensionou os padrões normativos da língua. Antes, o acento agudo que representava uma característica fonética, atualmente pode ser trocado pelo uso do “H” (como no caso de “neh?”) e esse fenômeno não possui base nenhuma nos manuais de gramática, isto é, esse movimento inovador nas representações linguísticas parte do produtor do texto e, de alguma maneira, talvez por fazer parte do mesmo grupo social, consegue ser interpretado como um fenômeno fonético por parte do receptor do texto. Assim, a relação dialógica entre produtor e receptor do texto, como sabemos, parte de um acordo intuitivo entre eles e são facilmente interpretadas, no entanto, para aqueles que estão “fora” desse grupo enfrentarão dificuldades caso queiram também interpretar o texto.

Assim, como o uso da internet dissemina informações numa velocidade recorde, pode também propagar novos parâmetros linguísticos que não são postuladas em acordos formais, mas que se fazem entender entre os seus usuários. O uso de caixa alta, por exemplo, ganha uma nova funcionalidade e passa a não somente imprimir as formas maiúsculas e minúsculas das palavras, mas é utilizada, por exemplo, quando o autor deseja dizer algo urgente. Considerando mais uma vez a gramática normativa, esse uso não possui nenhum registro formal, no entanto, é acordado entre os usuários da internet e a partir de então, seu uso é disseminado entre os vários grupos sociais. São vários os exemplos que poderíamos citar aqui como forma de explicitar como a língua pode ser manipulada pelos seus usuários de acordo com a sua intencionalidade, mas o que chamamos a atenção é para a necessidade fazer com o que o aluno seja sujeito da sua própria escrita e deixe suas marcas de autoria como forma de enriquecimento. O nosso objetivo enquanto professores de Língua Portuguesa não é o de formar, necessariamente, gramáticos, mas sujeitos que saibam operar nos usos da língua, conhecendo suas funcionalidades e suas características e, assim, seja capaz de criar novos parâmetros que possam ser utilizados por outros no seu projeto de um querer dizer.

Se antes era importante saber separar as palavras em sílabas, hoje, quem digita não precisa se preocupar em partir as palavras para alinhar o texto, pois o computador faz isso automaticamente. Se antes era preciso saber escrever com letra cursiva, de preferência legível e bonita,

agora é preciso saber digitar, é preciso conhecer as fontes disponíveis no computador e como usá-las (COSCARELLI; RIBEIRO, 2005, p.29).

Corroborando o que aponta Coscarelli, além da questão de escolher a fonte ou saber digitar, é também e especialmente, conhecer as fontes empregá-las em diferentes contextos. Esses modos semióticos são muito mais do que funcionalidades que as máquinas oferecem, mas, atualmente imprimem um discurso por parte dos seus usuários e os indivíduos que participam dessas interações precisam estar preparados para receberem esse tipo de texto, preparados para interpretá-los e manter a interação. A internet é um espaço livre e democrático para expansão de ideias, mas é preciso saber usá-lo, por isso, a necessidade de uma abordagem reflexiva que trate não somente de reproduzir o quadro em uma tela de computador ou exposição em datashow, mas, também de abrir portas para que os alunos consigam interagir nas mais diversas esferas da sociedade.

E no cerne dessa discussão, retomamos o conceito de Letramento Digital que cada vez mais se torna necessário nas salas de aula. Por letramento entendemos os usos sociais da linguagem, então, transportando esse conceito para o domínio do meio digital, ser um indivíduo letrado digitalmente corresponde não só às formas de interação verbal nas redes sociais, mas também à manipulação de recursos para o processo de uso das máquinas, isso porque a internet oferece recursos que permitem explorar melhor as potencialidades das multissemioses dos gêneros digitais.

3.1 Escola e Letramento: Espaços de (Re)Construção

Durante a escrita sobre os gêneros digitais e sua funcionalidade no contexto das salas de aula, percebemos como quase todos os documentos oficiais que regem a educação no Brasil citam a importância dos letramentos na formação cidadã dos alunos.

A respeito do conceito de letramento, entendemos o que Soares (2000, p.24) nos ensina de que “um indivíduo pode não saber ler, isto é, ser analfabeto, mas de certa forma ser, letrado (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a letramento)”, no entanto, para fins de delimitação temporal, esse conceito foi cunhado no Brasil com as formulações de Kato (1986) no livro “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística” em que a autora não apresenta uma definição ou caracterização, mas já apresenta vestígios para a relação entre fala e escrita. Nessa direção, ao longo dos anos outras pesquisas foram inventariadas com o foco do ensino voltado para as práticas de letramento, assim, Soares

(2000) delimita o conceito de letramento como o “resultado da ação de ensinar ou a aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (p.18), assim, não é mais suficiente ao indivíduo apenas decodificar os códigos linguísticos, mas também é necessário que ele se aproprie da linguagem e saiba como usá-la adequadamente nas mais diversas práticas sociais. Tfouni (1988), também apresenta uma delimitação para letramento quando propõe uma diferenciação entre os conceitos de letramento e alfabetização, para a autora, o primeiro se preocupa com “os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (p.16) e a alfabetização “ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos”. Com o avanço dos estudos acerca do letramento, outros novos conceitos foram inventariados como forma de buscar uma caracterização que contemplasse de maneira plena e, com inúmeras pesquisas a respeito do letramento, os autores perceberam que é possível adquirir diferentes letramentos, uma vez que estão associados a diferentes domínios da vida (SOARES, 2000). Sendo assim, conforme Barton et al. (1998, p.7), as práticas de letramento mudam, e novas formas são frequentemente adquiridas através de processos de aprendizagem e produção de sentidos informais.

Considerando que o letramento pode ser múltiplo devido a sua relação com as práticas sociais, atualmente as pesquisas procuram cunhar o nome de multiletramentos, pois, dessa maneira é possível apresentar as várias formas de ser letrado na sociedade contemporânea. Assim, o conceito de texto também tem sido redimensionado e Ana Elisa Ribeiro, em seu artigo “Letramento Digital: Um Tema em Gêneros Efêmeros” (2017) afirma que

Se antes convivíamos com a separação entre alfabetizados e analfabetos, minorada pelo surgimento das preocupações com o letramento, agora novas questões são postas. Uma delas é aquela relacionada aos analfabets, pessoas que, embora saibam ler e escrever, e por vezes dominem os suportes tradicionais de escrita, não dominam novas mídias, mais especificamente o computador e a Internet.(RIBEIRO, 2017, p.24)

Corroborando o exposto, (DIONÍSIO, 2006, p.32) também destaca como as múltiplas semioses possíveis na elaboração do texto digital precisa ser sistematizada em sala de aula, de forma que texto escrito e texto imagético possam construir um sentido coeso, considerando as adaptações linguísticas que a internet tem redimensionado. O uso de novas grafias e diferentes modalidades para expressar sentimentos, dada a relação íntima entre oralidade e escrita, de forma que a acentuação ganha novos parâmetros e representações,

o uso de caixa alta também ganha novas intencionalidades dependendo do contexto, tudo isso precisa congrega para um sentido em comum e para isso precisam ser estimuladas, principalmente em sala de aula.

Imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada. (...) Todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentidos dos textos. Cada vez mais se observa a combinação de material visual com a escrita; vivemos, sem dúvida, numa sociedade cada vez mais visual (DIONÍSIO, 2006, p.32).

Além de imagens e palavras percebemos como esses textos congregam novos layouts, movimentos, músicas, links, fluxogramas, organogramas, ou seja, inúmeros modos semióticos que na constituição textual contribuem significativamente e auxiliam na produção de sentidos por parte de interlocutor. Assim, fica evidente a necessidade de práticas educativas que contemplem a pedagogia dos multiletramentos, porque os textos que circulam socialmente são cada vez mais multimodais, isto é, congrega cada vez mais diferentes modos semióticos que ocorrem simultaneamente, assim, os alunos precisam estar preparados para ler e escrever criticamente.

Tratando mais detalhadamente, por multimodalidade é possível entender:

a partir do princípio de que toda significação é fruto da inter-relação entre vários meios semióticos. Assim como na linguagem oral o sentido é representado pelas palavras, gestos, entonação, expressões faciais, ou mesmo o silêncio, em outros contextos de significação é importante analisar a conjunção entre linguagem verbal e imagem, disposição espacial, cores, áudios, vídeos, etc. Deve-se também ressaltar que a multimodalidade, ao se constituir em práticas de letramentos, configura-se, pois, como práticas sócio discursivas, que possibilitam a compreensão e o questionamento de forças ideológicas e de poder com vistas à emancipação e transformação do indivíduo (PINHEIRO, 2015, p.211).

Podemos afirmar então que a comunicação e a interação na sociedade atual implicam compreender as diferentes possibilidades de sentido presentes nos textos, depreender as especificidades da linguagem em seus diversos suportes e participar efetivamente das atividades presentes na realidade histórica, social e política da vida dessa sociedade. Assim, a sociedade e os textos que circulam atualmente demandam sujeitos capazes de ler e escrever diferentes textos e isso incide diretamente no fazer pedagógico dos professores, porque, de acordo com Moura e Rojo (2012), os novos letramentos e as novas práticas sociais demandam uma formação de novos leitores, uma formação de novos cidadãos que

precisam interagir efetivamente na sociedade do conhecimento. Compreender a dimensão dos letramentos no processo de ensinar e aprender, isto é, como uso social da linguagem, nos leva a entender, também, como as práticas sociais que envolvem ações de leitura e escrita demandam novos domínios linguísticos também, por isso a multiplicidade de letramentos, porque são nas experiências dos eventos coletivos de letramento que adquirimos mesmo que informalmente essas habilidades.

Partindo desse contexto, Buzato (2006, p.9-10) estabelece dois corolários que respaldam toda a discussão acerca dos letramentos e, em específico, sobre o letramento digital. Essas duas proposições explicitadas por ele sistematizam como a fluidez desses gêneros digitais e não só, mas também os usos das ferramentas tecnológicas são redimensionados constantemente e, por isso, demandam discussões e abertura no contexto das salas de aula. Para o autor

Corolário 1: Por reunirem conjuntos de códigos, modalidades e tecnologias que se entrelaçam, os LDs são inevitavelmente híbridos e instáveis temporalmente, de modo que a condição de "letrado digital" está sempre restrita a momentos e finalidades específicas

Corolário 2: Por serem práticas sociais e não variáveis autônomas, os letramentos digitais tanto afetam as culturas e os contextos nos quais são introduzidos, ou que ajudam a constituir, quanto por eles são afetados, de modo que seus "efeitos" sociais e cognitivos variarão em função dos contextos socioculturais e finalidades envolvidos na sua apropriação.

Então, temos a complexidade de um trabalho voltado para o uso dos gêneros digitais e para explorar o letramento digital, essa instabilidade inerente afeta não só os alunos, mas também aos professores que precisam estar sempre inteirados dos novos *softwares* e, não menos obstante, temas para desenvolver planos pedagógicos que abarquem de maneira proficiente e significativa a atitude diária dos alunos. É necessário tomar ciência de que nesse novo momento em que o ambiente escolar também passa por redimensionamentos, a figura do professor começa a ser repensada, não de forma a excluir sua presença que ainda é primordial no processo de construção do conhecimento científico, mas, agora, o professor assume a postura de facilitador nesse processo e começa a estimular cada vez mais no aluno uma postura de pesquisador, de forma a construir seu próprio conhecimento a partir de novas perspectivas que são oportunizadas pelo professor. Nesse contexto, a criticidade e reflexão começa a ser diluída entre os participantes ativos o processo de ensino e aprendizagem, de forma que o professor deixa de ser a fonte central de conhecimento, mas abre espaço para a interação e os alunos podem levar para a sala de aula os conheci-

mentos prévios de mundo. Nessa direção, (BUZATO, 2006, p.10) traz um questionamento importante para reflexão

É pouco provável que um aluno do ensino médio seja mais letrado do que nós (eu e você, leitor desse trabalho) se levarmos em conta o tipo de esfera (acadêmica) e de prática (apresentação de um paper) em que esse texto está inserido. Mas e se, por ventura, esse mesmo texto precisasse ser transformado em um arquivo do tipo PDF ou PS, ilustrado com animações em Flash, trocado por outro através de uma rede peer-to-peer ou reescrito em "bloguês"? Quem seria, ou se sentiria, "mais letrado", nesse caso?.

A partir desse questionamento o autor tece duas possibilidades de atitudes que o professor pode tomar **(a) isolamos ou (b) integramos**. Essas duas atitudes são reveladoras quanto ao espaço para o letramento em sala de aula, uma vez que podemos ignorar e/ou isolar, como já vem sendo tratado em sala de aula e, então, assumimos novas formas de letramentos que se distanciam das práticas cotidianas como trabalho, família, o que conforme o autor será mais uma vez "de modo que possamos reforçar os papéis de professor, aluno, autor e texto vigentes na escola até hoje" (p.10), ou, uma a segunda opção (b) que é a de integramos os novos direcionamentos que os letramentos têm tomado e, assim como Buzato afirma, criar laços entre as práticas já exercidas em sala de aula com as novas possibilidades aprender novos rumos para problemas que vão surgindo na prática diária de ensinar e aprender. A BNCC já aponta na página 478 sobre como é importante não só a alternância entre as tecnológicas já utilizadas em sala, mas também, fazer do aluno um sujeito autônomo nesse processo mediado pelas tecnologias digitais, essa atitude esclarece para nós como na atualidade não se trata, em questões linguísticas, apenas sobre gêneros digitais, mas também sobre uma postura cidadã na sociedade do conhecimento. O nível de informatividade que a sociedade oferece na vida cotidiana é expressiva e em muitos casos leva a uma série de desconfortos que fazem com que os cidadãos se apropriem do discurso do outro, da postura do outro e não explore seu pensamento crítico, afinal, a reprodução, nesse caso, é mais cômoda do que o exercício cognitivo de interpretação própria não só dos códigos linguísticos, mas também da realidade. Tornar um indivíduo letrado (digitalmente) tem a ver não só com os processos de leitura e escrita, mas também de abrir oportunidades para o exercício plena cidadania.

4 GÊNERO DIGITAL COMENTÁRIO *ONLINE*: CONSTRUTOS BASILARES

Tomando como ponto de partida a discussão sobre os gêneros digitais, nesse trabalho nos debruçamos sobre um gênero digital específico, o comentário *online*. As minhas reflexões a respeito desse gênero começaram na graduação, em uma atividade desenvolvida por meio do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência pela Universidade Federal de Lavras, em 2014. Desde então é possível perceber que, mesmo quatro anos depois, ainda há uma escassez de pesquisas que busquem explorar as potencialidades desse gênero para o ensino e por isso a necessidade de inventariar pesquisas que considerem a sua riqueza no que se refere aos processos de leitura e escrita.

O comentário *online* é um gênero sobre o qual podemos aplicar toda a historicidade dos gêneros digitais, isso porque, de acordo com as poucas pesquisas inventariadas sobre esse gênero podemos concluir que ele possui sua origem no gênero carta. Bazerman C. (2006) postula sobre a riqueza do gênero carta para a proliferação de outros gêneros. Como afirma o próprio autor, a carta sempre teve este caráter de representar “relações sociais realizadas a distância” (BAZERMAN C., 2006, p.87), por isso, “as cartas forneciam identificação de autor e audiência e, no período mais antigo, elas eram entregues por mensageiro pessoal da autoridade”, assim, podemos concluir que sempre houve a necessidade de existir um remetente e um destinatário, isto é, a demarcação das pessoas que interagem nesses processos. Bazerman C. (2006) ainda aponta que “além do mais, cartas podem descrever e comentar – frequentemente de modo explícito – a relação entre indivíduos e a transação da natureza corrente.”. Mais adiante, com o avanço da mídia impressa as cartas foram tomando outros formatos, mas sempre mantendo algumas características primordiais que as caracterizam, como a sua função social e alguns aspectos estruturais. Nesse contexto, os jornais começaram a destinar, principalmente nas seções esportivas e/ou culturais, um espaço para a “carta do leitor” resgatando, assim, a sua característica de comentar e possibilitando, também, a interação entre os produtores dos jornais com os seus receptores. Não obstante, ainda hoje é possível perceber esse espaço para o posicionamento dos leitores, sejam em jornais, revistas sobre moda, até mesmo em revista que veiculam textos em quadrinhos.

Como dissemos no capítulo sobre os gêneros digitais, é visível como alguns dos gêneros que eram veiculados apenas nas mídias impressas e, atualmente, recebem novos

contornos, com vistas a se adaptarem à realidade virtual em que estão inseridos e considerando a riqueza do gênero carta, não é possível mais afirmar, por exemplo, que esse gênero se materializa na internet apenas por meio do *e-mail*. O gênero comentário *online* pode ser encarado também como uma ramificação da carta, já que possui algumas das características mais importantes desse último, por exemplo, a demarcação de um remetente e também o posicionamento dos participantes da interação sobre determinados assuntos, no entanto, agora, com novas possibilidades de incrementar novas semioses. Cunha (2012, p.27) afirma que

O comentário eletrônico é uma prática social que faz parte da vida cotidiana de milhares de pessoas. É um novo tipo de diálogo que os jornalistas não conheciam antes da internet, uma vez que as cartas de leitores eram editadas, não eram imediatas e raramente eram respondidas pelo editor ou por outros leitores da mídia impressa.

A internet, então, tornou-se um espaço democrático de interação, uma vez que todos aqueles que têm acesso a essa rede pode dialogar por meio de comentários, isso é visível em canais como *YouTube*, *Facebook*, sites de jornais como G1, isto é, a transposição desse gênero para essa nova realidade pode ser percebida. Atualmente, contando com a rapidez da internet, os comentários tornaram-se também espaço para diálogos, já que a interação ocorre de maneira dialógica em que os turnos de fala são simultâneos.

Considerando que o gênero comentário surge como resposta a uma notícia *online*, constituindo-se como réplica a essa notícia, ao mesmo tempo em que dentro da cadeia de comentários podemos ter comentários que são réplicas a outros comentários, comentários que replicam o discurso ou atitudes de personagens das notícias, que replicam jornalistas, que replicam o portal, enfim, apontamos para o dinamismo das relações de interação como sendo um dos fatores determinantes do plurilinguismo nesse gênero(SANTOS; FILHO, 2014, p.303).

Os comentários postados nas redes sociais tomaram uma dimensão social tão grande que, atualmente, são legitimados e algumas das famosas marcas pensam em estratégias de marketing contando com os as avaliações feitas por meio de pequenos comentários que seus usuários postam para vender seu produto. É importante mencionar como esses excertos postados possuem um juízo de valor e podem ser tanto depreciativos quanto apreciativo. Essa dimensão discursiva que os comentários possuem, como disse anteriormente, são exploradas em estratégias de marketing e também podem ser utilizadas em sala de aula, por exemplo, no trabalho com os modalizadores. Abaixo, segue uma imagem de

uma propaganda divulgada pela empresa "Burger King" veiculada em todos os canais de divulgação:

Figura 4.1 – Propaganda Burger King



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=px64jbWIKgA>. Acesso 14/10/2018

Essa propaganda foi publicada recentemente e constrói uma narrativa em que, inicialmente, são apresentados os comentários de valor depreciativo sobre os produtos da marca "Burger King" e, posteriormente, são apresentados também comentários encontrados nas redes sociais que, disfarçados pelo conceito de "opinião", demonstram um discurso de ódio não mais velado. Ao final, é veiculada a seguinte mensagem "Opiniões são sempre bem-vindas. Preconceito não". Essa abordagem dada é extremamente didática e poderia ser explorada em sala de aula, uma vez que, dessa maneira, é possível mostrar para os alunos a ética como uma questão transversal ao ensino de língua portuguesa, além disso, é importante, também, reiterar nos alunos a responsabilidade de seus atos no convívio social e como o preconceito, muito recorrente nos últimos tempos, incide diretamente nos modos de se organizar socialmente.

Considerando a legitimação que os comentários têm tomado na atualidade, no domínio do Marketing, por exemplo, uma maneira de mensurar o nível de engajamento dos interlocutores que interagem com as páginas (*Facebook, Twitter, Instagram*, por exemplo) é feito por cálculos que consideram os comentários postados pelos usuários nos conteúdos digitais elaborados pela marca.

Respaldando-nos em Bertucci e Nunes (2017, p.323) assumimos que o comentário é o mais alto grau de engajamento dos sujeitos que participam da interação, isso porque

há outras funções que o *Facebook*, por exemplo, oferece como as reações. Mas, para além disso, como as próprias autoras pontuam

(...) além de uma navegação e leitura atentas, disposição e capacidade de contribuir para a ampliação da publicação. É um outro texto, que revela o percurso construído pelo leitor e que soma outros sentidos ao primeiro. Por isso, os comentários são o grau mais intenso da interação na tríade autor, texto, leitor uma rede como o Facebook, quando se considera a modalidade escrita.

Esse percurso de leituras anteriores pode ser uma característica dos comentadores, no entanto, nem sempre é uma característica aplicada a todos os casos tendo em vista a dimensão que as *Fake News* tomaram. Isto é, para chegar ao resultado final (o comentário postado) consideramos que houve uma busca por mais informações em fontes seguras, entretanto, no caso das notícias falsas é perceptível como a ausência de precisão dos dados ou até mesmo dos fatos noticiados implicaram diretamente no discurso do sujeito. Todavia, se considerarmos o percurso de leitura dos sujeitos comentadores é possível explorar, em sala de aula, as possibilidades que os hipertextos contribuem na leitura em ambientes virtuais, por exemplo, já que é possível até mesmo mapear o percurso seguido pelo aluno.

Já superado o conceito de gêneros emergentes, o comentário *online*, além das questões discursivas, o gênero possui uma estrutura que, atualmente, segue fixa. No entanto, é importante lembrar que por se tratar de um gênero digital, há uma fluidez em termos estruturais, isso porque cada vez mais são sendo feitos reparos e, assim, evoluindo as possibilidades de se aproximar de atos de fala mais próximos da realidade. Um exemplo claro disso são os vídeos postados nos comentários. Essa multimodalidade que o gênero apresenta possibilita que os comentadores gravem vídeos registrando seus posicionamentos ou, ainda mais, acrescentar à argumentação do sujeito algum vídeo que corrobore o que ele tem a dizer.

O dialogismo constituído nesse gênero permite que os comentadores interajam de maneira a se posicionarem com breves textos que podem servir como réplica, tréplica, por meio de um posicionamento convergente, divergente ou complementar. Desse modo, a aquisição de conhecimentos revela-se colaborativa, na medida em que os sujeitos produzem, (re)avaliam, socializam, constroem e reconstroem os diversos percursos que levam à construção do conhecimento. (SILVA, 2012). Ainda nessa direção, a produção dos comentários acontece de maneira assíncrona, isto é, os participantes da interação podem

manifestar suas opiniões de maneira instantânea, como também podem reviver conteúdos antigos e, por exemplo, (re)avaliar sua postura diante ao fato ocorrido e esse movimento de repensar a sua participação no momento interativo permite que os temas/conteúdos discutidos sejam amadurecidos diante a outras opiniões e dar abertura às réplicas e trélicas constituídas de intertextos.

Os comentários não exigem uma sequência cronológica para réplica, o comentador pode responder a qualquer um dos comentários na ordem em que julgar necessário. O leitor pode comentar tanto a notícia quanto outro comentário já expresso sobre ela. Em virtude disso, é comum que uma sequência de comentários, embora mantenha diálogo com a notícia, remeter-se a outros comentários ou, ainda, a elementos externos à notícia (REMENCHE; ROHLING, 2016, p.1464)

Além disso, esse gênero guarda grandes semelhanças com o chat e o fórum de discussão. A semelhança reside no fato de esses gêneros permitirem o desenvolvimento de algumas habilidades importantes que são necessárias para a educação atual: rapidez de raciocínio, leitura dinâmica, sociabilidade, colaboração e cooperação (LEAL; STREET, 2006). Da mesma forma que os fóruns educacionais que acontecem em ambientes virtuais como o “AVA”, o comentário *online* permite a ampliação da capacidade de o aluno “argumentar sobre temas diversos, levando-os a aprender a refletir dialeticamente sobre as diversas opiniões e construir sua própria síntese sobre as questões em discussão” (XAVIER; SANTOS, 2005, p.37-38). Complementando o exposto, Costa (2008) considera que o gênero pode ser usado tanto na oralidade quanto na escrita, sendo um conjunto de notas ou observações, podendo ser críticas ou basicamente esclarecedoras, de caráter expositivo e/ou argumentativos associadas a quaisquer assuntos. Em sua forma, o gênero textual geralmente é curto e sintético. O comentário *online* é o conjunto de todos os comentários sobre uma determinada notícia ligada a um contexto extraverbal, usado para realizar determinadas funções sociais, como comentar, por exemplo.

Há, ainda, que destacar esse gênero como uma possibilidade para a inclusão de todos os alunos, uma vez que, por questões estruturais, se considerarmos o espaço físico da sala de aula ou mesmo o tempo de aula (em muitos casos 50min), por exemplo, nem todos os alunos podem participar/comentar/questionar em sala de aula. Além disso, os comentários ganham voz e seu discurso é reconhecido e essa característica do gênero é extremamente importante, porque garante ao sujeito seu turno de fala e, também, oportunidade de expor e defender suas ideias.

Para SANTOS (2012, p.150)

O gênero comentário *online* por ser constituído por uma sequência de enunciados que possuem extremidades (início e fim) marcadas visivelmente pela alternância dos sujeitos, que são os comentadores, possibilita a visualização das relações dialógicas dos enunciados a partir de seus elementos constitutivos: a alternância dos sujeitos, conclusibilidade e valoração apreciativa.

O comentário *online* está presente em diversos outros gêneros, por exemplo, o blog, ou bate papo, essa dinamicidade de sujeitos que participam da interação faz com que existam vários aspectos que podem ser levados em consideração em outros estudos em diversas áreas, por exemplo, aos olhos da sociolinguística, essa diversidade de comentadores explicita questões de variações linguísticas, e podemos citar, por exemplo, o fato de que a linguagem utilizada nos comentários se assemelha ao momento da fala, pela necessidade de simultaneidade da interação, sendo assim, alguns dos comentadores apresentam de forma explícita em seus textos marcas da oralidade.

Em relação ao suporte virtual, o gênero proposto possui diversas vantagens para o uso, pois a maior preocupação que o professor deve ter é a de fazer com que esse momento de comentar aconteça de maneira fluida e natural, pois é necessário entender que para este gênero a interação entre os sujeitos é um dos pontos mais fortes. A ferramenta que adere a este gênero apresenta opções que desencadeiam conversações Smolka (1988, p.136), “os outros falam no meu texto, eu incorporo e articulo a fala dos outros; eu falo o/no discurso de outros que, ao mesmo tempo, ampliam o meu dizer [...]”.

Essa pluralidade de vozes e linguagens refrata a intenção do autor pelo fato de não haver apenas uma intenção, mas a do autor, a da personagem e ainda aquelas relativas às muitas outras vozes sociais que perpassam as duas primeiras (a voz do autor e das personagens) (SANTOS; FILHO, 2014, p.304)

O trabalho com o gênero comentário *online*, por estar inserido em um ambiente virtual, possibilita, por exemplo, aos alunos uma barra em branco que contém a seguinte sentença “escreva um comentário...”. São vários os pontos que chamam a atenção, primeiro, o fato de a sentença estar no imperativo faz com que se torne um convite para que os alunos façam parte desse momento de interação. Esse convite torna o momento de comentar algo mais livre, longe de grandes níveis de formalidade, o que faz com que os alunos não sejam tão resistentes a comentar. A opção de reagir ao comentário também é um fator que o professor pode usar como seu aliado, pois o aluno que tem sua publicação

curtida sente-se valorizado e estimulado a continuar fazendo parte do diálogo proposto. Além disso, há também outras reações, por exemplo, a opção “amei” que, semanticamente, pode expressar inúmeros sentidos, dentre eles a também aprovação ou até mesmo uma ironia e essas diferenças serão reveladas pelo contexto.

O comentário é, portanto, uma prática discursiva que tem seu propósito e suas regras: a partir de um texto fonte, o leitor constrói novos discursos, reacentuando diferentemente os aspectos temáticos, os sentidos múltiplos, explícitos ou subentendidos, ou introduzindo deslocamentos e mudanças de tema em função do seu PDV¹ como se pode ver nas análises a seguir. (CUNHA, 2012, p.28)

A produção de comentários *online* abre portas para um movimento revelador quanto aos sujeitos que participam dessa interação. É possível perceber, como já citamos acima, marcas de autoria que explicitam os posicionamentos por meio de marcas linguísticas que não se refere apenas à pessoa física, mas, “mas a uma posição de autoria inscrita no próprio gênero” (REMENCHE; ROHLING, 2016, p.1465), já que a função desse gênero é deixar claro o ponto de vista diante um fato.

Além disso, a internet como principal meio de interação social agora entre diferentes grupos da sociedade tem exigido mais dos seus usuários e proporcionado ambientes, por estar em um suporte virtual, mais fluido para expressar suas representações linguísticas com padrões próprios. Nesse contexto, é comum, e é possível perceber nos dados aqui analisados como o surgimento de neologismos tem redimensionado os padrões linguísticos já que não é necessário o conhecimento específico do domínio gramatical, mas, agora, os usuários criam novas palavras que de acordo com os manuais de gramática eram processos formativos raros na língua, por exemplo, os neologismos fonológicos.

Ela é escrita por valer-se de grafemas e ser passível de registro e armazenamento, possuindo potencialmente a permanência que caracteriza toda comunicação escrita. Ao mesmo tempo, ela aproxima-se do discurso oral por suas possibilidades quanto à interatividade, por nela podermos identificar traços de organização de troca de turnos, pelo discurso ser construído conjuntamente e localmente pelos interagentes, e por ele ter sua forma influenciada pela pressão do tempo, tal como acontece na conversação. Ela assemelha-se à conversação, também, por recorrer, ainda que semioticamente, à contextualização paralinguística, por seus usuários parecerem necessitar tão insistentemente transportar para a tela do computador suas risadas, tons de voz e expressões faciais (SOUZA, 2001, p.33).

¹ PDV se refere à “Ponto de Vista”.

Entre os dados, um muito interessante que nos chamou a atenção, foi a formação neológica “POC” que não imaginávamos qual seria a sua base para criação, então, pesquisando e perguntando para outras pessoas que empregam essa palavra nos seus comentários, descobrimos que se trata de um neologismo fonológico que busca representar o som de um salto ao tocar o chão, de acordo com (ALVES, 1990) os neologismos fonológicos são raramente produzidos na língua, no entanto, numa função agora denominativa, além de um neologismo fonológico, essa palavra estendeu seu sentido e configura um chamamento, isto é, a forma de pessoas se enquadrarem num grupo social. Todavia, é importante destacar como a internet deu força para que “POC” tomasse essa dimensão, o que antes era usado como uma forma depreciativa de chamar alguém que pertence a comunidade “LGTBQ+”, agora tem a capacidade de agrupar pessoas que se consideram “POC’s”.

Considerando, como dissemos no início desse capítulo, a escassez de produções científicas referentes a esse gênero, não buscamos aqui esgotar todas as possibilidades e potencialidades que esse gênero oferece, mas apresentar algumas de suas características e funcionalidades que podem ser exploradas no tratamento com a linguagem em sala de aula. Afinal, tomando como ponto de partida a característica relativamente estável dos gêneros, não é possível definirmos um ou caracterizarmos um gênero, principalmente digital, quanto à sua estrutura e função social. A ampliação e cada vez mais interferência da internet nos modos de interagir redimensiona a cada momento suas estruturas e funcionalidades. Assim, o que buscamos aqui foi mostrar da maneira mais direta como o trabalho com esse gênero pode ser funcional em sala de aula e ainda é pouco explorado.

4.1 3.1 Internet x Interação x Linguagem: O internetês

Até aqui nos dedicamos todo momento a estabelecer relação entre linguagem e redes sociais, agora nos dedicaremos especialmente a uma forma de expressão linguística extremamente utilizada na internet, o famoso “internetês”. Essa variação na “forma grafolinguística” das palavras, como é pontuado por Komesu e Tenani (2009), é uma característica marcante das formas de interação em ambientes virtuais, porque é revelador quanto a forma de comunicação entre os sujeitos.

A escrita considerada baseada no “internetês” carrega marcas do que consideramos até aqui como texto digitado, isto é, a mescla entre oralidade e escrita, a presença de elementos multissemióticos, tais como imagem, sons, links e considerando a característica

gráfica das palavras digitadas são marcadamente palavras que precisam ser abreviadas, formação de siglas, regras próprias no que se refere à aspectos de acentuação, por exemplo.

O internetês é conhecido como forma grafolinguística que se difundiu em textos como chats, blogs e demais redes sociais. Seria uma prática de escrita caracterizada pelo registro divergente da norma culta padrão, como pode ser verificado no Texto 1, razão pela qual seus adeptos são tomados como “assassinos da língua portuguesa”, do ponto de vista dos avessos a essa prática de escrita. A prática de abreviação, o banimento da acentuação gráfica, o acréscimo ou a repetição de vogais, as modificações do registro gráfico padrão, com troca ou com omissão de letras, são alguns dos traços que podem ser observados na ortografia desse texto, os quais serão descritos e discutidos na próxima seção. É esse quadro que, apresentado ao não-iniciado, é quase sempre tomado como “simplificação da escrita”, com conseqüente “morte da língua” (KOMESU; TENANI, 2009, p.624).

Todos os pontos levantados pelas autoras são observáveis nas redes sociais. O texto escrito em sites, aplicativos entre outros, em sua grande maioria se valem desses aspectos do internetês como forma de expressão linguística, isto é, os indivíduos que interagem nas redes sociais digitais escrevem com abreviaturas, siglas, regras morfológicas/fonológicas/sintáticas próprias e, no processo interativo, seus interlocutores compreendem. É interessante pensar que não há um manual didático que postule regras para formalizar o internetês, como temos os manuais de gramática tradicional, por exemplo, mas, o processo de interação entre os sujeitos não é afetado ao passo que, de alguma maneira, os interlocutores decodificam as palavras e, mais importante ainda, interpretam o texto.

Por isso, assim como é apontado na citação acima de Komesu e Tenani (2009, p.624) é preciso superar, e estamos caminhando para isso, a ideia de “simplificação da escrita”, ao tratar sobre as novas formas de grafar palavras nas redes digitais precisamos assumir a emergência dessas novas variações gráficas, que possuem uma riqueza enorme para os estudos linguísticos e não se tratam de “matar a língua”, pelo contrário, é um movimento que corrobora a língua como um organismo vivo que absorve todos os passos da sociedade, afinal, a vida cotidiana atual se tornou cada vez mais rápida, explorando novos domínios e novas formas de atuar efetivamente em todas as esferas da sociedade.

O internetês é um ganho para os estudos da linguagem ao passo em que revela como os usuários da língua e também das redes digitais podem manipular fonemas, palavras e até mesmo sentenças de acordo com regras próprias que são difundidas entre os sujeitos.

O que queremos explicitar aqui é que, como afirmamos acima, não há um manual² que sistematiza as regras que regem as estruturas linguísticas, mas há um acordo que acontece de maneira “não dita”, isto é, velada entre os usuários que no processo interativo se faz entender.

No que se refere às formações neológicas nas redes sociais digitais, o internetês possibilita essas formações de uma maneira mais fluída, então, quando tratamos sobre neologismos na internet, indissociavelmente, tratamos, também, internetês. Conforme Santos (2013)

O internetês e os neologismos que ele possibilita podem ser, provavelmente, encontrados com mais facilidade nas redes sociais, pois essas são “pontos de encontro” entre usuários da língua, os quais se disponibilizam a trocar dados entre si, a se socializar por meio da internet, utilizando, quase sempre, uma linguagem mais solta, pois, na maioria dos casos, tais usuários não precisam se policiar linguisticamente, uma vez que, de modo geral, estão escrevendo para os próprios colegas e em um português sem rebuscamentos e sem a necessidade de todas as regras normativas, defendidas e exigidas pela Gramática Tradicional. (SANTOS, 2013, p.12-13).

Esse tratamento dado à linguagem, isto é, a liberdade para criar palavras e regras para a formação de palavras demanda dos seus usuários um processo cognitivo novo, porque é de acordo com o que eles dominam sobre as regras linguísticas que os permitem criar novos parâmetros, por exemplo, em regras para acentuação.

Mesmo com avanço nos estudos linguísticos ainda hoje é possível perceber uma visão depreciativa no que se refere à linguagem nos meios digitais. Esse posicionamento deve ser combatido, porque acreditamos que as formas de se expressar por meio da língua na internet não faz com que os sujeitos esqueçam ou se desapropriem da variante padrão, ou das regras gramaticais reiteradamente hierarquizadas em sala de aula, pelo contrário, estimula no usuário da língua seu potencial criativo ao passo em que ele utiliza da sua competência lexical para formar outras palavras que cumpram a necessidade do seu querer dizer.

Alertamos ainda para o fato de que não se trata aqui de abandonar a gramática ou abandonar o ensino das variantes, mas agregar ao ensino de língua as potencialidades

² Quando tratamos sobre a não existência de um manual que sistematize as regras que o internetês oferece, estamos estabelecendo uma relação de igualdade aos manuais de gramática que são oferecidos no ensino de Língua Portuguesa. Datado desde 1995 há sim um dicionário do Internetês, no entanto, não sistematiza, por exemplo, as relações sintáticas que um neologismo criado na internet pode estabelecer com outras palavras.

que a internet permite. É repensar qual o lugar a gramática ocupa nas aulas de Língua Portuguesa e redimensionar de acordo com a necessidade dos alunos, de forma a ampliar a competência comunicativa, tão salientada nos documentos oficiais que regem a educação no Brasil e, assim, criar possibilidades de aprendizagem para que os alunos interajam efetivamente na sociedade do conhecimento. E nessa direção a internet está cada vez mais difundida e precisa ser cada vez mais estudada as formas de interação que nela ocorrem. Para (KOMESU, 2008) “Acredito que é com base em um critério de pureza projetada como ideal da escrita que muitos indivíduos – incluídos universitários e professores de Língua Portuguesa – fazem a crítica aos usos da linguagem que emergem da internet” (p.427) esse critério de pureza parte de uma tradição antiga que busca purificar a língua tornando, assim, qualquer aspecto que foge as regras da gramática tradicional um tabu, alimentando, dessa maneira, os preconceitos linguísticos na sociedade.

Ora, se a língua é um organismo vivo, é parte primordial dos estudos linguísticos investigar as suas realizações em todas as suas nuances, sejam em mídias impressas, mídias digitais, isto é, em qualquer ambiente em que a língua se realiza e cumpre seu propósito comunicativo, afinal, a língua acontece em todo lugar e, por vezes, não na gramática. Ferraz (2006, p.219) assevera que “uma das provas de vitalidade de uma língua é a sua capacidade de gerar novas palavras. A criação de novas palavras e a reutilização de palavras já existentes a partir de novos significados constituem, portanto, um processo geral de desenvolvimento do léxico de uma língua” e, assim, o internetês legitima a característica viva da língua, a forma como a língua acompanha os processos naturais de evolução da sociedade.

Assentamo-nos em Bisognin (2008) para afirmar que “Eles precisam dominar as duas modalidades da língua, a oficial e a deles” (p.75), isto é, os alunos precisam entender que não existe um prestígio nas formas de se expressar pela língua, é como se, antes, existe a oficial que rege “os dizeres” oficiais, seja escrito ou oral, e existe, também, não menos importante, a deles, a que eles utilizam em seus grupos sociais, nas conversas rotineiras, nos comentários escritos, em situações de informalidade. Ainda conforme Bisognin (2008, p.75) buscamos esclarecer que

“Temos certeza de que os jovens sabem que, num exame ou prova de concurso, certas formas simplificadas que escrevem on-line não podem ser empregadas. Eles até tentam utiliza-las em sala de aula (porque lhes parecem mais fácil, mais simples ou estão mais habituados a ela), cabe à escola esclarecer que “uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa””.

Por isso reiteramos aqui a necessidade de políticas de formação continuada que mantenham o professor atualizado sobre os tratamentos sobre a linguagem tendo em vista as novas tecnologias. Não basta equipar a escola com computadores, é preciso preparar os profissionais para que eles estejam aptos a lidarem não só com as tecnologias, mas também sobre os redimensionamentos que elas provocam. Assim como precisamos falar sobre regionalismo, gramática entre outros, precisamos, também, emergencialmente, falar sobre gêneros digitais, sobre texto digitado, sobre proximidades e situações de uso da língua. Tudo isso faz parte do ensino de Língua Portuguesa. Tudo isso faz parte do processo formativo dos cidadãos que assistem as nossas aulas. Não preparar nossos alunos para lidar com essas potencialidades é, também, um mecanismo de exclusão social, assim como o também é quando privamos nossos alunos do conhecimento sobre as regras gramaticais.

5 METODOLOGIA

A pesquisa ora apresentada passou por algumas etapas, de forma que, inicialmente, levantamos as ocorrências de candidatos a neologismos presentes nos comentários *online*, é mister ressaltar que o nosso recorte objetivou uma pesquisa mais afunda em grupos da rede social *Facebook*, em alguns Jornais *Online*, tais como “Mídia Ninja”, “G1- O portal de notícias da Globo”, e, também, em páginas de cunho político como Movimento Brasil Livre”, uma vez que, principalmente no momento político em que o país está inserido, a produção de comentários nestas plataformas é quase simultânea devido aos debates acirrados e dialógicos, propiciando, dessa maneira, a formação de novas lexias com uma frequência quase que instantânea. Para a seleção de grupos dos quais ocorreram a coleta no *Facebook* não foi elencado nenhum critério específico. A escolha pelo gênero em questão se justifica pela capacidade dialógica e (por vezes) simultânea da interação permitida pelo ambiente digital, como dito anteriormente. Além disso, é visível como esses ambientes têm ganhado expansão e força na sociedade contemporânea, o que reforça a necessidade de empreender pesquisas que busquem desvendar os novos modos de escrita e leitura, uma vez que, contemporaneamente, a internet tem impactado significativamente nos modos de vida da sociedade e a língua, como um fator intrínseco à sociedade, tem acompanhado essas mudanças, propiciando, por exemplo, o que chamamos hoje de “internetês”.

Para fins de delimitação, é importante, *a priori*, esclarecer que para este trabalho, utilizamos como *corpus* de exclusão o critério lexicográfico, já utilizado entre vários pesquisadores da área, em que só é possível afirmar o caráter neológico do item lexical caso ele não esteja presente nos dicionários. É sabido que um dicionário não é capaz de incorporar todas as palavras da língua, o que pode configurar como uma fragilidade do critério selecionado, no entanto, Ganança (2017) nos reforça que

No entanto, socialmente falando, o dicionário é visto como o repositório lexical confiável de uma determinada comunidade de falantes, não sendo rara a consulta às obras lexicográficas para a verificação da existência ou não de uma palavra, para aferição de sua ortografia, pronúncia correta, significados possíveis etc. Pelos falantes, os dicionários são vistos como fonte de saber lexical e parece intuitivamente natural deixar de considerar uma palavra neológica se ela passar a figurar nos dicionários da língua (GANANÇA, 2017, p.76)

Assim, ainda hoje, o critério lexicográfico, sabendo da veracidade e importância dos dicionários não só no cotidiano, como também em sala de aula, tem se mostrado um

importante procedimento metodológico para as pesquisas. Dessa maneira, tomando como base o objetivo deste trabalho, que é identificar as formações neológicas mais frequentes nos comentários *online*, e, assim, propor direcionamentos de cunho pedagógico para o ensino do processo de formação de novas palavras em sala de aula, bem como explorar a postura investigativa dos alunos, nos apoiamos nos principais dicionários escolares aprovados pelo PNLD de 2012, além de, também, consultamos o dicionário *online* Caldas Aulete Digital, esses dicionários foram utilizados como *corpus* de exclusão. Como se trata de um estudo com enfoque pedagógico, especificamente voltado para as séries do Ensino Médio, a seleção de dicionários utilizada é aquela aprovada pelo Ministério da Educação (MEC), por meio do PNLD-Dicionários, de 2012. Dessa forma, compõem esse *corpus* de exclusão o *Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara*, *Dicionário Houaiss Conciso*, *Dicionário Unesp do Português Contemporâneo e Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, todos dirigidos aos estudantes do Ensino Médio e publicados em 2012.

A busca por esses candidatos a neologismo compreende o período de estudo, portanto, a seleção e a coleta teve início em maio de 2017 até junho de 2018, já de antemão é importante salientar que as ocorrências apresentaram, em sua grande maioria, caráter efêmero, uma vez que cumpriam um propósito comunicativo instantâneo para a comunidade usuária da língua naquele momento. As ocorrências de candidatos a neologismo apresentadas abaixo serão classificadas de acordo com Alves (1990) que estabelece, como dito anteriormente, uma classificação para os neologismos em 3 tipos: semântico, formal e de empréstimo, então, posteriormente, apresentamos uma descrição lexicológica dessas formações encontradas. Além disso, nos ancoramos também em outros teóricos que versam sobre a formação de neologismo e, também, sobre a produtividade lexical no Português Brasileiro, tais como Ferraz (2006; 2008; 2010; 2012), Rocha (1998), Ganança (2017), Contiero e Ferraz (2014), Alves (2010), Valente (2010), Correia (2011), entre outros.

Abaixo apresentamos um quadro com todas as ocorrências coletadas. Com vistas a deixar mais claro e de mais fácil identificação no momento da classificação separamos as formações neológicas simples, das formações neológicas mais diversas, o que consideramos como casos especiais, além disso, separamos também os fraseologismos que também têm sido mais produtivos na língua e foram encontrados na nossa coleta.

Tabela 5.1 – Tabela de Neologismos I

Dado	Tipologia
Bolsomínion	Formal + Hibridismo
Trans	Formal
Cdzinha	Formal + Hibridismo
Fic	Formal + De empréstimo + Semântico
TayTay666	Formal + Hibridismo
Kengaral	Formal
Gaydar	Formal + Hibridismo
Permeban	Formal
Ban	Formal
Godmeron	Formal + Hibridismo
Goreka	Formal + Hibridismo
Bregasia	Formal + Hibridismo
Iconezao	Formal
Psee	Formal
Hino	Semântico
Aquariologia	Formal
Anão	Formal
Shippo	Empréstimo
Videoszinhos	Formal
Godlasky	Formal
Uatafoqui	Formal + Empréstimo
Fb	Formal
Fanfiqueira	Formal + Hibridismo
Ac	Formal
RPDR	Formal + Empréstimo
Season	Empréstimo
Mama	Empréstimo + Formal
Bug	Empréstimo + Semântico
Lili	Formal + Semântico

Winner	De empréstimo
Grito	Semântico
Daddy	Empréstimo
Fandom	Hibridismo + Formal
Queens	Empréstimo
RTzão	Hibridismo + Formal
Tour	Semântico + Empréstimo
Mansplaining	Empréstimo
Chernobyl	Semântico
Kid	Empréstimo
Gorfando	Formal
Fake News	Empréstimo
Pink Money	Empréstimo
Shade	Empréstimo + Semântico
Ownou	Empréstimo
Insta	Empréstimo + Formal
Yt (youtube)	Formal + Empréstimo
Espumar	Semântico
Biscoito	Semântico
Fav	Formal + Empréstimo
Berro	Semântico
Ratobarata	Formal
Bolsonete	Formal
Stopem	Formal + Hibridismo
Mood	Empréstimo
Close	Empréstimo + Semântico
Monilde	Formal
Desver	Formal
Igualzin	Formal
UP	Empréstimo + Semântico
Migos	Formal

Banhozinho	Formal
Dnv	Formal
Post	Formal
Bostanaro	Formal
Globolixo	Formal

Fonte: Do Autor, 2019

Tabela 5.2 – Tabela de Neologismos II

Dados (Fraseologismos)	Tipologia
Iti	Formal
Fonte: (Arial, Times)	Semântico
Sipa	Formal
Trendig Topic	Empréstimo
É cilada Bino	Formal
Lavou, tá novo	Semântico
Será Se	Formal
O vale	Semântico + Formal
Jair se	Formal

Fonte: Do Autor, 2019

Tabela 5.3 – Tabela de Neologismos III

Dados (Casos especiais)	Tipologia
@	Formal
POC	Formal
Φ^2	Formal + Hibridismo

Fonte: Do Autor, 2019

Como é possível perceber, as novas palavras encontradas são diversas e não necessariamente seguem um padrão que é descrito pela gramática normativa e por isso a

necessidade de separá-las em quadros diferentes. A partir de agora nos dedicaremos as análises dos dados, como dito anteriormente, apresentaremos uma discussão sobre os dados em relação à quantificação, isto é, apresentaremos números relativos aos dados e uma possível explicação entre os números e os dados, com vistas a contribuir sobre os direcionamentos devem ser dados em sala de aula e sobre como podemos explorar numa dimensão não só morfológica, como também, discursiva. Dessa maneira, dividimos os quadros em: Dado, Tipologia, Processo de Formação, Contexto, Descrição (do tipo de processo) e o sentido da lexia no contexto de uso. Além disso, disponibilizamos também nas páginas subsequentes as imagens com a postagem (que equivale ao contexto) e também o comentário, dessa maneira, é possível compreender melhor as relações de sentido.

6 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados sucedeu em três etapas em que, inicialmente, coletamos os dados nas páginas e grupos das redes sociais, em específico, no site de relacionamentos “Facebook” e, a partir de então, elaboramos quadros de forma a especificar a complexidade dos casos. Posteriormente, empreendemos uma análise estatística com base nos dados sobre quais as tipologias mais recorrentes e, até mesmo, os mais produtivos na era digital. Assim, a priori, vamos apresentar os dados e suas classificações de acordo com a tipologia, tipo de processo e, conhecendo os dados, vamos apresentar os dados estatísticos a respeito dos dados e esclareceremos algumas questões relacionadas às características que reúnem esses dados.

Diferente de como apresentamos anteriormente, abaixo separamos em apenas dois quadros as unidades lexicais neológicas encontradas, de forma que, inicialmente apresentamos os dados que apresentam apenas as unidades lexicais e outro em que apontamos unidades fraseológicas recorrentes também nas redes sociais e que apresentam caráter neológico, seja no nível semântico, formal ou por empréstimo. É importante enfatizar que nos ancoramos, primordialmente, em Alves (1990) os processos de neologia em três mecanismos (formal, semântico e por empréstimo) e, portanto, temos sempre ao final, como o produto desses processos, o neologismo lexical. Ferraz (2010) aponta que

“Dessa forma, podemos identificar o neologismo formal, em que a unidade léxica foi criada a partir de padrões de formação e estruturação da lexicais disponíveis na língua(...), e o neologismo semântico, em que a forma lexical já dicionarizada apresenta-se com uma significação diferente da atestada(...), ou o neologismo por empréstimo, em que um estrangeirismo lexical é adotado.” (FERRAZ, 2010, p.259)

Tabela 6.1 – Tabela Geral de Neologismos

Dado	Tipologia	Processo de Formação	Contexto (Apêndice)	Descrição
Bolsominion	Formal - Hibridismo	Cruzamento lexical	Fig.A.1(a)	Junção de duas bases = Bolsonaro + Minion, sendo minion uma base inglesa.
Trans	Formal	Truncamento	Fig.A.1(b)	Redução da forma “Transexual” sem alteração de sentido.
CDzinha	Formal + Hibridismo	Lexicalização da sigla CD + Derivação Sufixal	Fig.A.1.(c)	CrossDresser sofre uma siglagem, tornando, então, CD, que é lexicalizado e, então, admite o sufixo “zinha” da Língua Portuguesa.
Fic	Formal + De empréstimo + Semântico.	Truncamento	Fig.A.1.(d).	Redução da Forma “Fanfiction”
TayTay666	Formal + Hibridismo	Variação Gráfica	Fig.A.1(e)	Variação gráfica do nome “Taylor Swift”.
Kengaral	Formal	Derivação sufixal e variação gráfica	Fig.A.1(f)	Junção da forma “Quenga” + sufixo “Al”. Apontamos, também, a variação gráfica na forma “quenga” que troca o “Q” pelo “K”.

Gaydar	Formal - Hibridismo	Cruzamento lexicical	Fig.A.1(g)	Junção de duas bases: “Gay+Radar”
Permeban	Formal	Cruzamento lexicical	Fig.A.1(h).	Junção de Permanente + Banido.
Ban	Formal	Truncamento	Fig.A.2(a)	Redução da forma “Banir”/”Banimento”
POC	Formal	Onomatopeia	Fig.A.2(b)	Esse neologismo está relacionado a uma questão fonológica em que “poc, poc” seria uma tentativa de reprodução do som do salto alto.
Godmeron	Formal + Hibridismo	Cruzamento lexicical	Fig.A.2(c)	Junção da base estrangeira God (Deus) + Kameron. Essa última sofreu a redução para uma questão fonológica se adaptar a God, ficando apenas: “meron”.
Goreka	Formal - Hibridismo	Cruzamento lexicical	Fig.A.2(d)	Junção de duas bases, sendo a primeira: “Gore” + “Eureka”, sendo a última o nome de uma Drag Queen.

Bregasia	Formal – Híbrido	Cruzamento lexical	Fig.A.2(e)	Junção de duas bases: “Brega” + Asia, sendo a última o nome de uma Drag Queen.
Iconezao	Formal	Derivação Sufixal	Fig.A.2(f)	Acréscimo da do sufixo “zão” à base “ícone”.
Psee	Formal	Variação Gráfica	Fig.A.2(g)	Encurtamento da forma “Pois é”.
Hino	Semântico	Neologismo Semântico	Fig.A.2(h)	Mudança no sentido de Hino que antes era relativo à música.
Aquariologia	Formal	Derivação Sufixal	Fig.A.3(a)	Junção do sufixo “logia” à base “Aquaria”.
Anão	Formal + Semântico	Variação Gráfica + Neologismo Semântico	Fig.A.3(b)	O termo “anão”, nesse caso, refere-se a uma variação gráfica de “a não” comumente usado na fala.
Shippo	De empréstimo	Truncamento	Fig.A.3(c)	Encurtamento da forma “Relationship”.
Videoszinhos	Formal	Derivação Sufixal	Fig.A.3(d)	Acréscimo do sufixo “zinho” à base “vídeos”.
Φ^2	Formal + Híbrido	Variação Gráfica + Truncamento	Fig.A.3(e)	Um encurtamento da forma “PhiPhi”.

Godlasky	Formal - Hibridismo	Cruzamento lexical	Fig.A.3(f)	Junção das bases: God + Alaska, sendo que a última sofreu uma redução e variação gráfica, de forma que o resultado é “lasky”.
Uatafoqui	Formal + De empréstimo	Variação Gráfica	Fig.A.3(g)	Adaptação fonológica da forma estrangeira “What the fuck”.
FB	Formal	Variação Gráfica	Fig.A.3(h)	Acontece, nesse caso, uma siglagem da forma “Facebook”.
Fanfiqueira	Formal - Hibridismo	Derivação Sufixal	Fig.A.4(a)	Junção da base “Fanfiction” + “eira”. A base “Fanfiction” se adapta à Língua Portuguesa por meio das Regras de Formação de Palavras e torna-se “Fanfiq” admitindo, assim, o sufixo “Eira”
Ac	Formal	Truncamento	Fig.A.4(b)	Redução da forma “Acompanhando”.
RPDR	Formal + De empréstimo	Variação Gráfica	Fig.A.4(c)	O nome “RuPaul’s Drag Race” sofre esse processo de siglagem.
Season	De empréstimo	Estrangeirismo	Fig.A.4(d)	Legitimado em alguns grupos, utilizando seu sentido na Língua Portuguesa de “Temporada”.

Mama	Formal + De empréstimo + Semântico	Varição Gráfica + Estrangeirismo	Fig.A.4(e)	Uma variação gráfica, adaptada à Língua Portuguesa, de Mother, que é de Língua Inglesa.
Bug	De empréstimo + Semântico	Estrangeirismo	Fig.A.4(f)	Gíria de origem na Língua Inglesa.
Winner	De empréstimo	Estrangeirismo	Fig.A.4(g)	Integrada à Língua Portuguesa com seu sentido original.
Grito	Semântico	Neologismo Semântico	Fig.A.4(h)	Deslocamento do sentido de grito “ato de elevar a voz”.
Daddy	De empréstimo	Estrangeirismo	Fig.A.5(a)	Integrado à Língua Portuguesa com alteração no sentido.
@	Formal	Varição Gráfica	Fig.A.5(b)	Possivelmente esse neologismo foi criado com base nas funcionalidades das redes sociais, uma vez que para mencionar alguma user é necessário que antes use o “@” que combina as informações e, assim, é possível marcar alguém em alguma publicação.
Fandom	Formal + De empréstimo	Truncamento	Fig.A.5(c)	Uma redução da forma estrangeira “Fan Kingdom”.

Queen	De empréstimo	Estrangeirismo	Fig.A.5(d)	Formação integrada à Língua Portuguesa sem alteração no sentido.
RTzão	Formal + Híbrido	Tuncamento + Derivação Sufixal	Fig.A.5(e)	A forma “ReTweet” sofre uma siglagem e, assim, recebe o sufixo “zão”.
Tour	Semântico	Neologismo Semântico	Fig.A.5(f)	Deslocamento da ideia de viagem ou passeio.
Mansplaining	De empréstimo	Estrangeirismo + Cruzamento lexical	Fig.A.5(g)	Uma junção da base “man” (do inglês, Homem) + “explaining” (do Inglês, explicar).
Chernobyl	Semântico	Neologismo Semântico	Fig.A.5(h)	Deslocamento do sentido do acidente ocorrido em Chernobyl.
Kid	De empréstimo	Estrangeirismo	Fig.A.6(a)	Formação Neológica integrada à Língua Portuguesa sem alteração no sentido.
Gorfei	Formal	Fonológico	Fig.A.6(b)	É um elemento léxico que grafa a adaptação do som de vômito.
Fake News	De Empréstimo	Estrangeirismo	Fig.A.6(c)	Formação Neológica integrada à Língua Portuguesa sem alteração no sentido.

Pink Money	De empréstimo	Estrangeirismo	Fig.A.6(d)	Formação Neológica de origem inglesa que está sendo integrada à Língua Portuguesa.
Shade	De empréstimo + Semântico	Estrangeirismo + Semântico	Fig.A.6(e)	Formação Neológica que foi integrada à Língua Portuguesa com alterações no sentido.
Ownou	De empréstimo	Empréstimo	Fig.A.6(f)	Formação Neológica de origem inglesa que está se integrando à Língua Portuguesa sem alteração de sentido.
Insta	Formal	Truncamento	Fig.A.6(g)	Abreviação da forma “Instagram”.
YT	Formal + De empréstimo	Varição Gráfica	Fig.A.6(h)	Abreviação da forma “Youtube”.
Espumar	Semântico	Semântico	Fig.A.7(a)	Ressignificação do sentido do verbo “Espumar”.
Biscoito	Semântico	Semântico	Fig.A.7(b)	Alteração no sentido de “biscoito”.
Fav	Formal+ De Empréstimo	Truncamento	Fig.A.7(c)	Redução da forma “Fave”, termo de origem inglesa.
Berro	Semântico	Semântico	Fig.A.7(d)	Alteração do sentido do verbo “berrar”.
Ratobarata	Formal	Composição	Fig.A.7(e)	Junção de duas bases: Rato + Barata.

Bolsonete	Formal	Derivação sufixal	Fig.A.7(f)	Acréscimo do sufixo “nete” à base “Bolso”, do nome “Bolsonaro”.
Stopem	Formal + Hibridismo	Variação Gráfica	Fig.A.7(g)	Forma de origem na Língua Inglesa com acréscimo do sufixo: “Stop” + “Em”
Mood	De Empréstimo	Empréstimo	Fig.A.7(h)	Empréstimo da Língua Inglesa sem alteração na forma ou alteração semântica.
Close	Semântico	Semântico	Fig.A.8(a)	Alteração do sentido de close (enquadramento/posicionamento) para atitude.
Monilde	Formal	Variação gráfica	Fig.A.8(b)	Variação da forma “mona” mais acréscimo do sufixo “ilde”.
Desver	Formal	Derivação Prefi-sufixal	Fig.A.8(c)	Acréscimo do prefixo “Des” à base “ver”.
Igualzin	Formal	Derivação Sufi-sufixal	Fig.A.8(d)	Acréscimo de “zin” (reprodução da fala) à base “igual”.
UP	De empréstimo + Semântico	Hibridismo	Fig.A.8(e)	Importação da forma originalmente da Língua Inglesa, com alteração do sentido.
Migos	Formal	Redução	Fig.A.8(f)	Redução da base “amigos”.

Banhozinho	Formal	Derivação Sufixal	Fig.A.8(g)	Acréscimo do sufixo “zinho” à base “banho”.
Dnv	Formal	Variação Gráfica	Fig.A.8(h)	Desaparecimento das vogais e aglutinação da forma “de novo”.
Post	Formal	Truncamento	Fig.A.9(a)	Redução da palavra “postagem”.
bostanaro	Formal	Cruzamento lexical	Fig.A.9(b)	Junção das bases “bosta” + “naro”, do nome “Bolsonaro”.
GLOBOLIXO	Formal	Cruzamento lexical	Fig.A.9(c)	Junção das bases “Globo” + “Lixo”.

Fonte: Do Autor, 2019

Tabela 6.2 – Tabela Fraseológica

Dado (Frases Feitas)	Tipologia	Processo de Formação	Contexto	Descrição	Sentido
Lili	Formal + Semântico	Truncamento	Fig.B.1(a)	Redução da forma: “Lili Vai Cantar”	A frase feita, recorrente no discurso midiático, “Lili Vai Cantar” está relacionada à liberdade de algum presidiário.
Jair se acostumando	Formal	Fonológico	Fig.B.1(b)	A leitura rápida de “Jair” remete à ideia de “já ir”.	Muito utilizada pelo presidencialista: Jair Messias Bolsonaro, a frase feita “Melhor Jair se acostumando” remete à ideia de que ele será o presidente do Brasil a partir de 2019, no entanto, ela tem sido usada em outros contextos, como no apresentado, e, também, possui, em outros contextos, o cunho humorístico.

O vale	Semântico	Neologismo Semântico	Fig.B.1(c)	“O vale” é uma redução da forma “O vale dos homossexuais”.	A formação “O vale dos homossexuais” imprime um lugar fictício em que a comunidade LGBTQ+ viveria sem preconceitos, ou qualquer tipo de hostilidade.
Será se	Formal	Frases Feitas	Fig.B.1(d)	A troca da conjunção “Que” pelo “Se”.	A ocorrência dessa formação frasal está relacionada a um vídeo que viralizou nas redes sociais em que a protagonista utilizava sempre a mesma formação “Será se”, assim, migrou para a escrita nas redes sociais também.
Iti	Formal	Variação Gráfica	Fig.B.1(e)	Uma redução da variação gráfica “Iti Malia”.	“Iti Malia” é um neologismo que representa uma resposta a algo considerado “fofo”, assim como acontece em respostas a crianças.

Fonte: (Times, Arial)	Semântico	Semântico	Fig.B.1(f)	Na falta de uma fonte de informação verdadeira, utiliza-se uma fonte gráfica (Letra.).	O contexto, de acordo com o segue o comentário, indicaria “fonte” com a formatação da letra, no entanto, o jogo com a ambivalência (fonte = origem) confere um sentido de notícia fantasiosa.
Sipa	Formal	Variação Gráfica	Fig.B.1(g)	Variação gráfica da formação neológica “Se Pá”.	Essa formação pode ser uma resposta com alto grau de incerteza.
Trending Topic	De empréstimo	De emprés-timo	Fig.B.1(h)	Formação incorporada da Língua Inglesa.	Neologismo relacionado à lista de palavras mais postadas no twitter em tempo real.

É cilada bino	Formação Sintagmática	Formação Sintagmática	Fig.B.2(a)	Essa formação tomou repercussão nacional quando dita em um seriado exibido pela televisão aberta. Não há ineditismo em questões formais/gráficas, mas sentidos diversos de acordo com a necessidade do usuário da língua.	Aplicável a inúmeras situações em que pode acontecer algo errado.
Lavou, tá novo!	Semântico	Semântico	Fig.B.2(b)	“Lavou, tá novo” semanticamente pode se referir de maneira sexista ao órgão genital.	Alteração com efeito de humor para se referir, também, nesse contexto, ao órgão genital feminino.

Fonte: Do Autor, 2019

A partir da coleta de dados é possível evidenciar como os usuários da Língua Portuguesa têm sido criativos e como também produzem novas palavras com base em regras elaboradas num processo cognitivo próprio ao falante, isto é, as prescrições gramaticais relacionadas ao processo de formação de novas palavras são sim, acessadas de forma que existem dados que corroboram para o que viemos alertando de que o usuário da língua possui conhecimento dos padrões estabelecidos pelas gramáticas e que o permite criar novas palavras sem consulta ao acervo gramatical e, atualmente, não menos obstante, também, de que as novas tecnologias digitais têm operado significativamente no sistema linguístico, provocando alterações substanciais no modo de produzir neologismos na Língua Portuguesa.

Como dito anteriormente, é possível perceber nos dados apresentados as formações que são mais comuns na língua e que inclusive estão presentes nos livros didáticos e são ensinadas nas escolas. Como é o caso das derivações prefixais e sufixais que ainda se mostram extremamente produtivas no Português Brasileiro e também agregam um valor semântico à base de acordo com a intencionalidade do usuário da língua. Alves (1990, p.15) apontou que “ao unir-se a uma base, o prefixo exerce a função de acrescentar-lhe variados significados: grandeza, exagero, oposição, pequenez, repetição...”, assim, há, além de uma questão morfológica, uma necessidade de dar significados a sentimentos, objetos, ações, pessoas, como é o caso do dado aqui apresentado “Desver”, em que alia-se ao verbo “ver” o prefixo “des” que confere uma característica de oposição ao verbo, no entanto, no uso de um tempo verbal em que, por exemplo, numa possível aplicação em um discurso resultaria na vontade de “esquecer” ou “deixar de ver”.

Da mesma forma, quando tratamos de derivação sufixal, ainda com base em Alves (1990), entendemos que “o sufixo, elemento de caráter não-autônomo e recorrente, atribui à palavra-base a que se associa uma ideia acessória, e com frequência, altera-lhe a classe gramatical.” (p.29), um exemplo claro disso é o acréscimo do sufixo “zão” à base “Ícone”, como vimos nos dados, confere ao denominado, no caso a pessoa que foi considerada um “Íconezão”, uma característica que a eleva em relação aos demais “ícones”. Ainda considerando essas formações neológicas mais comuns no Português Brasileiro, é interessante mostrar como os dados apresentados vão ao encontro do que é afirmado por autores referência, por exemplo, no caso de Guilbert (1975, p.59) *apud* Labate (2008), para esses autores, a formação neológica por empréstimo de outra língua, para ser considerada como

tal, precisa se adaptar a 3 critérios que são: Fonológico (adaptação fonêmica à língua); Morfossintático (quando serve de base) e Semântico (significante de vários significados). Nos dados acima é interessante a presença da formação “Uatafoqui” que, do inglês, “What the fuck”, esse fenômeno apresenta uma adaptação da forma ao Português Brasileiro com bases fonológicas e morfossintáticas, em que, de acordo como é pronunciado, esse neologismo foi transcrito para a nossa língua.

No entanto, com base nos dados apresentados e também na escolha dos grupos nas redes sociais podemos afirmar que cada grupo usuário da Língua Portuguesa tende a criar novas palavras de acordo com o seu interessante. Isto é, o projeto de um querer dizer e, dessa maneira, por vezes, falta na língua palavras que possam expressar com precisão seu posicionamento, por exemplo. Para clarear esta assertiva tomamos como base o neologismo “Bolsomínion”, considerando o contexto político em que estamos inseridos, essa lexia retoma alguns fatores que são, para além de morfológico, mas também discursivo, uma vez que a relação entre o nome “Bolsonaro” junto a base “Mínion” retoma, por exemplo, uma relação intertextual em que classifica os eleitores do presidencial “Jair Bolsonaro” e os expõem como um grupo de seguidores que reúnem características dos “Mínions”, que são seres que seguem um “malvado favorito ¹” eleito por eles como o maior vilão do momento, conferindo, assim, a mesma característica aos também seguidores do presidencial “Jair Bolsonaro”. Sobre esse aspecto, é mister considerar também a produção do humor que é conferida ao neologismo “Bolsomínion”, assim como é possível perceber também em “Bolsonetes”, nesse segundo o que é possível perceber é a junção do sufixo “netes” para o nome reduzido “Bolso” que funciona como base. Parafraseando Alves (2014), em que a autora aponta para o fato de que o gênero jornalístico carrega um tom lúdico em diversas seções, da mesma maneira, no gênero comentário *online* a presença do discurso humorístico é uma marca presente e “não raro impregnado de ironia, sarcasmo ou pejorativo” (2014). Nessa relação dialógica-discursiva, com base em MIOTELLO (2007, p.170) *apud* ARAUJO e BIASI-RODRIGUES (2005, p.184)

(...) todo signo, além dessa dupla materialidade, no sentido físcio-material e no sentido sócio-histórico, ainda recebe um “ponto de vista”, pois representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a com verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio ideológico. Logo, todo signo é ideológico.

¹ O filme “Meu Malvado Favorito”, em inglês “Despicable Me”, é uma obra de animação da Universal Studios junto à Illumination Entertainment em que um grupo de seres multicelulares amarelos seguem cegamente a um indivíduo (Gru) eleito por eles como o maior vilão.

Corroborando o exposto, nos apoiamos também em CONTIERO e FERRAZ (2014) que apontam para o fato de que a linguagem funciona como um “instrumento de ação social do homem” (p.45), por isso, é na interação entre os indivíduos e com o mundo que o sujeito passa a refletir e, por meio dessa relação com o “mundo biossocial” (p.45) realiza discursos, que na materialidade linguística se transformam em palavras. Para os autores devemos considerar que “a realização dos discursos é, primordialmente, levar em conta o léxico de uma língua, visto que visões de mundo, construções de ideologias e todos os nomes dados ao universo dos seres (...) se consubstanciam pelo léxico.” (p.45).

Assim como foi explorado no dado anterior, é possível perceber como em alguns dos processos de formação sobre os quais nos debruçamos apresentam características especiais, isto é, a função que eles exercem no discurso tem como base parte do juízo valor discursivo das duas bases que os compõem, como também é o caso de “TayTay666” em que podemos encontrar vários tipos de processo nessa formação, de forma que “TayTay” é uma redução do nome “Taylor” e, assim, há uma reduplicação e um acréscimo dos números “666”, que podemos considerar como uma variação gráfica também, no entanto, o emprego desses números aliado a essa base de origem nominal está relacionado às características pessoais da cantora “Taylor Swift” em alguns acontecimentos que foram à mídia e, desde então, ela passou a ser considerada pelos fãs como uma pessoa de personalidade dúbia. Considerando esse fato, o neologismo que denomina a cantora apresenta os números “666” fazendo uma referência ao número da besta, apontado no livro considerado sagrado por seus seguidores, a Bíblia ², que é seguida por cristãos. Dessa maneira, podemos perceber como os elementos lexicais que constituem os neologismos possuem uma carga semântica que podem conferir características específicas a determinados indivíduos da sociedade e, até mesmo, acontecimentos. Mais um exemplo de forma a ilustrar, é o caso do neologismo por empréstimo é “GodMeron” que faz referência a uma das personagens do programa de Drag Queens “RuPaul’s Drag Race” que devido a sua atuação durante o Reality Show obteve ótimos resultados e, assim, os fãs relacionaram a perfeição dos seus looks à figura da entidade divina “God”, do inglês, “Deus”, e no processo de formação desse neologismo reduziram o nome da personagem (Kameron) para “Meron” e, da junção dessas duas bases

² Esse dado pode ser conferido no livro de Apocalipse, capítulo 13, versículo 18. “Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis.”

formaram a unidade lexical neológica “GodMeron” para enaltecer o desempenho da Drag Queen.

O mesmo acontece com “GodLasky” que se refere à Drag Queen que participou do mesmo reality show e se consagrou como “winner”, sendo “winner” também parte dos dados coletados. Assim, é possível perceber como no projeto de um querer dizer os usuários formatam textos com a estrutura sintática da Língua Portuguesa, mas utilizando palavras importadas de outro acervo lexical. Diferente de “GodLasky” e “GodMeron”, aparece entre os nossos dados também o neologismo “Aquariologia” em que para alguns autores (Alves, 1990; Sandmann, 1991) o sufixo “-logia” denomina aspectos voltados às questões ligadas à religião, nesse dado é interessante perceber como a formação não evoca a figura divina cristã (God), mas, Aquaria, assim como Kameron e Alaska (GodLasky) foi uma das participantes do reality show que também se consagrou como “winner” da décima temporada do programa e trilhou uma trajetória invejável, por isso, os fãs do reality se entendem como “seguidores” da “religião Aquariologia”.

Ainda sobre as formações neológicas por empréstimos, uma bastante interessante é a formação “mama” que apresenta vários processos até chegar na forma “mama”. Esse neologismo é uma adaptação de “Mother”, mas para o produto final (mama) passou antes por “Motha”. É interessante perceber que as alterações feitas na forma da palavra são com base na estrutura da língua inglesa e os usuários da língua portuguesa acompanham as evoluções dessa lexia e não operam em termos morfológicos na estrutura, assim como fizeram com as outras. Considerando agora outras palavras da língua inglesa incorporadas à nossa língua materna e que não sofreram alteração na forma podemos apontar a palavra “bug”. Esse neologismo por empréstimo quando incorporado à língua portuguesa não apresentou nenhuma alteração na sua forma, no entanto, em relação ao sentido “bug” pode apresentar várias possibilidades que serão reveladas em seu uso podendo ser desde “erro/pane no sistema” como também pode ser considerada como uma confusão na interpretação do leitor. Sobre essa expansão no sentido um neologismo que também encontramos é “close”, essa formação não apresenta traços de alteração na forma, mas uma expansão no sentido da tradução real. A tradução tal como na língua inglesa seria “perto”, no entanto, essa tradução ocorre simultaneamente com o outro sentido de close, que seria fazer algo certo, isto é, quando alguém se veste bem ou tem alguma atitude que seja considerada “correta” é dito que essa pessoa: “deu um close”.

Sobre o processo de formação desses neologismos denominativos, Basílio (1987) aponta a seção “Função de Denominação” que existem dois tipos de processos mais comuns que “pode ser descritiva ou metafórica” (p.31), assim, tomamos esses exemplos supracitados como uma denominação metafórica, já que “(...) podemos reconhecer a metáfora, uma vez conhecido o significado. Mas não podemos reconhecer o significado através da simples observação das formas.”, isto é, de maneira geral, não basta apenas definirmos a justaposição dos elementos (afixos, base, etc.) para entendermos o significado, como no caso da composição por subordinação “sofá-cama”, mas é necessário um movimento cognitivo para entender a extensão semântica dos elementos que constituem o neologismo apresentado, como em “GodLasky” ou “GodMeron”. Além disso, há, também, uma questão de intencionalidade por parte da pessoa que comenta. É possível inferir, a partir dos dados coletados, que grande parte deles aponta para uma intencionalidade de caráter lúdico e sobre esse conceito nos embasamos em Alves (2014) em que a autora assevera que o “caráter lúdico na formação de unidades lexicais neológicas é, como já afirmamos, observada em todos os processos de formação de palavras.” (p.120), no entanto,

Alguns processos são mais propícios à manifestação do ludismo. Assim, o processo denominado palavra-valise ou cruzamento vocabular, representado por duas palavras que formam um composto em que uma, ou as duas, perde(m) uma parte dos seus componentes, propicia a formação de neologismos inusitados(...) (ALVES, 2014, p.120)

Ainda seguindo as afirmativas da autora, ela aponta sobre como também o neologismo fonológico é capaz de provocar novos sentidos baseados em questões fonológica e essas unidades neológicas podem assumir um caráter lúdico, como no caso de “POC”. Os neologismos fonológicos são acontecimentos raros na língua, considerando a baixa aceitabilidade entre os usuários da língua para essas representações, Alves (1990) explica que esses neologismos, talvez, considerando a variedade de formas gráficas que os indivíduos podem se valer ao representarem os sons pode obstruir a comunicação e “sendo caráter social, há uma resistência coletiva em toda inovação linguística.” (p.11), no entanto, são extremamente ricos e podem revelar peculiaridades na língua. Se tomarmos “POC” como exemplo podemos perceber como o sentido desse neologismo se expandiu e, atualmente, há uma reconstrução do sentido. Inicialmente, essa formação reproduzia o som do sapato de salto ao tocar o chão e, posteriormente, com a evolução do sentido, “POC” representa uma pessoa que faz parte da comunidade LGBTQ+, é mister ressaltar também que quando

esse neologismo começou a ser usado era uma forma pejorativa de tratar alguém que se entende como parte do movimento LGTQ+, no entanto, atualmente, com os movimentos de empoderamento da comunidade esse neologismo passou a ser usado apenas como um chamamento, sem caráter negativo nenhum, pelo contrário, em recentes acontecimentos nas redes sociais, “POC” passou a ser usado com tom humorístico, longe de ironias, e, assim, naturalizou e é comumente usado entre os membros e até mesmo entre grupos sociais que não se consideram parte da comunidade LGTQ+.

Sabendo, então, das várias possibilidades para formar novas palavras, nos dados coletados encontramos a ocorrência da unidade neológica “Kengaral”, não muito comum entre os registros formais da língua, mas que ocorre naturalmente na escrita digital. Acesando nossos conhecimentos gramaticais a respeito de sufixos, podemos considerar que o afixo “al” em alguns contextos pode se comportar como um designador de uma plantação ou lugar de cultivo, como em laranjal, avelanal, bananal, dessa maneira, como uma relação de analogia entre unidades léxicas já existentes na língua, podemos inferir que, ligada à base “Kenga”, em que podemos considerar uma variação gráfica da forma “quenga”, o neologismo “kengaral” é uma formação que remete à ideia de um ambiente em que moram várias “quengas”, mas que não designa com precisão, por exemplo, um prostíbulo, uma vez que “o kengaral” pode ser uma casa onde não necessariamente moram garotas de programa. De maneira geral, “o kengaral” é um neologismo criado por analogia a “avelanal, bananal, laranjal”, mas que tem sua especificidade definida pela base que antecede o sufixo “al”.

Ainda explorando os ineditismos na Língua Portuguesa de acordo com os dados, podemos apontar o caso do neologismo “CDzinha”, que classificamos como um hibridismo pela sua formação na Língua Inglesa, mas que passou, também, pelo processo de sufixação na Língua Portuguesa, uma vez que, “CD” é uma sigla para o termo “Cross-Dressing” e, com o uso recorrente passou pelos processos de lexicalização e, atualmente, recebe o sufixo “zinha” da Língua Portuguesa, dessa forma, podemos apontar que essas formações surgem nos diálogos e rapidamente passam a integrar o vocabulário e, então, se adaptam à Língua Portuguesa recebendo afixos. Da mesma forma, temos o caso de “UP” que foi possível encontrar usos em que essa lexia assumiu na Língua Portuguesa um sentido diferente do de sua origem na Língua Inglesa e também aceita sufixos como “upzão”, isso, porque, o seu sentido adaptado à Língua Portuguesa não está relacionado apenas a “cima”, como

é designado na tradução direta entre as línguas, mas, agora, seu uso também serve para aumentar o engajamento entre os membros do grupo de forma que todos possam visualizar a publicação. Geralmente, as postagens em que esse neologismo é utilizado são as que dão algum aviso para os membros, ou, até mesmo, para a contribuição em ações que demandam coletivismo dentro os usuários. No que se refere ao processo de lexicalização, é importante ressaltar que durante a coleta nos deparamos com uma lexicalização de um afixo, que é o caso de “trans”, em que o prefixo se lexicalizou (em alguns contextos) e passa a imprimir um sentido próprio, sendo passível, inclusive, de um jogo de palavras entre sentidos, no dado coletado, o neologismo trans, por exemplo, representa um nome, marca de grampeador, no entanto, no contexto inserido, considerando a legenda, está relacionado à transexualidade. É importante ressaltar que a postagem feita tinha também como objetivo brincar com esse jogo de sentidos possíveis.

Ainda explorando aspectos relativos à produtividade do português, um dado bastante interessante a respeito dos processos formativos da língua e também da ludicidade apontada por Alves (2014), é unidade fraseológica “Lili Vai Cantar” em que o sentido é totalmente opaco. Dizemos que “Lili vai cantar” quando se quer dizer que a pessoa conseguirá a liberdade. Essa expressão tem sua origem em “A liberdade vai cantar” que é usada a respeito de alguém que tem sua liberdade retida, isto é, contexto de aprisionamento. Em relação aos aspectos morfológicos, é possível identificar uma redução da forma “Liberdade” e, posterior a isso, uma reduplicação da partícula “Li” (de Liberdade). Atualmente, a expressão “Lili vai cantar” tem ocorrido numerosamente entre os comentários postados e, geralmente, integra discursos que possuem um cunho humorístico.

Diante disso, podemos perceber também como as unidades fraseológicas, embora pouco coletada por nós, têm sido produtivas no Português Brasileiro. As ocorrências por nós coletadas, todas apresentam diversos graus de opacidade, em que, em alguns casos, o sentido é revelado apenas em seu uso, isto é, são decodificadas em seu contexto, muito embora ainda seja de difícil interpretação, como é o caso de “Fonte: (Times, Arial)”. Essa formação neológica é extremamente interessante pelo seu grau de opacidade. Há, nesse caso, um caso de ambiguidade, ou seja, é passível de interpretação dúbia, uma vez que a expressão assume um sentido totalmente contrário ao esperado, uma vez que não designa uma fonte relativa à grafia da palavra, como em (Comic San, Arial, Times New Roman),

mas sim à falta de fontes que possam corroborar o que foi dito, isto é, um sentido de “Fake News”.

Essa unidade fraseológica sempre aparece com tom humorístico, por vezes até mesmo depreciativo, em uma estratégia de questionamento da origem das informações. Outra unidade fraseológica encontrada e pouco difundida, talvez por se limitar a um grupo social específico, é o “O vale”, atualmente, nas ocorrências encontradas podemos perceber que houve também uma redução e os usuários podem utilizar apenas a formação “O vale”, quando, inicialmente, a forma era “O vale dos homossexuais”. Esse neologismo se refere a um lugar imaginário que abrigaria os membros da comunidade LGBTQ, esse neologismo tem sido recorrente nas discussões atuais, uma vez que há uma ameaça política (não) velada à comunidade LGBTQ+, então, “o vale” seria um lugar de refúgio. Ainda sobre questões políticas, como dissemos anteriormente, atualmente tem se difundido e criado cada vez mais neologismos com cunho político com finalidade lúdica. Encontramos nos dados a unidade fraseológica “Jair se acostumando”, esse neologismo é formado pela junção dos sons das palavras “já ir se”, em que há um jogo com o nome do presidente “Jair Messias Bolsonaro” e é muito utilizado entre os seus eleitores, no entanto, tem sido também ressignificado e aderido pelos eleitores da oposição política, isto é, inicialmente, era usado com a seguinte formação “É melhor Jair se acostumando com o novo presidente”, no entanto, a oposição política assumiu a formação e a utiliza como forma de criticar a postura do candidato, por exemplo, “É melhor Jair comparecendo aos debates”, considerando que o presidente não compareceu aos debates do segundo turno das eleições. Essas unidades fraseológicas são diversas e apresentam várias possibilidades de interpretação e são reveladas em seu uso, geralmente são importadas da língua oral para a escrita, no caso do recorte aqui empreendido, na internet, por isso a liberdade na sua representação gráfica, como é o caso de “sipa”. Esse neologismo é também um caso complexo em sua classificação, uma vez que sua forma original “se pá” não possui origem em nenhuma outra representação na língua, assim, “sipa” representa uma variação gráfica da forma “se pá” que possui suas bases nas questões de oralidade. Seu significado está relacionado a um grau de incerteza muito grande e, em termos de formalidade, pode ser considerada como uma variação de “talvez”, como é possível interpretar pela imagem 7 do quadro de unidades fraseológicas.

Diante de todas essas novidades lexicais na Língua Portuguesa é mister ressaltar como os usuários da nossa língua incorporam palavras também de outras línguas, no entanto, um aspecto observado durante a coleta merece destaque. É importante ressaltar que estamos nos tratando apenas sobre as formações neológicas que coletamos nas redes sociais, isto é, essas são características de processos em que a língua acontece na internet. Os neologismos classificados aqui como “Por empréstimo” ou, até mesmo, os hibridismos, em sua grande maioria, foram coletados em sua grande maioria em grupos e páginas que, coincidentemente, são específicas sobre temas relacionados a jogos e aos programas televisivos/filmes ou, até mesmo, de artistas de Língua Inglesa, o que esclarece a ideia de que a motivação para incorporar palavras na nossa língua materna é movida com base em um projeto “de um querer dizer” e, em alguns casos, essa última – a língua que recebe – pode não apresentar um representante literal que seja capaz de imprimir o sentido real, então, o usuário precisa incorporar e/ou providenciar palavras “que faltam, ou as palavras que parecem ‘dizer’ melhor.” (ANTUNES, 2012, p.156), como é o caso de “Trending Topic” ou em “Fake News”, no entanto, é ainda mais interessante perceber como a seleção para o processo de incorporação não escolhe palavras que sejam de uso comum ou, corriqueiro, mas sim para, em alguns momentos, falar sobre questões mais sérias e isso mostra o imaginário de que o uso de uma língua estrangeira possa causar maior impacto no discurso, ou, de forma a dar mais intensidade a uma característica dessas palavras. Prova disso é uma legenda que ficou famosa nas redes sociais e, até mesmo fora dela que dizia: “Mais que amigos, Friends”, em que o efeito de humor está justamente na ideia de “friends” é algo além do que o português consiga explicar no sentido de amizade. De acordo com a tradução, a sentença resultaria em “Mais que amigos, amigos”, no entanto, como dito anteriormente, partindo da necessidade de enfatizar alguma palavra que seria mais importante na sentença, foi extremamente difundida entre os usuários da língua.

Ainda nos ocupando sobre as formações neológicas por empréstimo nas redes sociais, percebemos também expressões como “Pink Money” que não era difundida entre todos os grupos, mas, ganhando cada vez mais ocorrências nas páginas e grupo relacionados a temas específicos da comunidade LGBTQ+. O neologismo “Pink Money” ganhou força nos últimos meses motivado pela atitude de determinadas personagens das mídias sociais que revela uma falsa militância em favor dessa causa social. O seguimento da comunidade LGBTQ+ nos mercados (áudio, visual) movimentou bilhões de reais no Brasil, então,

“Pink Money” passou a denominar a parcela de artistas que teoricamente alçaram passos maiores na carreira com conteúdos voltados para o grupo LGBTQ+ e quando cobrados sobre posicionamentos políticos/ideológicos se omitem da responsabilidade. Ainda com base nas discussões de cunho social, um neologismo que tem ganhado ênfase atualmente é “Mansplaining” em que a partir dessa forma neológica importada tenta-se traduzir a atitude machista de homens que querem explicar para mulheres questões relativas ao corpo e sexualidade feminina. Esse neologismo tem sido bastante recorrente atualmente.

Alguns dos neologismos encontrados, principalmente os por empréstimo não apresentam grandes diferenças gráficas e resultam apenas na incorporação da unidade lexical à língua materna, como é o caso de “Kid” e também “Winner” em que não há nenhuma alteração em sua grafia.

Durante o processo de coleta dos dados encontramos inúmeros neologismos que nos trouxeram dificuldade para a classificação, isso porque alguns não possuem base alguma na língua para sua formação, como é o caso da formação “@”, em sua interpretação livre, atualmente, nas redes sociais, esse neologismo representa um “namoradinho”, “crush”, no entanto, sua representação não tem base nenhuma em termos semânticos ou morfológicos na língua, trata-se de uma questão relacionada apenas à escrita na internet, uma vez que esse sinal gráfico possui a função de direcionar uma mensagem a alguém, por exemplo, em uma postagem, principalmente no Facebook, quando se quer marcar/mencionar alguém para que ela também veja o conteúdo da postagem usa-se o @ para que, por meio de algoritmos, a pessoa desejada possa ser encontrada na sua lista de amigos e marcar, isto é, esse sinal funciona como uma ferramenta de busca para o perfil desejado, no entanto, com o tempo deixou de ser usado apenas para referenciar/marcar uma pessoa específica e passou a ser usada com sentido próprio. Esse fenômeno funciona como uma espécie de lexicalização, em que da funcionalidade que ele apresenta, passou a funcionar sozinho e com sentido completo.

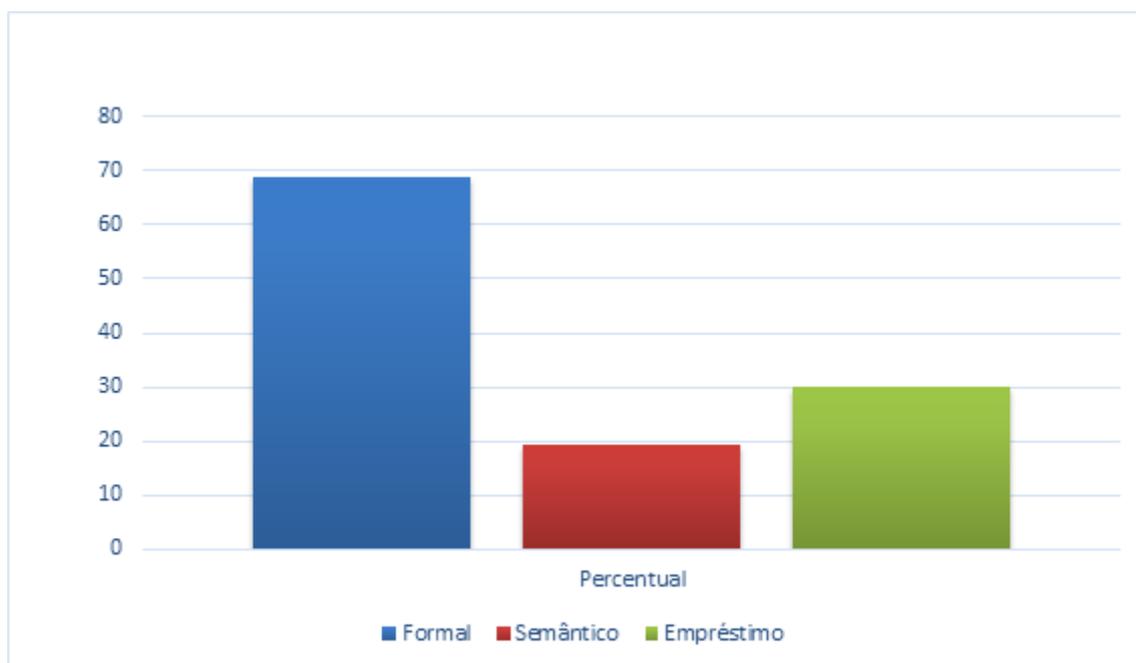
Outra formação que também possui o mesmo grau de complexidade, mas que revela a criatividade dos usuários da língua, é “Phi2”, já que a sua formação inicial seria “Phi Phi” que se refere ao nome de uma Drag Queen, nessa formação temos uma redução do nome que foi duplicado e esse fenômeno, a duplicação, é representado pelo numeral “2” que, no dado coletado é representado pela elevação ao lado do nome, o que, em termos

matemáticos, seria considerado “ao quadrado”, assim, então, uma resultando em sua forma original “Phi Phi”.

No que se refere à quantificação das produções neológicas nas redes sociais considerando os três critérios apontados por Alves (1990), abaixo mostramos as porcentagens que se referem às formações no nível formal, semântico e por empréstimo. É deveras importante ressaltar para o melhor entendimento do leitor que, como vimos acima os dados apresentam, em alguns casos, mais do que um processo, portanto, temos alguns formações neológicas que não serão apenas no nível formal, mas também apresenta alterações no sentido, por isso a classificação de “Formal + Semântico”, por exemplo, portanto, contamos todas as palavras que apresentam algum traço formal no seu processo de formação, assim como o fizemos com as no nível semântico e também por empréstimo. Há que se destacar que há uma diferença entre “Hibridismo x Empréstimo”. Para que consideremos uma palavra como hibridismo é necessário que ela apresente, na sua formação, algum traço de alguma outra língua, como é o caso de “RTzão”, por exemplo, que mescla o empréstimo de uma palavra “Retweet” (de origem inglesa) com o sufixo “zão” comumente usada nos processos de formação de palavras no português brasileiro. Em contrapartida, consideramos uma palavra apenas como “Empréstimo” quando ela não possui alteração em sua forma no sentido de, por exemplo, acréscimo de um prefixo/sufixo/base de outra língua, como é o caso de “Mansplaining” que a sua formação é toda com base no sistema linguístico de origem inglesa.

Considerando essa explicação, contamos 77 novas formações neológicas ao total, todas tendo seu caráter neológico atestado nos dicionários supracitados. Dessas unidades neológicas encontradas, 53 apresentaram alteração na sua forma, enquanto 15 apresentaram alteração no sentido e, então, a classificação em semântico. Por fim, as palavras classificadas como Empréstimo representam 23 dos dados. Considerando a matemática teríamos 91 palavras coletadas, no entanto, como explicamos acima, algumas palavras mesclam processos de formação, então, por isso, a necessidade de reiterar a lógica para as nossas contas.

Figura 6.1 – Percentual de ocorrências das formações neológicas



Fonte: Do Autor, 2019

Como visto acima, a produção de neologismos que contenham em sua formação alguma alteração na forma, por isso classificada também como formal, é a maior entre as outras correspondendo a 68,80% dos dados aproximadamente. Esses números podem ser explicados com base na rapidez da digitação, por exemplo, nas formações em que se reduz o número de letras como é o caso de “psée” e em alguns casos resultam até na perda total de algumas vogais, como é o caso de “dny”. A interação por meio das redes sociais, como reiteramos durante todo o teórico deste trabalho, é marcada pela rapidez, pela pressa dos seus usuários, por isso a necessidade de, em alguns casos, suprimir partes das palavras, definindo, então, essas formações como, também, um neologismo formal. Além disso, o processo de formação de palavras no nível formal é amplo em suas categorizações, não só por processos de siglagem ou redução da palavra, mas também por acréscimos de sufixos, como apontamos em “Banhozinho” ou, até mesmo, na adição de uma base à palavra, como em “Bolsomínion” em que temos duas bases. Assim, os neologismos formais são os mais recorrentes nas redes sociais e isso se deve tanto aos processos de redução como em processos de derivação/composição, tornando-se, assim, os mais produtivos de acordo com a nossa pesquisa.

Nesse contexto, o segundo processo mais produtivo na Língua Portuguesa como atestamos em nossos dados são os empréstimos de outra língua, isso é facilmente expli-

cado por meio do processo de globalização em que, cada vez mais temos acesso à cultura, entretenimento e até mesmo à língua de outros países. É importante ressaltar que grande parte das formações neológicas por empréstimo foram encontradas em grupos ou perfis do *Facebook* em que se discutam questões ligadas à cultura estadunidense, como é o caso do *reality* show *RuPaul's Drag Race*, bastante produtivo tanto para as formações de hibridismo ou, até mesmo, para as palavras incorporadas na nossa língua materna sem alteração nenhuma em sua forma ou sentido. Assim, vemos que esses neologismos por empréstimo, geralmente, em sua grande maioria, serão encontrados em domínios específicos, por exemplo, na área da informática considerando a quantidade de aparatos importados para o Brasil. É interessante perceber como esses neologismos se fixam à língua que os incorporam. Inicialmente alguns se comportam naturalmente, sem alterações, no entanto, sua forma e seu sentido podem ser alterados de acordo com a necessidade do falante ao reproduzir em seu discurso.

Por fim, considerando os nossos dados, o que podemos classificar como menos produtivo foram os neologismos semânticos. Esse tipo de formação representa 19,50% dos dados e foi surpreendente durante a pesquisa perceber esse percentual relativamente baixo, isso porque, inicialmente, imaginamos que esse tipo seria um dos mais produtivos, considerando a quantidade de “memes” que os brasileiros criam brincando com os sentidos possíveis a uma determinada palavra, no entanto, o que pudemos perceber foi que, geralmente, os neologismos semânticos não estão presentes em comentários *online* porque há, definitivamente, uma necessidade de o usuário da língua expressar claramente sua opinião a partir do texto escrito, não dando espaço para ambiguidades ou ambivalência. É importante ressaltar também a rapidez com que essas formações são incorporadas aos dicionários, isso porque, geralmente, as possibilidades de sentidos não estão atreladas apenas a palavra, mas também aparece nas possíveis acepções de outras palavras, então, há uma grande quantidade de lexias que classificaríamos como neologismos semânticos, mas que já são incorporadas aos dicionários, como é o caso de “mico”, inicialmente, consideramos essa palavra como neologismo semântico nos referindo ao sentido de “atitude vergonhosa”, no entanto, em consulta para atestar o caráter neológico encontramos, por exemplo, no dicionário Caldas Aulete.

7 LIVROS DIDÁTICOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE O LÉXICO

Nesta seção abordaremos por meio de uma análise de cinco livros didáticos como o léxico tem sido proposto em sala de aula e também quais são as recomendações dos documentos tais como BNCC e PCN no que se refere às habilidades e competências exigidas no tratamento com a linguagem em múltiplos contextos. Para tanto, empreendemos um recorte para os livros distribuídos para alunos que estão no Ensino Médio das escolas públicas e selecionamos os manuais didáticos datados a partir do PNLD de 2012, cada livro é destinado a uma das séries desse último ciclo do ensino básico, sendo, então, respectivamente, dois de primeiro ano (2008, 2010), um de segundo ano (2010) e dois de terceiro ano (2010, 2013). Os materiais foram produzidos pela editora “Moderna” (2008, 2010, 2013) e “Nova Geração” (2010). É importante lembrar ao leitor nesta seção que entendemos a definição de léxico como

“o conjunto de unidades lexicais efetivas (realizadas) e virtuais (realizáveis). É um sistema que contém o vocabulário (norma), conjunto das unidades lexicais atualizadas em discurso. O léxico efetivo divide-se em passivo (lexias decodificáveis, mas não atualizadas pelo indivíduo) e ativo (lexias decodificáveis e codificáveis pelo indivíduo), sendo este um subjconjunto daquele.” (TORRANO, 2010, p.12).

Porque é a partir dessa definição que empreendemos a nossa análise, isto é, considerando a riqueza e a multiplicidade que o léxico pode contribuir para o ensino de Língua Portuguesa na formação do sujeito, portanto, não pode ser deixado à margem como tem sido. Por isso, a escolha para o título desta seção não sucedeu de forma aleatória, mas buscou ser reveladora em relação ao tratamento do léxico em sala de aula com base nos livros didáticos, ou seja, a escolha pela palavra “consideração” em detrimento a qualquer outro tem como base uma das acepções dada pelo dicionário Caldas Aulete sobre esta palavra: “3. Exame ou observação mais ou menos atentos (de algo ou alguém) e acompanhados de algum tipo de pensamento ou reflexão a respeito, ger. para formar juízo, opinião etc.;”. Nessa direção, é importante ressaltar que o léxico tem sido abordado por esses materiais didáticos dessa maneira, marginalizados, bem como pontua Antunes (2012) no livro “Território das palavras: estudo do léxico na sala de aula”. A curiosidade para, mesmo que sendo breve, empreender uma reflexão sobre o lugar que o léxico ocupa na sala de aula tomando como ponto de partida o principal material didático trabalhado em sala de aula: o livro didático, veio da necessidade de discutir o lugar do léxico nas salas de educação

básica, porque quando tratamos sobre as teorias que circunscrevem o léxico, a forma como ele – o léxico – é abordado nos livros se mostram de maneira rasa, resumindo a apenas uma “lista de vocabulários” que não exploram, por exemplo, a competência lexical do aluno sujeito.

A escolha pelo livro didático como a única fonte para análise nesta seção se justifica pela importância deste material em sala de aula. Tomamos como ponto de partida a historicidade de que, inicialmente, o professor dispunha de diversos outros materiais para o trabalho em sala de aula com a Língua Portuguesa, como gramáticas, dicionários, entre outros, no entanto, com o passar dos anos esses materiais foram, de certa forma, sucateados e o livro didático foi tomando aos poucos a centralidade no ensino de todas as disciplinas e no ensino de línguas não foi diferente. Considerando a evolução hierárquica que esse material tomou, a produção dos livros didáticos poderia se respaldar em parâmetro apontados pelos documentos oficiais que regem a educação no Brasil, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, BNCC e, dessa maneira, pautar suas propostas nas mais diversas habilidades e competências necessárias para a formação de um sujeito que interage efetivamente na sociedade do conhecimento, o que inclui um ensino pautado, também, nas teorias lexicais, porque, dessa maneira,

o aluno vai desenvolver a competência e expandir seu acervo lexical ao observar a relação das palavras em um contexto sociodiscursivo e pragmático, quando estuda e pratica a sua língua na relação com o mundo que o cerca, num espaço/tempo de construção de significações que se desenvolvem com a realidade (LISKA, 2013, p.12).

Ainda com base em Liska (2013), o autor se pautou em Bräkling para apontar as contribuições do livro didático para o ensino sistematizado de Língua Portuguesa, porque conforme os autores é nele que encontramos algumas das propostas práticas para o ensino, a organização sistemática dos conteúdos a serem abordados, tudo isso com base nas pesquisas em ensino e também nos parâmetros dos documentos oficiais.

Tomando como parâmetro a Base Nacional Comum Curricular é possível perceber uma proeminência do conceito de “Competência”. O documento assevera que

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2017, p.8).

Assim, tomando esse contexto, o conceito de “habilidade” é subjacente ao de competência, não por uma questão hierárquica, mas entendemos as habilidades como os meios que propiciam o desenvolvimento das competências, então, o documento apresenta para o ensino médio no trabalho com linguagens sete competências que, posteriormente, se dividem em habilidades para cada língua, no nosso caso, a Língua Portuguesa que possui 17 habilidades desmembradas de acordo com o domínio do campo de atuação social.

7.1 Português: Literatura; Gramática; Produção de Texto (2010)

Iniciando as análises, encontramos um material que pensamos estar: “indo contra a corrente” a respeito do tratamento sobre o léxico. No livro destinado ao primeiro ano do ensino médio, elaborado por Sarmiento e Tufano (2010) pela editora “Moderna”, o material mostrou surpreendentemente que foge um pouco à tradição ao abordar em um dos capítulos uma parte que desenvolve de acordo com o título “Notações Léxicas”, no entanto, quando analisamos foi possível perceber como se tratava apenas sobre questões relativas à ortografia. De acordo com os autores do livro, o conceito de “Notações Léxicas” está relacionado à capacidade de alguns sinais gráficos em indicar a forma de pronúncia das palavras e, posteriormente, no livro, são trabalhados exercícios pautados na repetição de algumas palavras com forma de fixação das regras de ortografia indicadas no material. Mais adiante o livro aborda regras para o emprego do hífen, nesse momento é abordado algumas questões relativas às classes de palavras, isto é, são apresentados alguns afixos que quando ligados a algumas bases exigem o uso do hífen, ou seja, não é abordada a carga semântica que os afixos possuem e podem empregar às palavras as quais eles se unem. Um exemplo é a regra para as palavras terminadas em “r” em que o manual didático desenvolve o conceito de que o “**Hiper-**” demanda o uso do hífen, mas não explora a capacidade semântica que esse prefixo pode atribuir à lexia em que ele é incorporado.

No entanto, como dito anteriormente, “indo contra a corrente”, o livro apresenta algumas páginas que tratam sobre as “Palavras Homônimas” e as “Palavras Parônimas” e, posteriormente, abre um capítulo que aborda o Processo de Formação de Palavras. Inicialmente, na seção destinada ao processo de formação de palavras são tratadas as questões morfológicas que circunscrevem o processo de formação de palavras, como os conceitos de radical, afixo, desinência, vogal temática e, mais para o final, um tratamento gramatical sobre os processos que nós consideramos ser de neologia (derivação, composição,

estrangeirismo, hibridismo, abreviação, onomatopeia), mas, para os autores, o conceito de neologismo não abrange os processos supracitados, de forma que eles abordam os neologismos mais adiante, mas também de maneira rasa, porque se trata de uma conceituação extremamente superficial apontada em uma caixa de anotações e traz exemplos que podem confundir o aluno, por exemplo, o conceito de neologismo semântico em que é colocada a palavra “marginal” ao lado das suas duas acepções “malfeitor ou rua” e não explora profundamente o conteúdo, além disso, “marginal” não é mais considerado um neologismo já que, considerando o critério lexicográfico, essas duas acepções já constam nos dicionários.

Figura 7.1 – Definição de Neologismo.

Neologismos são palavras criadas recentemente ou usadas com um novo significado para atender às necessidades de expressão dos usuários da língua. Chama-se **neologismo semântico** a palavra alterada apenas no seu sentido: marginal (malfeitor ou rua), tira (policial ou HQ), figura (gravura ou pessoa).

Fonte: SARMENTO; TUFANO. (2010, p.329)

No final do capítulo há sete exercícios que tentam mesclar os conceitos trabalhados até ali de forma que os quatro primeiros deles tratam sobre interpretação de texto e leitura multissemiótica dos textos verbal/não verbal, enquanto os outros três tratam isoladamente das palavras, no máximo em contexto frasal, sobre seus processos de formação (Figura 6.2)

Figura 7.2 – Exercício Para Leitura Multissemiótica.

- 5** Nas laterais do anúncio, no final do texto, destaca-se a imagem do logotipo da revista *Auto Esporte*, de outro tipo de carro de corrida da Renault e o logotipo da montadora.
- Observe o anúncio e escreva no caderno o processo de formação das seguintes palavras do texto:
- a) auto
 - b) velocidade
 - c) *road show*
 - d) cultural
 - e) ClioCampus
 - f) www (de World Wide Web – Rede Mundial de Computadores –, em www.renault.com.br)

Fonte: SARMENTO; TUFANO. (2010, p.334)

A Base Nacional Comum Curricular, em concordância com os Parâmetros Curriculares Nacionais, preconiza o ensino da língua pautado em exercícios que promovam a reflexão do sujeito leitor, para isso, as atividades precisam estar relacionadas ao texto, o que é crucial no trabalho com o léxico, uma vez que o aluno somente pode entender o sentido de uma palavra, a intencionalidade do seu uso de acordo com o contexto em que está inserido, isto é, o tratamento gramatical contribui sobremaneira para as questões morfológicas na produção de novas palavras, no entanto, na produção do texto escrito, conhecer o domínio das palavras pode ser crucial para a produção de um discurso coerente, além disso, oportunizar exercícios reflexivos pode contribuir para estimular a criatividade do aluno que pode encarar aquele exercício como uma oportunidade de aprender sobre as várias possibilidades de representação do signo linguístico. Nessa direção, Brasil (2017) quando trata sobre “Parâmetros para a organização/progressão curricular” (p. 514) postula que

Assim sendo, essas escolhas podem funcionar como processo de autocohecimento, no ir e vir da busca das palavras certas para revelar uma ideia, um sentimento e uma emoção, na experimentação de uma forma de composição, de uma sintaxe e de um léxico. Esse processo pode até mesmo envolver a quebra intencional de algumas das características estáveis dos gêneros, a hibridização de gêneros ou o uso de recursos literários em textos ligados a outros campos, como forma de provocar efeitos de sentidos diversos na escrita de textos pertencentes aos mais diferentes gêneros discursivos, não apenas os da esfera literária.

Ao final da análise, então, foi possível perceber dois contrapontos. Inicialmente, uma luz de esperança ao passo em que tínhamos no material um capítulo destinado apenas aos processos de formação de palavras e “Notações Léxicas”, no entanto, um sentimento de frustração ao final, uma vez que foi abordado de maneira equivocada, isso, porque, esses processos têm um tratamento extremamente gramatical e, também, por não enquadrarem no conceito de neologismo que, de acordo com o livro, se restringe apenas ao processo de “Siglonimização” e “Palavra-Valise” e os exercícios que seguem também abordam numa perspectiva gramatical. Assim, continuamos concordando que ainda falta uma melhor exploração dos conteúdos voltados para o léxico, uma vez que não há nenhum estímulo, por exemplo, para o trabalho com fraseologismos ou nomes próprios, assim, simplificando o trabalho com léxico e o subjugando como uma parte necessária para o trabalho com as classes de palavras, o que corrobora a afirmativa de Antunes (2012, p.21)

Na maioria dos livros didáticos, sobretudo os do ensino fundamental, o estudo do léxico fica reduzido a um capítulo em que são abordados

os processos de ‘formação de palavras’, com a especificação de cada um desses processos, acrescida de exemplos e de exercícios finais de análises de palavras. O destino que terão as palavras criadas é silenciado. O significado que tem a possibilidade de se criar novas palavras pouco importa.

7.2 Português: Contexto, Interlocução e Sentido (2008)

Em relação ao segundo livro destinado ao primeiro ano (2008), é possível perceber duas seções que possuem um tratamento lexical também. Inicialmente, na unidade 5 da seção de gramática há uma iniciativa para o trabalho com as relações de “sinonímia x antonímia”; “Hiperonímia” x “Hiponímia”. Nesta parte é interessante perceber o trabalho centralizado nas questões de ambiguidade, ambivalência, as formas como as palavras podem se relacionar nos textos de forma a construir a coesão textual. O texto, na página 265, chamado “Os buracos negros e a relatividade do tempo” tem como descrição anterior uma chamada de atenção para como as relações de sentido que as lexias apresentam podem funcionar na construção textual como um mecanismo de articulação entre partes do texto e, posterior a leitura, um exercício foi solicitado e nele é cobrado a troca de palavras por sinônimos (imagem 6.3). Algumas instruções são importantes para a consecução do exercício, por exemplo, a exigência de não repetir palavras e a preocupação com as palavras em campos semânticos.

Figura 7.3 – Atividade sobre relações lexicais.

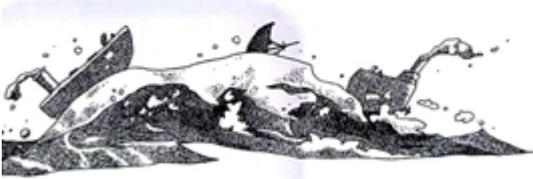
Pratique

Sua tarefa, agora que você viu a importância do controle das relações lexicais no interior de um texto, é transcrever o texto a seguir no caderno escolhendo palavras adequadas para completá-lo. Nele, se anuncia uma série de programas de televisão sobre grandes tragédias naturais.

Planeta selvagem

Tsunamis * comunidades litorâneas. Terremotos * prédios inteiros e furacões * casas. Em todo o mundo, **desastres naturais** de grande escala parecem ser cada vez mais frequentes. A própria Terra está se tornando mais violenta? Caso seja assim, pode a ciência fazer algo em nosso benefício? Com estreia marcada para 9 de outubro, às 21 horas, no canal NatGeo, a *Semana do Planeta Selvagem* nos levará ao centro de alguns dos mais * **desastres naturais** do planeta. Vamos ver a * que ocorreu em San Francisco, quando, em 1989, um terremoto de magnitude 7.1 * o norte da Califórnia [...]. Verificaremos as consequências do * tsunami que * o Sudeste Asiático no ano passado e conheceremos de perto os * provocados nos Estados Unidos pelo furacão Ivã. E, ao longo da semana, vamos responder à pergunta: o que a ciência contemporânea pode fazer para nos proteger de futuras * de proporções *?

NGS fora da página. National Geographic Brasil, out. 2005.



Para cumprir sua tarefa, observe o tema desenvolvido no texto e a expressão destacada. Tenha o cuidado de selecionar termos compatíveis com o campo semântico criado por tal expressão. Não use termos repetidos.

Fonte: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA (2008)

Exercícios como esse estimulam o aluno a pensar nas várias possibilidades para a produção de texto considerando a imensidão do léxico da língua. Um apontamento que poderia tornar essa atividade ainda mais rica seria a consulta a dicionários, porque além de oportunizar ao aluno a ter contato com esse acervo de itens lexicais dantes não conhecidos, pode sistematizar o seu uso em termos textuais. Além disso, como destacamos acima, há a necessidade de se pensar em exercícios que contemplem a dimensão textual da língua, elaborar atividades pautadas na produção de texto podem contribuir para que o aluno veja com mais clareza a necessidade de elaborar discursos mais coerentes e como o léxico da língua é imprescindível para isso. Podemos destacar, também a presença do texto não verbal que pode contribuir para a produção de sentido, uma vez que a consecução desse exercício perpassa por etapas em que (1) leitura do texto verbal; (2) observância aos termos destacados; (3) leitura do texto imagético; (4) estabelecer relações de sentido entre o texto verbal e o não verbal; (5) acionar conhecimentos prévios a respeito das palavras destacadas e, por fim, mas não menos obstante, (6) o exercício cognitivo de procurar palavras em seu vocabulário ativo/passivo, ou em dicionários, (7) transcrição do texto atualizado. É importante ressaltar que esse é um dos exercícios propostos, no entanto, a unidade apresenta outros exercícios relativos às questões trabalhadas durante

aquela unidade, por exemplo, sinonímia e hiperonímia, ironia. No entanto, devemos destacar alguns pontos importantes relacionados às questões propostas nos exercícios, por exemplo, em uma das atividades é exigido que o aluno destaque a expressão no texto do gênero multimodal “Tira” que produz o efeito de humor, no entanto, numa perspectiva multissemiótica e multimodal, a produção do humor não está relacionada apenas a uma palavra e o jogo com a polissemia, mas a construção do sentido que leva ao humor também está presente na mudança de cenário do primeiro para o segundo quadrinho, da relação do segundo quadrinho com o duplo sentido da palavra “mina”. Mas, em contrapartida, há muitos exercícios ricos que exploram a relação lexical entre as palavras, sobre como essa relação pode ser deduzida levando em conta o contexto e a intencionalidade do produtor.

A elaboração do material foi um ponto que nos chamou a atenção, já que antes de entrar diretamente no conteúdo a ser desenvolvido, há exercícios que acionam indiretamente o conceito a ser trabalhado. Na página 334, o material começa a tratar sobre Formação de Palavras e logo de início traz uma atividade com tirinha que traz a composição como parte do processo de formação de palavras.

Figura 7.4 – Exercício Sobre o Processo de Composição

Composição e outros processos

» Leia atentamente a tira abaixo.

▲ WATTERSON, BILL. O melhor de Calvin. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 23 abr. 2003.

1. Há, na tira, uma palavra que não faz parte do uso corrente do português. Qual é ela?
2. Pelo contexto, que sentido você atribui a essa palavra?
3. O que chama nossa atenção na forma dessa palavra? Que hipótese você formularia sobre o modo como foi formada?

No primeiro quadrinho da tira, a personagem Calvin aparece vestida como um super-herói, pois imagina ser um deles. Como todos os super-heróis, ele imagina ter uma capacidade que o diferencia dos demais seres humanos e que julga estupenda: conseguir responder às questões da prova de modo muito rápido. Com base nessa imagem que faz de si mesmo, cria uma palavra para denominar esse “novo” super-herói: estupendomen.

No substantivo criado por Calvin, podemos identificar dois radicais: estupendo + homem.

Fonte: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA. Exercício (2008, p. 266)

E a partir de então os conceitos começam a serem desenvolvidos por meio de textos imagéticos e verbais. Assim como os outros livros analisados, esse também carrega o conceito de formação de palavras como parte das questões apenas morfológicas da língua

e dentro desse capítulo são abordados os processos: Composição, Aglutinação, Siglônimi-zação, Onomatopeia, Empréstimos Lexicais e, por fim, os neologismos, mas com exemplo de neologismo que não corresponde atualmente à categoria colocada, já que se trata da palavra “micreiro” que já está dicionarizado. Bem como nos outros livros, ao final do capítulo são apresentados alguns exercícios para que os alunos possam respondê-los, no entanto, em sua grande maioria tratam apenas sobre os processos de formação de pala-vras numa perspectiva gramatical em que é solicitado que o aluno identifique o processo e o descreva, apenas ao final um exercício reúne todo o conteúdo tomando como base um texto. A descrição do exercício é instigante (imagem 6.4) e traz junto o conceito de neologismo, no entanto, exercícios como esse podem ser de difícil execução, porque, como sabemos, quando um neologismo é criado, em alguns casos, ele entra para o léxico geral da língua com grande facilidade dependendo do seu tipo e, posteriormente, podem integrar o acervo de algum dicionário, então, perdem sua característica neológica caso siga o cri-tério lexicográfico. Todavia, o exercício proposto é bem rico porque trouxe um texto com neologismos que dificilmente integrarão a língua, são alguns deles “entrou-saiu”, “azulama-relecia”, entre outros. Assim, é possível perceber a presença de uma das categorias para a identificação de neologismos que, conforme Ferraz (2010, p.260) apoiado em Guilbert (1975) Guilbert (1975) define da seguinte maneira

- a) Uma unidade lexical pode ser considerada neológica se tiver surgido em um período recente (critério diacrônico);
- b) Uma unidade lexical será neológica se ainda não estiver registrada nos dicionários de língua (critério lexicográfico);
- c) Uma unidade lexical será neológica se apresenta traços de instabi-lidade formal (fonética, morfológico, gráfica) ou semântica (critério de instabilidade sistemática);
- d) Uma unidade lexical é neológica se os faltantes de uma comunidade linguística a percebem como uma palavra nova (critério psicológico) (FERRAZ, 2010, p.260-261)

Assim, para a consecução do exercício é possível perceber a adoção do critério psicológico, o que pode ser uma crítica, já que adotar o critério lexicográfico parecer ser o mais viável para o contexto da sala de aula. Considerar a “sensação de neologismo” é uma possibilidade ampla tomando como base alunos de diferentes contextos e grupos sociais, dessa maneira, para um o que pode ser considerado como uma palavra nova, para outros já pode ser de uso comum. Além do fato de que usar dicionários pode ser uma oportunidade de ampliar o contato dos alunos com esse material tão rico principalmente no que se refere ao trabalho com o léxico.

Figura 7.5 – Exercício sobre Composição e Produção Textual.

Pratique

Para que você possa pôr em prática o que aprendeu sobre a composição e outros processos de formação de palavra, transcrevemos, a seguir, a continuação do conto de Cíntia Moscovich. Sua tarefa será identificar, como fizemos no trecho inicial do texto, outras palavras compostas ou outros neologismos que evidenciam o investimento da autora nesses processos. No caderno, escreva um breve parágrafo em que você explique de que maneira essas palavras contribuem para a caracterização das personagens do texto.

Fonte: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA. Exercício (2008, p. 342)

Como dito anteriormente, retomamos aqui a necessidade de os exercícios abordarem os conceitos a partir de uma dimensão textual, isso porque é possível ler na descrição do exercício a emergência de que o aluno identifique a relação contextual que existe entre as palavras, como é possível combinar palavras com outras e, também, como existe uma finalidade no processo de criação de novas palavras, uma vez que os neologismos criados nesse texto são de caráter estilístico por integrar um texto literário, assim, não são de fácil adesão na língua portuguesa, mas imprimem um sentido que diz melhor o que o indivíduo quer retratar.

Mais à frente o livro abre outro capítulo com vistas a desenvolver mais uma vez o conceito de “Formação de Palavras”, dessa vez são abordados os processos de derivação (prefixal, sufixal, regressiva, parassintética, imprópria), no entanto, o tratamento dado é gramatical e não abre a discussão para o caráter neológico que essas formações assumem, de forma que, nos exercícios, conseqüentemente, a abordagem é gramatical. Nesse contexto, as autoras desenvolvem também os conceitos de afixos, ou seja, o processo de derivação é tomado como base para iniciar posteriormente um tratamento sobre as classes de palavras.

7.3 Português: Contexto; Interlocução e Sentido (2010)

Seguindo as análises, o segundo livro, que é destinado aos alunos do segundo ano do ensino médio não apresenta nenhuma seção relativa ao léxico, se resumindo apenas a listas de palavras ao final dos textos de forma a facilitar a compreensão do leitor. O material

é dividido em duas grades seções em que a primeira trata da literatura e a segunda sobre a gramática. Na primeira parte, da literatura não há nenhum tratamento sobre questões relativas ao léxico, apenas o trabalho com metáforas que dão indícios à discussão semântica das palavras, no entanto, não há nenhum aprofundamento, nem mesmo para o trabalho com o neologismo semântico ou formal, tão rico e produtivo dentro da literatura brasileira. A segunda seção, tratando especificamente sobre gramática, não há abordagem para o léxico, nem mesmo um aprofundamento sobre as regras de formação de palavras. Assim, fica perceptível como o aluno é privado da sua possibilidade de desenvolver a Competência Lexical. Por esse conceito entendemos como o domínio das unidades léxicas de forma a

usá-las adequadamente em função do contexto frásico, cognitivo e enunciativo, mas também significa ter pistas ou ferramentas para inferir aspectos imprescindíveis ao conhecimento sobre as palavras, conhecidas ou desconhecidas (aspectos categoriais, flexionais, semânticos e sintáticos) e, ainda, produzir palavras novas adequadas às necessidades (denominativas e discursivas) que ao indivíduo se apresentam” (CORREIA, 2011, p.226).

Então, quando privado da possibilidade de desenvolver sua competência lexical o indivíduo pode apresentar dificuldades no uso social da linguagem, principalmente, no que tange a sociedade contemporânea, dificultando, por exemplo, uma leitura crítica e proficiente, ou, até mesmo a elaboração de um discurso claro e coerente, o que é preconizado pelos PCN. O que vemos até aqui foi um trabalho extremamente gramatical, voltado apenas para a sistematização de regras gramaticais, o que, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997, p. 83-84)

Esse tratamento, que privilegia apenas os itens lexicais (substantivos, adjetivos, verbos e advérbios), acaba negligenciando todo um outro grupo de palavras com função conectiva, que são responsáveis por estabelecer relações e articulações entre as proposições do texto, o que contribui muito pouco para ajudar o aluno na construção dos sentidos. Considerando a densidade lexical dos universos especializados, em que a carga de sentidos novos supera a capacidade do receptor de processá-los, o domínio de amplo vocabulário cumpre papel essencial entre as habilidades do leitor proficiente. A escola deve, portanto, organizar situações didáticas para que o aluno possa aprender novas palavras e empregá-las com propriedade.

É importante ressaltar que mesmo os livros analisados sendo produzidos pela mesma editora, o material dedicado ao primeiro ano ainda apresenta vestígios, ainda que

não suficientes, no trabalho com o léxico quando apresenta a seção destinada às Regras de Formação de Palavras, ou apresenta exercícios que sugerem consulta a um dicionário, enquanto o material dedicado ao segundo ano não apresenta proposta nenhuma para que seja, no mínimo, discutido qualquer questão no que tange ao léxico.

7.4 Português: Contexto, Interlocução e Sentido (2013)

A análise empreendida no material destinado aos alunos do terceiro ano do Ensino Médio não apresenta diferença alguma do livro destinado ao segundo ano. Considerando a análise empreendida a partir do primeiro e do segundo material, por uma dedução, pressupomos que o presente livro, no mínimo, tangenciaria a questão das Regras de Formação de Palavras, no entanto, isso não aconteceu. O material que também segue a mesma editora e, inclusive, produzido por algumas das autoras que também participaram da elaboração dos outros dois, não apresenta proposta nenhuma para discussões relativas ao léxico e segue a lógica de manter uma seção apenas sobre gramática, entretanto, grande parte é dividido para o estudo dos tipos de orações e, posteriormente, abre para a discussão de gêneros e tipos textuais com foco no ENEM. As seções possuem uma discussão a respeito de linguagens, portanto, imaginamos que discutiria as várias possibilidades do uso da língua considerando as situações comunicativas, no entanto, não há uma abertura nem mesmo para os gêneros digitais. Esses apontamentos reiteram a necessidade de redimensionar o ensino da leitura e da escrita pautada em gêneros e estilos de linguagem que considerem o conhecimento prévio do aluno sujeito de forma que ele possa interagir com as diversas manifestações da língua, inclusive, das novas formações de palavras presentes nos gêneros digitais.

7.5 Português: A Arte da Palavra (2010)

O último livro analisado é da editora Nova Geração e é destinado também aos alunos do terceiro ano do ensino médio. Esse material possui abertura maior para as questões relativas ao léxico, logo no sumário é possível ver que há algumas unidades voltadas para a discussão sobre gírias, jargão e na unidade voltada para a literatura produzida pós-guerra há uma abertura para discussão sobre os neologismos, já que abordam João Cabral de Melo Neto, João Guimarães Rosa grandes nomes da literatura brasileira que possuem obras ricas em neologismos.

Logo no primeiro capítulo é aberta a discussão sobre as variantes linguísticas e chama a atenção porque discute, também, a questão da cultura e sobre como ela opera diretamente nos modos de representação linguística e, posteriormente, é iniciada uma discussão sobre a língua em uso e, a partir de então, sobre as gírias. As definições são bem delimitadas uma vez que discutem sobre cultura antes e, por isso, discutem as questões a respeito de um dialeto do grupo social de pessoas que praticam skate. Essa contextualização referente ao grupo social faz parte de uma das habilidades postuladas na BNCC (2017)

(EM13LP17) Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variação fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos (BRASIL, 2017, p.500).

Seguindo ainda nessa direção, o material traz várias atividades relativas a leitura e, por fim, discute o conceito de jargão e as questões de oralidade e a relação com a escrita, bem como uma abertura para a discussão sobre as linguagens seja ela formal ou coloquial.

Figura 7.6 – Exercício sobre Jargão.

Jargão

Jargão é um código linguístico próprio de um grupo social, notadamente encontrado em algumas profissões e áreas do conhecimento. Economistas, médicos, pilotos de avião e profissionais de outras atividades especializadas precisam, muitas vezes, usar palavras e expressões particulares de suas profissões para que a comunicação ocorra. Com vocabulário especial, difícil de compreender ou mesmo incompreensível para quem não pertence a um determinado grupo, o jargão diferencia-se da gíria por ter prestígio social não apenas dentro do grupo, como eventualmente em outros setores da sociedade. Por isso, algumas vezes se manifesta por meio de uma linguagem deliberadamente artificializada, por meio da qual o falante busca diferenciar-se das demais pessoas.

Fonte: RODELLA; NIGRO; CAMPOS. Definição (2010, p. 28)

Quando aberta essa discussão, o manual didático propõe como atividade que seja elaborado pela turma, de acordo com as instruções, um dicionário de gírias dos alunos. É interessante perceber como essa atividade desperta no aluno não só a ideia de materialidade das formas linguísticas próprias, isto é, utilizar conhecimentos prévios e do cotidiano e, mas também coloca o aluno em contato com a produção de um material que servirá

como acervo/registo da comunidade que eles estão inseridos, bem como a escolha da forma linguística a ser utilizada, por exemplo, na elaboração de verbetes, o trabalho com textos multissemióticos que possam contribuir para a leitura do consulente. É extremamente interessante os pontos levantados como dica para a produção desse manual, sendo (1) A preparação; (2) Selecionando as gírias; (3) Escrevendo os verbetes; (4) Trocando os verbetes; (5) Ilustrando os verbetes; (6) Finalizando o dicionário; (7) Pesquisando no dicionário. Atividades com essa fazem com que o aluno tenha dimensão da riqueza sobre o material que estão produzindo e permite, enquanto criadores, terem um contato real com esse acervo, entenderem a dimensão linguística de um grupo social e como ela pode ser diversa estimulando, assim, a pesquisa e interesse por áreas que em outros manuais não propiciaram.

Seguindo, na página 259, há uma abordagem, mesmo que pequena, sobre os neologismos e a capacidade criativa dos usuários da língua. É importante destacar que anteriormente são tratados os textos de Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector. O livro destina apenas uma página para a discussão sobre os neologismos e, felizmente, não aborda apenas as questões morfológicas do processo de criação de lexias na Língua Portuguesa. Ainda nessa discussão, há um importante detalhamento sobre como esses neologismos incorporam a língua, é importante destacar que os criadores se preocuparam em elucidar que os neologismos não são restritos à literatura, mas passa por um processo linguístico que perpassa todos os domínios da vida cotidiana, por exemplo, a aceitação entre os usuários da língua. Mesmo sendo destinada apenas uma página, há a presença de exercícios que desenvolvem esse conceito, no entanto, a forma como são cobrados explicitam como ainda falta uma contextualização, afinal, a proposta é que os alunos partam de palavras para definir seu sentido, para isso, nada mais importante que o contexto e que não seja feito apenas por um período frasal, mas que explicita o contexto todo, para que o aluno possa organizar as informações textuais, os elementos de referência que poderão, ou não, contribuir nessa dedução, bem como outros processos que levarão a uma resposta melhor elaborada.

Figura 7.7 – Exercício sobre Dedução de sentido.



2. Deduza o sentido das palavras em destaque nas frases abaixo, explicando como foram formadas por composição. Lembre-se de considerar o contexto em que foram empregadas.

- Ali, **antenasal**, de mim a palmo.
- Contra que aí estava com o fígado em más margens; pensava, pensava. **Cabismeditado**.
- O que frouxo falava: de outras, diversas pessoas e coisas, da Serra, do São Âo, travados assuntos, **insequentes**, como dificuldade.
- A conversa era para teias de aranha. Eu tinha de entender-lhe as mínimas entonações, seguir seus propósitos e silêncios. Assim no fechar-se com o jogo, sonso, no me iludir, ele **enigmava**.
- Como por socorro, espiei os três outros, em seus cavalos, intuídos até então, **mumumudos**.
(tuzir = falar baixo, murmurar)
- Só tinha de desentalar-me. O homem queria estrito o carroço: o **verivérbio**.
- Subiu em si, desagravava-se, num **desafogaréu**.

Fonte:RODELLA; NIGRO; CAMPOS. Definição (2010, p. 259)

É necessário destacar que esse manual, diferente dos outros analisados, apresenta uma diversidade maior em relação às questões relativas ao léxico, no entanto, o exercício acima explicita uma deficiência não só no tratamento dado ao léxico, mas às questões de linguagem, isto é, ainda falta a contextualização dos exercícios. Ora, se exigem processos cognitivos que demandam uma relação contextual é necessário que esse ambiente esteja preparado para que os alunos saibam, inclusive, interpretar da maneira correta o que é pedido. Assim como foi elaborado pelos exercícios no livro “Português: Contexto, Interlocução e Sentido” (2008) é necessário que os alunos, principalmente no que se refere à dedução de sentido, tenham contato com o contexto completo. O que nos chama a atenção é que no enunciado do exercício há uma chamada de atenção para o aluno: “Lembre-se de considerar o contexto em que foram empregadas.”, no entanto, não há nenhuma instrução para nos levar ao contexto completo.

De maneira geral, podemos afirmar que esse livro aborda as questões relativas ao léxico. Há uma abertura maior para questões que não sejam estritamente gramaticais, mas uma abordagem discursiva que considera intencionalidade, produtor, receptor, por exemplo, na elaboração do dicionário de gírias, no entanto, em alguns outros pontos ainda falta a dimensão contextual para a consecução das tarefas, todavia, como dito anteriormente, essa não é uma queixa apenas aos exercícios analisados, mas é possível perceber como grande parte dos materiais de Língua Portuguesa colocados para análise neste trabalho ainda precisam ser repensados no que se refere a importância que tem sido dada ao contexto para a consecução dos exercícios.

Tomando como base os três livros analisados, foi possível constatar como as teorias lexicais ainda continuam sendo marginalizadas, ou, o que é mais comum, ignoradas em sala de aula. Como apontamos anteriormente, é preciso que haja uma abordagem contextualizada, rica e sistematizada dos conceitos que circunscrevem o léxico, que contemple a dimensão do léxico e sua importância no ensino de Língua Portuguesa. A emergência para esse trabalho está diretamente ligada no uso social da língua, uma vez que, conhecer as palavras da língua incide diretamente nos processos de leitura e escrita que são fundamentais no cotidiano. A construção e interpretação de textos são facilitadas quando se desenvolve e estimula o que Correia (2011) chama de “riqueza vocabular”. Para a autora

Ao nível das atividades de compreensão, particularmente o domínio de um vocabulário rico tem um forte impacto positivo na leitura, facilitando a compreensão de textos das temáticas mais diversas. Constituindo a leitura o meio de acesso privilegiado ao conhecimento, em particular na escola, a riqueza vocabular do aluno será determinante para o seu sucesso escolar não apenas nas disciplinas de língua materna. (p.226)

Um exemplo clássico dessas implicações para a atividade de leitura são as interpretações dos enunciados de questões, as interpretações, por exemplo, dos temas para redação nos exames de larga escola, como o ENEM, em que muitos alunos não compreendem o objetivo precípua da atividade e, por vezes, tangenciam o tema ou até mesmo fogem ao tema. Então, por isso conhecer o universo das palavras da língua é tão importante, porque elas fazem falta nos usos sociais da linguagem e pode contribuir para o acesso dos alunos às universidades, por exemplo. Além disso, não conhecer as palavras da língua pode empobrecer a produção textual, uma vez que o aluno é privado de conhecer os recursos coesivos que o léxico oferece, assim como, “factores-chave para a estruturação do texto.” (CORREIA, 2011, p.226). Quando tratamos sobre conhecer o léxico da língua materna, estamos tratando aqui não só das questões morfológicas, como foi visto em grande parte dos livros. Conhecer as palavras da língua compreende, também, saber suas construções morfológicas, mas também, “a sua flexão, a sua categoria morfossintáctica, as relações gramaticais que estabelece com outras palavras, nomeadamente suas regras de subcategorização, isto é, a natureza sintáctica dos elementos que com ela coocorrem” (CORREIA, 2011, p. 229), dessa maneira, é possível viabilizar o uso consciente que garanta, por exemplo, a progressão textual, bem como a inferência de sentidos na interpretação de texto.

Além disso, o que temos visto atualmente e também foi possível constatar a partir das análises é que há uma tendência para o trabalho com gêneros textuais e, também, uma legitimidade no lugar hierárquico que a gramática ainda possui em sala de aula. O que apontamos aqui é que não se trata de não trabalhar gramática em sala de aula, o que buscamos reiterar é que além da competência gramatical, há, também, que se desenvolver outras competências necessárias para o aluno, como a competência lexical que pode operar substancialmente nos processos de leitura e de escrita. Além disso, o tratamento dado aos gêneros também precisa tomar uma dimensão maior no que se refere a, por exemplo, meio de circulação, receptores, intencionalidade, entre outros aspectos que não seja focada apenas nas estruturas dos gêneros, mas também, na sua dimensão discursiva e para isso o aluno precisa ter consciência dos diferentes usos da linguagem e sobre como as manifestações linguísticas podem ser diversas e, mais importante ainda, saber operar com esses novos textos que circulam, também, nas redes sociais digitais,

A Base Nacional Comum Curricular (2017) explicita a necessidade de que os ambientes escolares familiarizem os alunos com os gêneros digitais. Atualmente há uma emergência no que se refere não só ao uso de textos verbais, mas também não verbais e o trabalho com gêneros digitais contribuíram sobremaneira para os processos de leituras de textos multissemióticos. Além disso, existe uma intencionalidade por parte de quem produz o texto e entender o propósito comunicativo do texto, seja ele verbal ou não, é crucial, por exemplo, para definir o sentido de uma palavra ou o sentido global, para tanto, os alunos precisam estar cientes dos efeitos de sentidos que, por exemplo, o enquadramento de uma câmera pode exercer sobre a sua leitura de uma imagem assim como é postulado por SANTOS (2012, p.49)

A tecnologia informática não é o motor da transformação educacional, mas poderá ser impulsionadora de mudanças, a partir das reflexões que possa provocar. O aprendizado de um novo referencial exige mudanças de valores, concepções, ideias e atitudes. As mudanças que se fazem necessárias não dizem respeito apenas a metodologias diversificadas, ou ao uso de novos equipamentos, mas, especialmente, a novas atitudes diante do conhecimento e da aprendizagem, num permanente devir, capaz de orientar à prática e estabelecer novos valores de acordo com as exigências de uma época universalizada e sujeita a alterações.

É interessante perceber como Santos (2002) aponta para a necessidade de incorporar para as práticas educacionais o uso de diferentes práticas de ensino que valorizem o contexto em que os alunos estejam inseridos e a partir de então estabelecer, com base

na atualidade, “novos valores”, isto é, incorporar o que os alunos têm a oferecer e como eles encaram as novas tecnologias digitais e, partindo dos gêneros digitais, desenvolver as demandas da sociedade imersa na cultura virtual, no entanto, como dito, ainda há um movimento de marginalização desses gêneros, talvez pela transgressão que eles apresentam no que se refere às regras gramaticais normativas, no entanto, é importante ressaltar a incidência direta da internet nos modos de socialização dos indivíduos e como essa interação redimensiona os usos normativos da língua.

Tomando como base esse contexto, na próxima seção apresentaremos algumas propostas didáticas para o trabalho com os Processos de Formação de Novas Palavras em sala de aula, de forma a contribuir para o professor em sua atividade docente. É importante ressaltar aqui que os nossos encaminhamentos são sugestões de atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula e que contemplam não só a riqueza do conhecimento prévio dos alunos como também oportunizam espaços em sala de aula para o trabalho com as tecnologias e gêneros digitais. Essa preocupação tem como base todos os apontamentos que fizemos até aqui sobre o papel do ensino de línguas no processo formativo do aluno, então, não tratamos apenas sobre os processos de formação de palavras, mas buscamos apresentar práticas que possam dar autonomia aos estudantes de forma que eles consigam interagir não só entre “professor x aluno x colega de classe”, mas consideramos também os celulares, por exemplo, que podem ser grandes amigos ou inimigos do professor.

8 POSSIBILIDADES PARA O TRABALHO COM A LÍNGUA PORTUGUESA E GÊNEROS DIGITAIS

Sabendo, pois, da dimensão do léxico e sobre como ele incide diretamente no trabalho com a Língua Portuguesa em sala de aula, procuramos aqui apontar alguns encaminhamentos para o trabalho com as formações de palavras, isso, porque, mais do que analisar e procurar entender como o léxico é abordado nas metodologias, procuramos também abrir portas para que novas perspectivas sejam desenvolvidas em sala e não só um ensino centrado na gramática.

A partir da análise empreendida nos livros didáticos vimos como é emergente um ensino que se dedique mais às potencialidades que o léxico pode oferecer para o trabalho com a Língua Portuguesa. De acordo com Basílio (1987, p.21) não só nos manuais didático, mas também “nas gramáticas normativas os processos de formação de palavras são tratados, via de regra, apenas pelo lado da caracterização de classes de palavras ou categorias lexicais.”, isto é, não são exploradas as capacidades de inferências, a questão cultural que o léxico pode oportunizar para o estudo da Língua Portuguesa, entre outras potencialidades, assim, aqui apresentaremos algumas atividades que podem ser utilizada por professores.

Nossas atividades têm como público alvo aos alunos dos anos finais do ensino básico, isto é, turmas de Ensino Médio. Apresentaremos cinco atividades que potencialmente exploram a competência lexical do aluno e, também, os vários registros linguísticos prévios que os alunos podem agregar à discussão em sala de aula.

Atividade 1

Objetivo: Colocar em prática os processos de formação de novas palavras na Língua Portuguesa. (FORMAL/SEMÂNTICO/)

Descrição: O aluno precisará parafrasear o trecho selecionado usando palavras criadas por eles e adaptar ao estilo de linguagem usado por eles na comunicação cotidiana, para tanto será necessário o uso de dicionários.

Prezado aluno, vamos praticar o que aprendemos até agora? A língua é viva e o léxico está em constante expansão. Como não conhecemos todas as palavras da Língua Portuguesa, no exercício, a seguir, será necessário que você, inicialmente, leia, interprete-o e, posteriormente, traduza o texto para a sua linguagem, isto é, você deverá manter a ideia central, todas as informações que foram oferecidas no decorrer do texto, mas é importante que você utilize a sua forma de se comunicar, seja com jargões, gírias etc. Você precisa se apropriar das ideias do texto e transcrevê-la com a sua linguagem!

Nos EUA, uso de fake news nas eleições 2018 já superou Trump em 2016

Estudo da Universidade de Oxford mostra que promessas de Twitter e Facebook para conter *fake news* em suas plataformas não surtiram efeito

Por Guilherme Dearo, 3 nov 2018, 12h42

Apesar das promessas de Twitter e Facebook de lutarem contra as *fake news* (notícias falsas) em suas plataformas, pouco mudou após a eleição de Donald Trump em 2016, quando os escândalos das notícias falsas direcionadas definindo pleitos políticos começaram.

Um novo estudo da Universidade de Oxford mostra que as *fake news* e textos de ódio de cunho político distribuídos nas redes sociais em 2018 nos EUA, quando acontecem eleições legislativas, já é maior que o fluxo desses materiais durante a corrida presidencial que consagrou Trump como o novo presidente americano há dois anos.

As eleições de 2018 nos EUA vão definir a composição da Câmara dos Deputados e do Senado. Os democratas querem recuperar a maioria das duas casas, atualmente dos republicanos.

O estudo de Oxford analisou 2,5 milhões de *tweets* e 7 mil páginas no *Facebook* para encontrar os perfis mais responsáveis por espalhar as "*junk news*" (notícias lixo), termo que engloba as notícias falsas e também conteúdos de teorias da conspiração e material ofensivo.

Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/nos-eua-uso-de-fake-news-nas-eleicoes-2018-ja-superou-trump-em-2016/>

ATIVIDADE 2

Objetivo: Estimular o "gênero debate" em sala de aula como uma possibilidade de explorar a capacidade argumentativa dos alunos e, também, a produção de textos por meio de uma síntese.

Atividade -> Elaborar um debate com algum tema recente e pedir para que os alunos, ao final da atividade produzam uma síntese ou comentem o que acharam da discussão em termos de aprendizagem pessoal.

Aluno: **Prezado aluno, para a nossa próxima aula a atividade precisará que você esteja munido(a) de argumentos. Vamos montar um debate. Espere a professora separar os grupos e esclarecer as regras, mas já esteja inteirado sobre o tema! Argumente sempre que necessário. Argumente quando discordar, argumente quando concordar, argumente quando quiser completar a fala de alguém. Este espaço será todo para que você possa falar!**

Para o Professor: **Prezado Professor, sugerimos que você estimule um debate em sala de aula. A escolha do tema será de sua total liberdade, assim como os textos que servirão de base para os argumentos dos alunos, isso porque apenas você conhece bem seus alunos, apenas você pode dizer quais os temas transversais precisam ser tratados nessa fase. Sugerimos que você realize um debate regrado em que você seleciona um aluno para fazer as anotações e marcar o tempo, isto é, ajudá-lo nessa atividade, ainda em relação ao tema, é importante que seja discutido questões atuais, se possível solicite que os alunos procurem as raízes históricas que possam ajudar a compreender o problema. Não se esqueça de ter um plano (b), porque talvez o engajamento dos alunos no debate possa não ser suficiente, para isso sugerimos que você estabeleça os pontos que o debate deve perpassar, você pode fazer isso por meio de perguntas ou, até mesmo, tópicos. É importante lembrar que essa atividade exige a participação dos alunos, então, preocupe-se sempre em criar um ambiente em que eles possam falar. Ao final, solicite que eles façam um breve comentário sobre o debate, isso funcionará tanto como uma produção de texto, como também uma avaliação sobre o que eles compreenderam.**

ATIVIDADE 3

Objetivo: A partir da parte teórica a respeito dos processos de formação de palavras, os alunos devem retirar comentários da internet em que haja algum dos processos mencionados no material didático.

Atividade -> Procurar por comentários em algum site de jornais *online* em que seja utilizando palavras formadas por afixo, ou algum processo de formação de novas palavras. Ao final explore dos alunos o porquê do uso daquele afixo, quais os elementos formadores daquela palavra, se foi possível perceber muitas palavras criadas e como eles encaram o processo de formação de novas palavras na língua.

Prezado aluno, neste momento vamos utilizar tecnologia. Se você estiver com seu celular em mãos será uma ótima oportunidade para aproveitá-lo em sala de aula. Caso não esteja, você pode solicitar ao professor que essa aula seja realizada no laboratório. O que você acha? Para a consecução desse exercício você precisará retirar comentários da internet, seja do Facebook, YouTube ou qualquer outro canal que repasse informações. Retire os comentários que haja algum processo de formação de novas palavras que vimos durante esse capítulo do livro (Derivação, Composição, Neologismos Semânticos ou Por empréstimo). É importante que você recolha o máximo possível de formações neológicas e procure entender os processos pelos quais essas formações perpassam. Aproveite esse momento para tirar dúvidas sobre os processos de formação de palavras.

ATIVIDADE 4

Objetivo => Fazer com que o aluno utilize os conhecimentos adquiridos naquela aula como forma de produção textual, para isso, será necessário que os alunos se recordem de processos como abreviação, neologismo semântico ou, até mesmo, de empréstimo.

Atividade => Produzir conteúdo para web, utilizando de os processos de formação de novas palavras.

Prezado aluno, você já se imaginou trabalhando em uma grande Star-Tup? Ou até mesmo em uma empresa de grande porte como o Google, ou Netflix? Seria bem interessante, não é mesmo? Então, agora imagine que você trabalhe para a Netflix e é sua missão cuidar das redes sociais, mais especificamente o Twitter, então, considerando a quantidade de caracteres permitida pela rede social (280 caracteres), você precisa elaborar uma chamada para o novo filme que vai estrear no catálogo da empresa. Aqui vai alguns passos:

1º Escolha um filme que você goste;

2º Faça você mesmo um resumo do filme;

3º Monte a sua chamada para o filme se adequando ao tipo de linguagem utilizado na rede social, à quantidade de caracteres, entre outras peculiaridades do Twitter.

Você precisa ser criativo. Pode utilizar abreviações, pode formar um neologismo semântico ou, até mesmo, incorporar palavras de outras línguas! Uma outra dica é: imagens são sempre interessantes. Você também pode usá-las.

Os exercícios sugeridos por nós não se restringem apenas aos processos de formação de palavras, mas, antes, nos preocupamos em trazer de maneira contextualizada possibilidades para explorar em sala de aula questões que façam parte do cotidiano dos alunos, considerando o conhecimento prévio que eles possuem, as palavras que pertencem aos grupos sociais que eles interagem, isto é, abordar outras questões não sejam exclusivamente gramaticais, mas que também possam contribuir para o processo de escrita dos alunos. Estas propostas podem auxiliar tanto o professor a trabalhar outras perspectivas em sala de aula quanto desenvolver o conhecimento gramatical do aluno.

A nossa ideia central quando elaboramos estas atividades foi a de explorar as várias possibilidades e semioses da língua, apontamos também que ao professor é importante o estímulo para que os alunos trabalhem com novas semioses, isto é, incorpore ao texto não só as palavras, mas também imagens, sons, principalmente em se tratando dos exercícios que exigem textos curtos. Além disso, o trabalho com debates orais pode, de acordo com a BNCC (2017, p.153)

(EF69LP38) Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou slides de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiótica, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea.

De maneira geral, os exercícios propostos visam o trabalho contextualizado em que a dimensão linguística do processo de formação de novas palavras não perpassa apenas pelo campo gramatical, mas também discursivo, isso porque a preocupação não é somente em decorar os nomes das classes, entre outros aspectos, mas entender seu uso, suas funcionalidades e sua capacidade de contribuir para a produção de textos.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua revela sua complexidade a partir do momento que a consideramos como um organismo vivo. Nesse sentido, ela se reorganiza ao passo em que seus usuários evoluem enquanto sociedade. A tecnologia digital trouxe amplos redimensionamentos para os modos de interagir na sociedade com novos gêneros e novas formas de grafar palavras já dicionarizadas. Entender essa complexidade é compreender que ela, a língua, é singular aos sujeitos que a manipulam criando novas palavras e, até mesmo, novas organizações sintáticas que no momento parecem dizer melhor o que se pretende.

Nesse contexto, é necessário que entendamos a emergência de se tratar o ensino de Língua Portuguesa como algo a ser redimensionado, uma vez que é visível, atualmente, a preocupação dos nossos colegas professores em contemplar novas perspectivas que não sejam estritamente gramaticais, então, é necessário que advogemos por um ensino que seja pautado também nas potencialidades que o léxico encerra. Como citamos durante o texto, conhecer as palavras da língua é mais do que um procedimento de adquirir novas palavras, mas é, também, oportunizar a elaboração de discursos cada vez mais claros. É, também possibilitar que os sujeitos desenvolvam a interpretação de textos e assim por diante.

Além disso, é preciso reconhecer também que grande parte das evoluções que acompanhamos hoje é um reflexo dos avanços tecnológicos que permitiram não só a criação de armas, mas também propicia a criação de novas palavras que exprimem novos sentimentos e novos agrupamentos sociais. A tecnologia traz aos estudos linguísticos oportunidades de estudos ainda não percebidas por nós. A hibridização de gêneros textuais, por exemplo, é um fenômeno que possibilita novas formas de interagir socialmente, ditando novas formas de linguagem, novos parâmetros de construções fraseológicas que só podem ser percebidas por seus usuários.

Sabendo disso, os gêneros, por sua vez, se enriquecem e trazem novas semioses e permitem que seus usuários explorem sua multimodalidade aproximando cada vez mais o contato entre os usuários da língua. Despertar para o uso de gêneros digitais pode aproximar não só o ensino da realidade do aluno, como também pode aproximar o professor do seu estudante, afinal, o objetivo no ensino e aprendizagem é maior do que a transmissão de conhecimentos e envolve afetividade.

E, assim, conhecer um gênero novo, como é o caso do comentário online pode ampliar o processo de significação do ensino nos alunos, afinal, a escrita não deveria ser mistificada ao ponto de que os sujeitos se julguem incapazes de o fazer. Escrever é parte da interação entre os sujeitos e direito de todos participar desses processos. A escrita de um comentário online, mesmo que de apenas poucas palavras, é capaz de tornar um sujeito crente de que é possível escrever em outros documentos.

Educar, atualmente, é um processo que passa não só pela parte do conteúdo, mas exige afetividade e resistência. É entender que os alunos fazem parte de um processo em que eles são os sujeitos do próprio conhecimento. Ensinar Língua Portuguesa não é apenas explicar os processos sintáticos ou as regras de regência, é por meio da língua que as pessoas se entendem como povo e, assim, buscam cada vez mais melhorias.

Encerro este laborioso trabalho com as palavras de Adélia Prado, em seu poema “Ex-Voto”:

“(…)Quase entendo a razão da minha falta de ar
Ao escolher palavras com que narrar minha angústia, eu já respiro melhor.
A uns, Deus os quer doentes, a outros quer escrevendo.”

Coraçõamente, agradeço a todos que dedicaram seus momentos a essa leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, I. M. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- ALVES, I. M. Neologia e ludicidade: a construção de compostos lúdicos no português brasileiro. **Ed. UFMS**, v.7, p. 117–128, 2014. *As ciências do léxico : lexicologia, lexicografia, terminologia*, vol. 7. 1ed.
- ANTUNES, I. **Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2012.
- ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. O. **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BARTON, D. et al. **Situated literacies: Reading and writing in context**. London: Psychology Press, 1998.
- BASILIO, M. **Teoria lexical**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- BASILIO, M. **Formação e classes de palavras no português Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- BAZERMAN C., C. **Gêneros textuais, tipificação e interação. Tradução de Judith Chambliss Hoffnagel**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006. Tradução de: Textual genres, typification and interaction.
- BERTUCCI, R. A.; NUNES, P. v. Interação em rede social: das reações às características do gênero comentário. **Domínios de Lingu@gem**, v. 11, n. 2, p. 313–338, 2017.
- BISOGNIN, T. R. **Do internetês ao léxico da escrita dos jovens no Orkut**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul., 2008.
- BRASIL, M. d. E. Base nacional comum curricular. **Brasília, DF**, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/bncc-ensino-medio> >. Acesso em: 17 out. 2018.
- BRASIL, S. d. E. F. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. São Paulo: DP & A, 1997. v. 2.
- BUZATO, M. E. K. **Letramentos digitais e formação de professores**. São Paulo: Portal Educarede, 2006.
- CONTIERO, E.; FERRAZ, A. P. A neologia de empréstimos no ldp: uma abordagem a partir dos atos discursivos. **Léxico: Investigação e Ensino. Rio de Janeiro: Dialogarts**, p. 45–59, 2014.
- CORREIA, M. Produtividade lexical e ensino da língua. **Língua portuguesa: descrição e ensino. VALENTE, AC; PEREIRA, MTG (org.)**. Rio De Janeiro: UERJ, p. 223–237, 2011.
- COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2005.
- COSTA, R. **A cultura digital**. São Paulo: Publifolha, 2008. 98 p.

- CUNHA, D. d. A. C. d. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. **Investigações, Linguística e Teoria Literária**, v. 25, n. 2, p. 21–41, 2012.
- DIONÍSIO, A. P. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; SIEBENEICHER, K. O. (Ed.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. cap. Gêneros multimodais e multiletramento, p. 131–144.
- FERRAZ, A. P. In: SEABRA, M. C. (Ed.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. cap. A inovação lexical e a dimensão social da língua, p. 217 – 234.
- FERRAZ, A. P. In: HENRIQUES, C. C.; SIMÕES, D. . O. (Ed.). **Língua Portuguesa, Educação e Mudança**. 1. ed. Rio de Janeiro: Europa, 2008. v. 1, cap. Os neologismos no desenvolvimento da competência lexical, p. 146–162.
- FERRAZ, A. P. Publicidade: a linguagem da inovação lexical. **Neologia e neologismos em diferentes perspectivas**. São Paulo: Paulistana, p. 251–275, 2010.
- FILHO, F. A.; SANTOS, E. P. dos. O tema da enunciação e o tema do gênero no comentário online. **Fórum Linguístico**, v. 10, n. 2, p. 78–90, 2013.
- GANANÇA, J. H. L. **Um estudo da prefixação em unidades lexicais neológicas coletadas de blogs da internet**. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, 2017.
- GUILBERT, L. Théorie du néologisme. **Cahiers de l’AIEF**, Association Internationale des Études Françaises, v. 25, n. 1, p. 9–29, 1973.
- GUILBERT, L. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.
- KATO, M. A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Editora Ática, 1986. v. 9.
- KOMESU, F.; TENANI, L. A relação fala/escrita em dados produzidos em contexto digital. **Scripta**, v. 13, n. 24, p. 211 – 226, 2009.
- KOMESU, F. C. A “skrita” na internet. **Discutindo Língua Portuguesa [especial]**, v. 1, n. 1, p. 56–57, 2008.
- LABATE, F. G. **Vocabulário da economia: formas de apresentação dos estrangeirismos**. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, 2008.
- LEAL, M. R.; STREET, B. V. The “academic literacies” model: Theory and applications. **Theory into practice**, Taylor & Francis, v. 45, n. 4, p. 368–377, 2006.
- LISKA, G. J. R. **O humor da palavra e o desenvolvimento da competência lexical: análise de livros didáticos de português dos anos finais do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.
- MARCUSCHI, L. A. et al. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, v. 20, 2002.
- MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. et al. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 1.

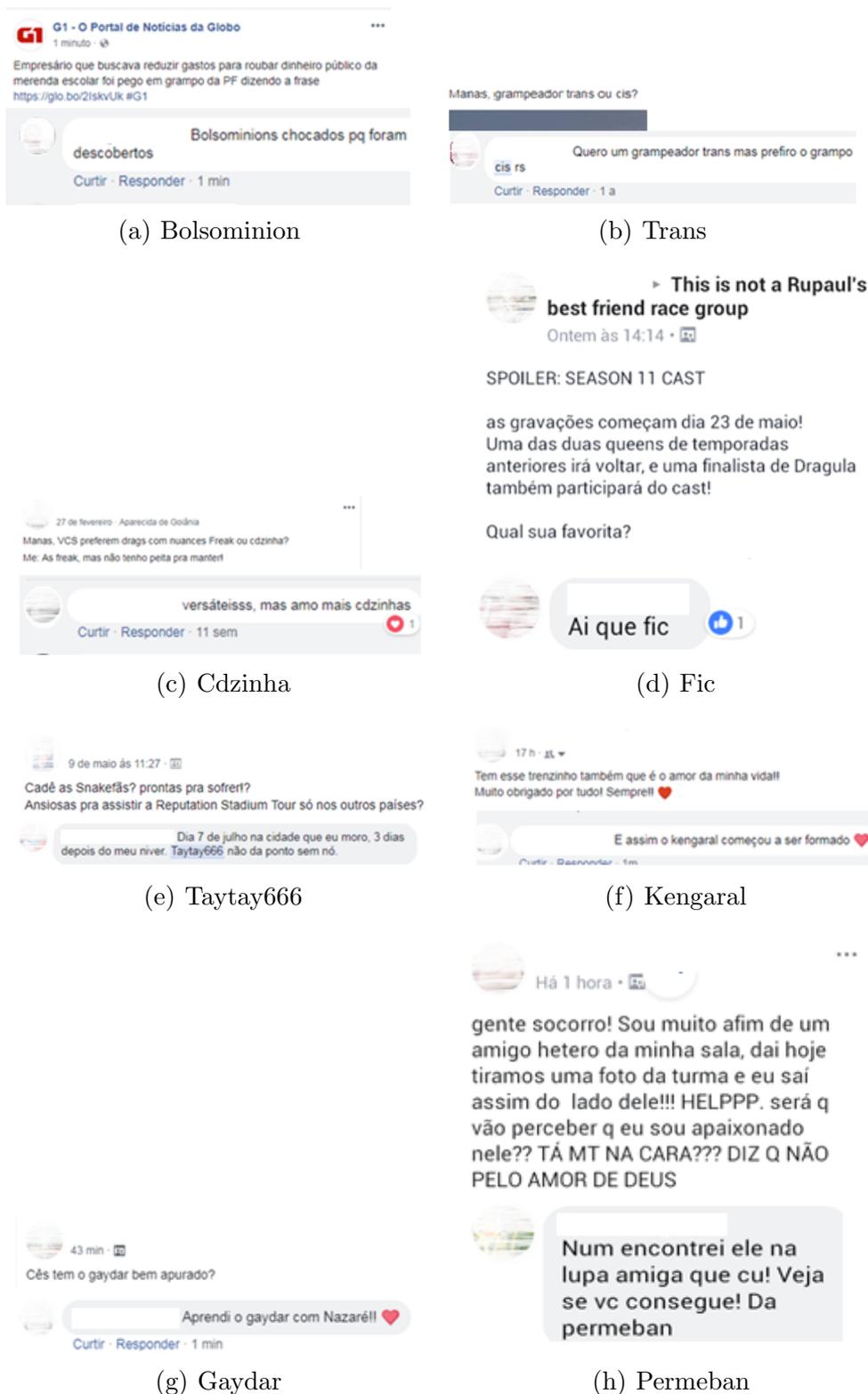
- MIOTELLO, V. In: BRAIT, B. O. (Ed.). **Bakhtin: conceitos-chaves**. São Paulo: Contexto, 2007. cap. Ideologia, p. 167–176.
- MOURA, E.; ROJO, R. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. P. 7-10.
- PINHEIRO, P. Construção multimodal de sentidos em um vídeo institucional:(novos) multiletramentos para a escola. veredas (ufjf. online), v. 19. 2015.
- REMENCHE, M. d. L. R.; ROHLING, N. O horizonte valorativo em enunciados do gênero comentário online: uma escuta dialógica. **Fórum Linguístico**, v. 13, n. 3, p. 1460–1475, 2016.
- RIBEIRO, A. E. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. **Revista da ABRALIN**, v. 8, n. 1, 2017.
- SANDMANN, A. J. **Competência lexical: produtividade, restrições e bloqueio**. Curitiba: Ed. UFPR, 1991.
- SANTOS, E. P.; FILHO, F. A. O plurilinguismo no gênero comentário online: Encontro e confronto entre muitas vozes sociais/multilingualism gender review online: Datingconfrontationbetweenmany social voices. **Revista FSA (Centro Universitário Santo Agostinho)**, v. 11, n. 2, p. 301–317, 2014.
- SANTOS, R. C. **Neologismos lexicais em gênero textual emergente: análise de textos veiculados no Facebook**. Dissertação (mathesis) — UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. 118 f.
- SANTOS, S. F. In: FILHO, A. V.; MONTEIRO, S. C. F. (Ed.). **Cultura e conhecimento de professoras**. Rio de Janeiro: DP e A, 2012. cap. Processos de desenvolvimento de “novas práticas”: apropriação e uso de novas tecnologias.
- SARMENTO, L. L.; TUFANO, D. **Português: literatura, gramática, produção de texto**. São Paulo: Moderna, 2010. v. 1.
- SILVA, I. M. M. **Gêneros digitais: navegando rumo aos desafios da educação a distância**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Pernambuco, 2012.
- SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita: alfabetização como processo discursivo**. São Paulo: Cortez / Campinas, SP: Editora Unicamp, 1988.
- SOARES, M. Letramento em texto didático: o que é letramento e alfabetização. **SOARES, Magda. Letramento um tema em três gêneros**, v. 2, 2000.
- SOUZA, R. A. d. In: PAIVA, V. L. M. d. O. (Ed.). **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001. cap. O discurso oral, o discurso escrito e o discurso eletrônico.
- TFOUNI, L. V. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso**. Campinas: Pontes, 1988.
- TORRANO, S. D. P. **Produtividade e Criatividade do Léxico: Os Neologismos na área da informática**. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, 2010.

VALENTE, A. C. In: ISQUERDO, A. N.; DALCORNIO, G. O. M. O. (Ed.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 1. ed. Campo Grande: UFMS, 2014. VII, cap. Criações neológicas na linguagem midiática: aspectos semântico-discursivos, p. 49 – 62.

XAVIER, A. C.; SANTOS, C. F. In: ARAUJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. O. (Ed.). **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. cap. E-forum na Internet: um Gênero Digital, p. 30–38.

A APÊNDICE 1

Figura A.1 – Dados Coletados



Fonte:Do Autor, 2019

Figura A.2 – Dados Coletados (Continuação)

Asia acabou de falar no stories do instagram que alguns "fãs" do programa ameaçaram tacar fogo nela.

tradução.
"Alguns de vocês devem ter notado uma mudança na minha forma de lidar com as coisas, e eu sinto que devo a todos uma explicação de coração.



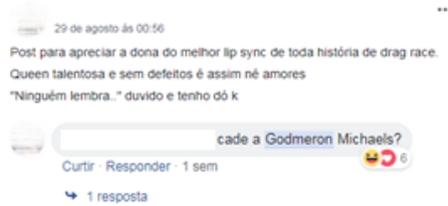
(a) Ban



gente socorro! Sou muito afim de um amigo hetero da minha sala, dai hoje tiramos uma foto da turma e eu sai assim do lado dele!!! HELPPP. será q vão perceber q eu sou apaixonado nele?? TÁ MT NA CARA??? DIZ Q NÃO PELO AMOR DE DEUS



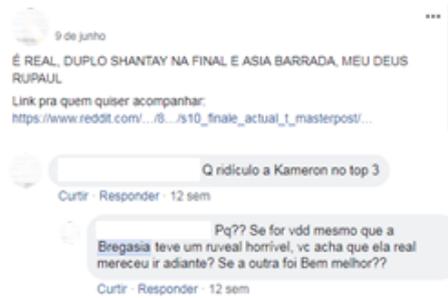
(b) Poc



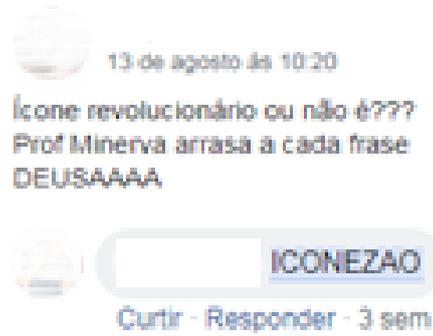
(c) Godmeron



(d) Goreka



(e) Bregasia



(f) Iconeção



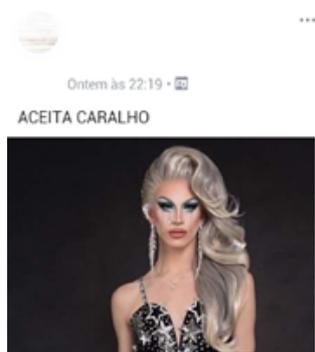
(g) Psee



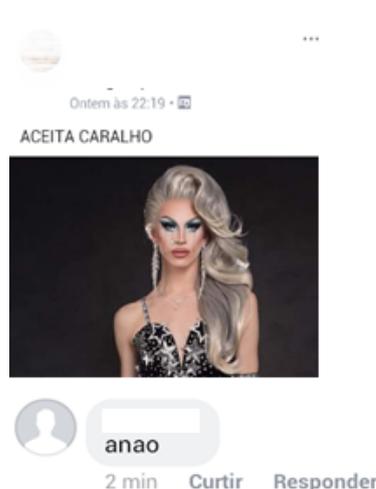
(h) Hino

Fonte:Do Autor, 2019

Figura A.3 – Dados Coletados (Continuação)



(a) Aquariologia



(b) Anão

Morrendo de medo de fazer a tour sobre transtornos mentais mas vamo faze assim mexmo

Oi manas, eu sou autista ♥
Nessa foto sou eu no colo do meu namorado, depois de uma crise.
E vim aqui pra enaltecer o hino de namorado que tenho ♥
Caso vocês não saibam, a pessoa com autismo tem uma grande disabilidade social.



(c) Shippo

meu deus do céu



Essa make dos videoszinhos ficou péssima mesmo, mas desde a 9 temporada a Raven tá mandando muito bem.

(d) Videoszinhos

Assistindo a Phi Phi quebrando o contrato dela no Twitter



TOU MORRENDO Olha o barraco q a phi² ta aprontando.

(e) Phi²

Hieeee
Preciso contar dessa experiência que foi encontrar essa queen maravilhosa acho que vocês conhecem, caso não é a **Alaska Thunderfuck** ♥ Ela se apresentou em SP sábado, foi super carismática, disse que os brasileiros são os melhores fãs no mundo, eu fiquei extremamente nervoso perto dela no meet shuausahuahs ela falou da minha camiseta com um... [Continuar lendo](#)

te amo godlasky

(f) Godlasky

Vocês já foram sequestrados?
EDIT: caralho o homem ta levando um brinquedo pra alguma criança provavelmente filho/neto dele. eu ri tanto mas agr tô com dó oha q tristeza genteeee



Uatafoqui

(g) Uatafoqui

Kd as manas com o nome grande???

Toda vez que comento em alguma tour as pessoas falam do meu nome, quero encontrar mais pessoas com nomes grandes pra não ficar sozinha nessa djkskdjdsak

Edit precoco: galera, tem gente achando ruim de usar o nome completo no facebook. SÓ QUERIA DIZER QUE EU GOSTO DELE INTEIRO E COLOCO TUDO SIM, bjs ♥... [Ver mais](#)

Meu nome é enorme mas não uso ele todo no fb. Deus me dibre, é pedir pra sofrer

(h) FB

Figura A.4 – Dados Coletados (Continuação)

gente socorro! Sou muito afim de um amigo hetero da minha sala, dai hoje tiramos uma foto da turma e eu saí assim do lado dele!!! HELPPP. será q vão perceber q eu sou apaixonado nele?? TÁ MT NA CARA??? DIZ Q NÃO PELO AMOR DE DEUS

AAAAAAA QUE POC FANFIQUEIRA FUDIDA

(a) Fanfiqueira

Gente, essa minha amiga gosta de montagens. Sonho dela é virar meme pós Photoshop tour Mariana entra aí, acompanha de perto Diz que quer voar. Ela é a própria Sininho.

ac

(b) Ac

RPDR mudou ou ajudou vcs em suas vidas de alguma forma? Quando eu conheci, estava meio mal, e assisti-las, como forma de distração, mas também, vendo como ela superaram cada coisas na vida delas é expuseram isso, e hoje como estão, me deram um puuuuuta apoio. me atrapalhei eu deveria estar estudando, mas não, estou assistindo RPDR kkkkk



(c) RPDR



season 6 pra mim foi PARTY
2 h Curtir Responder 2

(d) Season

Mama Ru tirando foto com o Compadre Washington, musa acessível. Foto de 1991.



Ru tem Sempre fico chocada com os 200 dente q mama
Curtir Responder 2 sem 16

(e) Mama



bug da rupoc 1

(f) Bug



ser winner é essencial porra. te amo aquaria
Curtir Responder 9 sem 1

(g) Winner

Como anda a vida sexual de vcs?
A da minha amiga vai muito bem
Edit: 80% das manas estão muito bem com suas vidas sexuais, já o resto não transam mesmo.
Edit2: Minha amiga disse que o namorado dela amou e disse q nunca irá se esquecer
Edit3: Ai manas seria o meu sonho também, porém não tenho vida sexual.

Grito 1
Curtir Responder 5 d

(h) Grito

Figura A.5 – Dados Coletados (Continuação)



(a) Daddy

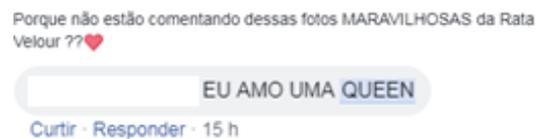
Me:Assistir vídeos de grande cantores as cantando ao vivo! ♥ ♥



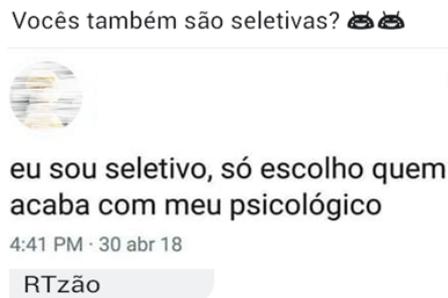
(b) @



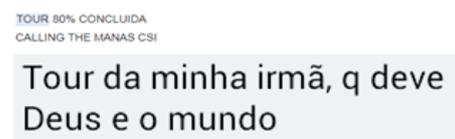
(c) Fandom



(d) Quuen



(e) Rtzão



(f) Tour



(g) Mansplaining

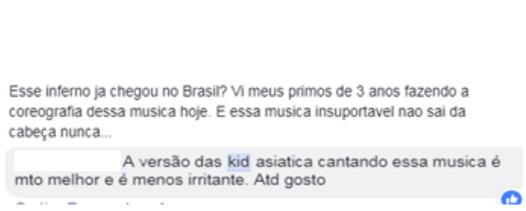
um marco histórico pro movimento lgbt. a funkeira jojo erradica a homofobia no dia 12/7/2018.



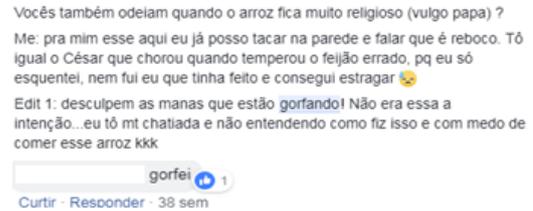
(h) Chernobyl

Fonte:Do Autor, 2019

Figura A.6 – Dados Coletados (Continuação)



(a) Kid



(b) Gorfei



(c) Fake News



(d) Pink Money



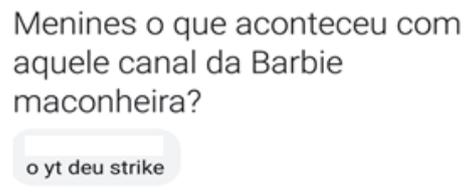
(e) Shade



(f) Ownou

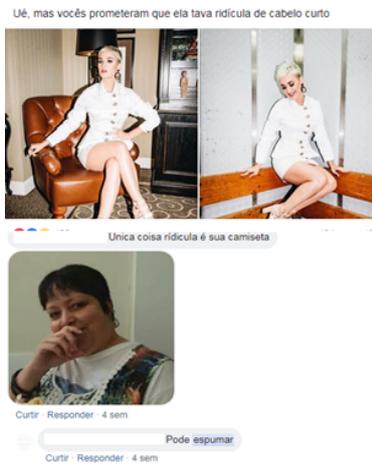


(g) Insta



(h) YT

Figura A.7 – Dados Coletados (continuação)



(a) Espumar

A Fav de vocês também desperdiça hinos? Porque a Demi Lovato esnobou My Love Is like a Star bonito...
Crlh muito minha fav essa

(c) Fav

E só eu que não sinto tesão por pessoas negras?

Cadê o biscoito dele, gente?

(b) Biscoito

um marco histórico pro movimento lgbt. a funkeira jojo erradica a homofobia no dia 12/7/2018.

Berro kkkkkk

(d) Berro



É aquele ratobarata de how i meet your mother

(e) Ratobarata



Bolsonetes/Marionetes

(f) Bolsonete



E esse negocio de "aquaria mesma disse q merecia bottom" só stopem pq se fosse pra as queens acharem alguma coisa Milk teria ganhado aquela challenger no AS3.... Quem tem que achar alguma coisa é a Ru Paula!

(g) Stopem

Obrigado, Derrick, por me ensinar história gay quando ninguém ao menos tentou



a willam só anda com essa cara de desgosto kkkkkkkkk meu mood eterno pra vida

(h) Mood

Figura A.8 – Dados Coletados (Continuação)



Cada dia um close errado maior q o outro

(a) Close

Vocês tbm amam pop em balada? Funk é tudo de bom no entanto um pop dançante faz as pessoas surtarem!!! ❤️❤️❤️

13

pelo amor de deus gente eu não aguento mais, a gente caça balada LGBT pra dançar umas britney, umas beyoncé, umas leid gaga e simplesmente NÃO TEM porque? porque as monilde fica fazendo mil festa pop com tema funk que fica TACA TACA TACA a noite toda

parem

Monilde é novo Hahahahaha

(b) Monilde

AAAAAH NÃO GENTE, alguém me faz parar! Não acredito no que tô vendo, É A GOLPIXINHA, a coxinha oficial do Brasil!!!!
Recheada com frango, com o supremo, com tudo.
Diz a lenda que quem come, não aposenta nunca mais!!!!
Já tô esperando a PF aqui de joelhos kkkkk



Igualzin



um marco histórico pro movimento lgbt. a funkeira jojo erradica a homofobia no dia 12/7/2018.

DESVER

(c) Desver

(d) Igualzin

Isso é catfish? Não sei, mas quero ajuda de vocês.

Minha amiga conheceu um boy no tinder e ta achando que é fake. O boy a chamou p sair em outra cidade e ela ta com medo de ser cilada. Como não arrebataram ela ainda (arrebatem minha amiga Amanda pfvr) ela pediu a minha ajuda pra pedir a ajuda de vcs.

Essas sao as fotos do dito cujo e a gente ja pesquisou no google mas n achamos nada. Se algum conhecer se manifeste. Pq se nao for cilada ela vai se esbaldar nesse boy

Up quero desfecho

13 h Curtir Responder

(e) UP

Manas, como é o grupinho de amigos de voc no role?

Pq os meus são assim:

eu e meus migos

11 min Curtir Responder

(f) Migos

Tour do banho

Manas alguns amgs meus me julgam por tomar banho na hr do almoço e falam q dev tomar a noite,porém eu começo trabalhar as e vai até às 3 da madrugada,então não tem como eu tomar banho a noite haushauh

P vcs tem horário certo p banho?

Edit1: De acordo com a mana "Ah gente. O banho é só sábado. De segunda à sexta é lenço umedecido"

Toda hora é hora de um banhozinho

3 min Curtir Responder

(g) Banhozinho

Essa vergonha eu não passei. Mas na época queria muito!



Infelizmente tive e na minha cidade virou moda dnv

16 min Curtir Responder

(h) Dnv

Figura A.9 – Dados Coletados (Continuação)

Vamos enaltecer a modelo mais bem paga do mundo? Pode entrar Kendall Jenner

Gente, mas o dono do post não forçou em momento algum, só disse que ela é a mais bem paga e não mentiu, já q eles não contam os lucros apenas como modelo e Kendall é garota propaganda de várias marcas e tem o nome super em alta e rainha Giselle se aposentou

(a) Post

Sem você nenhuma conquista seria possível. A ajuda por menor que seja, faz a diferença. Contamos com sua contribuição!

Vejo que vários candidatos dizem o que já fizeram #bostanaro fez o que? além de depois de 27 anos mamando?

2 d Curtir Responder

(b) Bostanaro

Sim, é 'Eu, minha avó e a Boi'.

<https://glo.bo/2x4JWVf> #G1



G1.GLOBO.COM

Falabella anuncia série inspirada em história de rivalidade entre vizinhas ...

Chuupa GLOBOLIXO:: "não me parece que a conduta do denunciado tenha extrapolado os limites da sua liberdade de expressão" (Ministro Alexandre de Moraes) #Bolsonaro2018

8 min Curtir Responder 2

(c) Globolixo

Fonte:Do Autor, 2019

B APÊNDICE 2

Figura B.1 – Dados Coletados - Frases feitas



(a) Lili vai cantar



(b) Jair se acostumando

Sei que vocês não aguentam mais eu postar tanta coisa sobre o AS4, mas dessa vez vale a pena.

Willam cancelou os shows que ela faria semana que vem e as filmagens começam semana que vem.

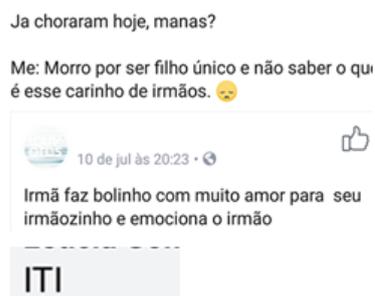
Sabemos que a Willam tem briga com a WoW e com a Logo, mas agora que o programa tá mais ligado com a VH1, será que a VH1 colocaria a Willam no cast? Willam é fan favorite e tornaria a season ainda mais sickening.

serasse

(d) Será se



(c) O vale



(e) Iti

Oi, gays. Quem tá a fim de batalhar com cards num "Al Winners"?

Cansado de ver gente fazendo esses "Vote Race" e jogando queens no bottom em desafios em que elas não mereciam (e também porque não tenho nada melhor pra fazer com meu tempo livre), decidi fazer um levantamento sobre em quais categorias as winners mais se destacam.

Fonte: arial 12

(f) Fonte: (Arial, Times)

Agora sim a Renner foi longe demais

Edit1: Gente, eles fizeram uma coleção com varias outras. Estão muito que bem lixo 😊

Edit2: Grande maioria querendo a cabeça do diretor criativo da Renner. Poucas manas amaram o look. LINDAS NÃO FAÇAM ISSO, ESSA CAMISA É PÉSSIMA!

trending topic

28 min Curtir Responder



(g) Sipa

(h) Trending Topics

Fonte:Do Autor, 2019

Figura B.2 – Dados Coletados - Frases feitas (Continuação)

A moeda americana está perto de bater nova máxima histórica; entenda esse movimento. #G1



G1.GLOBO.COM
6 pontos para entender por que o dólar está subindo tanto

Eu sou mulher da vida sou **Ciro Gomes** 12
17 min Curtir Responder 1

Lavou, tá novo!

Feijão no pote de sorvete tudo bem .
AGORA AÇAFRÃO NO POTE DE NESCAU É SACANAGEN 😞

É cilada Bino
14 min Curtir Responder

(a) É cilada Bino

(b) Lavou, tá novo

Fonte:Do Autor, 2019